

a filha do
VIUVO
que me odeia

ALINE PÁDUA



a filha do
VIUVO
que me odeia

ALINE PÁDUA

Copyright 2022 ©

1º edição – maio 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Revisão: Sonia Carvalho

Diagramação: AAA Design

SUMÁRIO

[SUMÁRIO](#)

[NOTA](#)

[UMA GRAVIDEZ INESPERADA](#)

[CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo](#)

[O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY](#)

[FELIZ NATAL, TORRES](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO](#)

[GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA](#)

[O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ](#)

[PLAYLIST](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[PARTE 1](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO VIX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[PARTE 2](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XXX](#)

[CAPÍTULO XXXI](#)

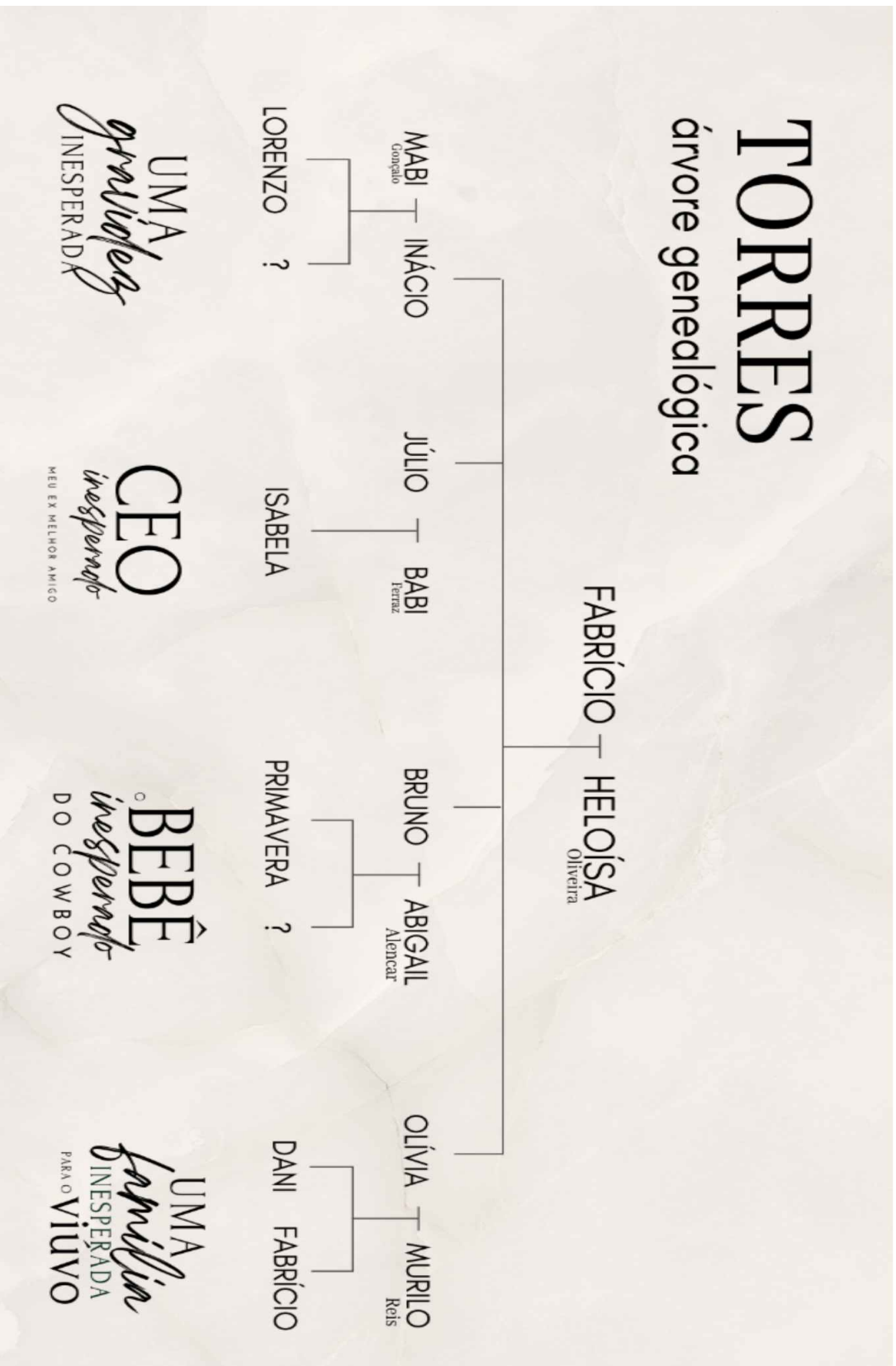
[FESTA DA JAS](#)

[EPÍLOGO](#)

[EXTRA](#)

[NOTA](#)

Árvores Genealógicas TORRES-REIS





E dando continuidade à nossa Família Reis, vamos à caçulinha – Carolina, ou Barbie pros íntimos.

Como sabem, existe uma ligação entre a série da Família Reis e a série da Família Torres (os livros estarão listados abaixo; há árvores genealógicas disponíveis ao final do ebook). Recomendo a leitura da Família Torres antes da leitura da Família Reis, contudo, se não se importar com vários personagens, sinta-se à vontade para ler na ordem que desejar (leia o recado abaixo para melhor entendimento).

Para embarcar de cabeça na Família Reis, torna-se obrigatória a leitura do LIVRO 4 da Família Torres – UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO (a história de Murilo Reis), do

LIVRO 1 da Família Reis – GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA (a história de Tadeu Reis) e do LIVRO 2 da Família Reis – O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ.

Duas das músicas que me inspiraram a escrever essa história foram You Are In Love e State Of Grace da Taylor Swift, e as encontrarão durante o texto.

A FILHA DO COWBOY QUE ME ODEIA tem o ar de novela colombiana que eu adoro (espero que vocês também). Carolina e Franco são totalmente opostos, mas no meio do caminho, a gente vai ver que podem ser mais parecidos do que pensam, ou até mesmo, se completarem. E temos a nossa Jasmine, que vem como o complemento perfeito para essa história. Prometo muita cena em família, o famoso estilo cão e gato do casal e uma família nova nascendo.

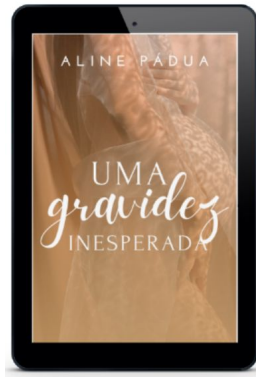
Espero que esse livro seja um respirar profundo durante esse momento que parece finalmente estarmos superando (e que aos poucos, vamos conseguir).

Boa leitura,

Aline Pádua

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa que Babi colocou os olhos.

O seu ex melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, que ela não suporta um segundo na presença.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas

para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir na data, o tanto quanto, um dia o fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra basta. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pode parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: **Valéria que amava Tadeu que amava Bianca que amava Murilo, que não amava ninguém.** Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos – era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para

perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?



Posicione a câmera do seu celular para ler o QrCode e conheça
um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter
acesso, clique [aqui](#)



Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?

“Quando alguém de quem você precisa aparece, chamamos de destino.”^[1]



“Às vezes eu imagino

Como é sentir

Meu primeiro amor será

Verdadeiro e real?

Eu estarei pronta quando

Meu coração começar a cair?

O que eu farei

Quando meu amor vier a chamar?” [\[2\]](#)

CAROLINA

Eu me lembrava do exato momento em que conheci Alfredo Lopes – ou apenas Nero. Ele era alguns anos mais velho, e parecia completamente perdido em uma festa de negócios das famílias mais ricas da capital. Talvez por aquilo, ele tenha se destacado em minha mente.

Um cara todo tatuado, parecia detestar aquela festa malfeita, tanto quanto eu. Ele corou ao meu olhar e eu pensei: *posso fazer dele o meu amor.*

Suspirei fundo, ao encarar os papéis que me foram entregues naquele dia. Escondida no meu quarto, analisei e reanalisei a minha assinatura nos mesmos. *Eu tinha o quê? Acabado de completar dezoito anos na época em que os assinei?* Lembrava-me do exato momento em que Gabriela Lopes apareceu com os mesmos.

Eu estava conversando com Nero e tentando imaginar que seria fácil gostar dele. A realidade era que eu *queria* gostar dele. Queria me apaixonar, desesperadamente. Queria viver um amor de verdade, o tanto que eu gostava de ver e rever em filmes e séries. E tudo aquilo que queria, dava um jeito de conseguir.

Aos dezoito anos, completamente pressionada pela mãe dele – Gabriela – vi-nos assinando papéis que nos comprometiam

dali a alguns anos. Nero tinha seus próprios motivos, mas eu ainda era muito cega para enxergá-los. Não enxergava nada além de mim, naquele exato segundo. E foi assim, que me comprometi, para ser mais exata, quando completasse vinte e seis anos, caso eu não tivesse me casado com outro alguém.

Uma Reis para um Lopes.

Como eu tinha caído naquela?

Meu aniversário de vinte e seis anos chegou, e com ele, toda a imaturidade que tinha, naquela época, parecia ter se esvaído. Ao menos, naquele aspecto. Eu não queria mais um amor fantasiado e escrito na minha mente, como realmente seria. Com cada detalhe entalhado em meus sonhos fantasiosos.

Não, eu queria *mais*.

Eu queria algo real.

Eu queria algo verdadeiro.

Eu queria o que vi meus irmãos encontrarem. Eu queria um amor que me fizesse não desejar a cama de mais ninguém. Eu queria um amor que me tirasse o fôlego e me fizesse desejar ficar. Eu queria alguém para chamar de melhor amigo. Eu queria alguém para chamar de lar.

Guardei os papéis novamente, que Gabriela me deixou como presente de aniversário naquele dia. Eu apostava que ela estaria torcendo para que eu lhe respondesse logo. Ela me cobraria, cedo ou tarde. E eu conseguiria quebrar contrato, de fato. Porém, a vergonha que seria admitir tal erro para a minha família, era tamanha, que me via o evitando.

Evitando até mesmo o rompimento.

Batidas na porta me fizeram levantar, e ajeitei-me melhor no meu vestido rosa. Era o meu dia e o meu momento. Eram mais do que meus quatro irmãos ali agora, na Mansão Reis. Eu tinha a eles, meus sobrinhos, minhas cunhadas, os Torres... uma família de cinco, se multiplicando pouco a pouco, e às vezes, do nada.

Deixaria aquele papel assinado no passado, em um lapso de burrice, escondido em uma gaveta, por enquanto. Em outro momento, eu encararia tal realidade.

PARTE 1

“E eu nunca (nunca)

Previ você chegando

E eu nunca mais (nunca)

Serei a mesma”

State Of Grace – Taylor Swift



“Era uma vez

Alguns erros atrás

Eu estava na sua mira

Você me pegou sozinha

Você me encontrou”^[3]

Cerca de um mês depois...

CAROLINA

O lado bom de nascimentos dos sobrinhos próximo ao meu aniversário de vinte e seis anos era que Verônica não teria tempo

para perder sabendo da minha presepada. Eu tinha duas opções: a primeira, praticamente impossível, era que ela não sabia daquele contrato; a segunda, e realmente possível, era que ela estava esperando o contrato ser cobrado.

Não que fosse totalmente ruim ela se intrometer, mas eu a conhecia bem o suficiente para saber que jamais apoiaria algo assim. E era vergonhoso entrar no assunto antes, já que eu tinha um coração bobo, para não dizer que era um coração burro.

Suspirei fundo, aumentando o volume do som no máximo. O lado perfeito de estar sozinha em meu carro e dirigindo por horas até a casa dos meus irmãos. Se havia algo que nunca pensei que gostaria, era do ar do interior. Mas até naquilo, eles conseguiram me mudar. Não que fosse uma fã número 1 de andar de salto na grama ou do silêncio assustador de todas as noites em que passei ali, mas tinha me tornado um pouquinho.

“Igual eu preciso dele na minha vida

Mas quanto mais eu vou atrás, mais ele pisa

Então já que é assim

Se por ele eu sofro sem pausa

Quem quiser me amar

Também vai sofrer nessa bagaça”^[4]

Gritei alto, e então notei que a estrada de terra estava ficando ainda pior. Meu gps já tinha morrido e jurei a mim mesma que sabia o que estava fazendo, já que nem a área do celular estava pegando. *Eu tinha que saber o que estava fazendo.* Eu e as sacolas de presentes para o nascimento dos meus sobrinhos, que resolveram nascer praticamente ao mesmo tempo.

O quão clichê os Reis eram, né?

Desviei atenção um segundo, da estrada deserta à minha frente, e olhei novamente a foto de Igor ao lado do nossos sobrinhos, já naquela sala de espera de bebês, que não tinha ideia do nome. Foi a última coisa que chegou no meu celular, meia hora atrás, quando ainda tinha área. Ele sorria na foto, mas eu sabia que estava sendo convencido: se autointitulando o melhor tio, por chegar ali antes.

Babaca!

Voltei minha atenção para a estrada, e freei com tudo, ao quase atropelar um bezerro que não tinha ideia de onde tinha

saído.

Marília Mendonça ainda cantando, minha alma na boca, enquanto o bezerro atravessava pleno a estrada, e eu estava perto de ter um ataque do coração.

— Cacete!

Já podia até ouvir um sermão de Tadeu, se estivesse ali.
Não tire os olhos da estrada!

— Puta que pariu! — xinguei, finalmente soltando os dedos do volante, e respirando fundo.

Procurei por outro e qualquer animal por ali, mas felizmente, não localizei nenhum. Que não aparecesse mais nenhum, *amém*. Assim que tentei dar a partida novamente, notei que o carro estava estranho, como se o pneu traseiro não se mexesse. Foi então que notei a fumaça à minha frente, e soltei uma maldição.

Abri a porta do carro, e coloquei rapidamente meus saltos, descendo da 4x4. *Como eu tinha conseguido estragar um carro daqueles?*

Eu tinha o celular em mãos, já procurando área, quando senti alguém atravessar minha visão, e não pensei duas vezes,

em praticamente jogar o aparelho no ser. Se fosse um bezerro, ele que não corresse atrás de mim.

— Diacho!

A voz grossa e baixa me fez piscar algumas vezes, e então me virei por completo e encontrei um cowboy. Não, não, o cowboy. Ele segurava o celular, que deveria ter batido contra o seu peito, quase todo exposto, diante de botões do alto da camisa de flanela preta agarrada ao corpo. Meus olhos não puderam evitar encará-lo por completo. Do chapéu preto à calça jeans que deixavam quase nada à imaginação.

Foco, Carolina!

— A madame viu um bezerro passar por aqui?

Madame? Não segurei o risinho, encostando-me no carro, e buscando meu spray de pimenta colocado atrás do banco do motorista. A gente nunca sabe, né?

— Qual a graça?

— Não sou madame. — revidei, deixando o spray bem colocado no bolso de trás da minha calça jeans. — Patricinha, talvez. Eu devo ser uns... — olhei de cima abaixo novamente. Ele tinha um olhar fechado e as linhas de expressões, me mostravam

que com certeza era mais velho. — Dez anos mais nova que você?

— Viu o bicho ou não? — indagou, estendendo-me o celular, mas sem dar qualquer passo em minha direção.

— Vi tanto, que quase atropelai — assumi, respirando fundo. — E de algum jeito, ferrei esse carro aqui.

Vi-me pegando o celular de suas mãos, evitando tocá-lo, sem conseguir entender de fato o porquê. Ele passou ao meu lado, indo em direção ao carro, logo atrás, como se tentasse empurrá-lo. Ele parecia enxergar algum problema na parte traseira, ou no pneu, que eu não tinha ideia. Apenas encarei a cena sem entender.

— Por que está me ajudando? — perguntei curiosa, sem entender ao certo. Existia algo estranho no semblante dele, como se odiasse estar ali. *Qual era o problema dele?*

— Por nada.

Seu tom era tão ríspido, que fiquei surpresa. Não tocada, já que era pra lá de acostumada com tons de voz como aqueles. E tudo o que conseguia fazer era rir da cena.

Bruto insensível!

— Não preciso da sua ajuda.

O homem sequer me encarou, apenas deu a volta no carro, e começou a empurrá-lo, enquanto eu o olhava inconformada do lado de fora.

— Esse carro é meu, senhor. — falei, parando à frente do veículo e abrindo os braços. — Não precisa me ajudar.

— Não passa ninguém nessa estrada que não seja eu e os empregados da fazenda, então... Só terá a minha ajuda.

— Resolvo isso com uma ligação. — rebati, e ele então parou, mexendo no chapéu preto de cowboy em sua cabeça. *Por que ele parecia tão bonito com aquilo?*

— Não tem área, madame.

Eu sabia daquilo, mas odiei o fato de que ele sabia também. *Por que eu parecia uma criança birrenta junto a ele?*

Olhei-o incrédula.

— Não tem por que me ajudar. — falei, bufando, por ver que o homem fazia tudo aquilo por clara obrigação e parecendo querer me explodir com o olhar.

— Sou um homem decente, isso basta.

Vi-me quase bufando novamente e tentei me controlar, procurando área com o celular. Ele pareceu se concentrar em empurrar o veículo, e não pude deixar de notar a forma como os músculos pareciam enormes, mesmo dentro da camisa de flanela.

Ele era tudo *mais*.

Claramente *mais* alto. *Mais* velho. *Mais* bruto. *Mais* impaciente. *Mais* gostoso... De onde aquilo saiu?

Bufei, ao notar que nada de área, e vi-me parando ao seu lado.

— Ok, senhor... — esperei seu nome, e ele sequer me encarou. *Mais* sem educação também. — Estou esperando seu nome. — complementei, e ele então parou, olhando-me. E se eu não fosse Carolina Reis, com certeza, estaria mortinha no chão com aquele simples olhar aterrorizador. *Mais* gostoso de perto...

— Franco.

O nome realmente combina com ele, pensei. Mas tentei focar na realidade.

— Deve ter área na sua fazenda, certo? — ele assentiu, levantando o chapéu e passando os dedos pelos cabelos que só

então notei que eram muito escuros. — Só vamos até lá, faço uma ligação e vão me socorrer aqui.

— Vai deixar seu carro aqui?

— Sou madame, lembra? — debochei, e ele não esboçou reação alguma. — O dia foi cheio e só quero ir logo para casa do meu irmão.

— Ok, senhora...

— Senhorita, pelo amor de Deus! — levantei as mãos para os céus. — Carolina Reis. Ou só Carol.

— Senhorita Reis. — cortou-me grosseiramente, e apenas vi-me virando os olhos.

Como eu poderia estar reagindo com tanto afinco a alguém que acabava de conhecer? E detalhe, no meio do nada?

E em todo aquele tempo, presa ali, eu sequer me recordei do contrato que assinei e de como as coisas seriam dali por diante. Verônica comeria meu fígado se soubesse, ainda mais, porque ela sempre foi clara sobre assinar contratos como aqueles. E eu era uma coração mole do caramba. Por isso, contratualmente, ficaria noiva de Alfredo Lopes.

— A madame vem ou não?

Pisquei algumas vezes, notando-o já a alguns passos, e vi-me encarando-o debochadamente.

— Não preferia *senhorita Reis*?

— Prefiro o silêncio.

Eu quase ri, mas me segurei, porque não pretendia deixar o clima entre nós ainda pior. Contudo, com ele de costas para mim, inconscientemente, uma coisa permeava meus pensamentos: era só *mais* um cara no meu caminho?



“Oh, ele é tão presunçoso, o Sr. Sempre ganha

Tão acima de mim em todos os sentidos

Tão longe de sentir qualquer coisa "[5]

CAROLINA

Comecei então a gravar, enquanto caminhava a passos salvos do homem enorme à minha frente. *Ele era muito grande ou eu era muito pequena?* Um metro e cinquenta e oito, não era tão pequeno assim... Na verdade, o era. Mas eu fingia que não, usando meus saltos para onde fosse.

E ali estava eu, focando em toda a mata ao nosso redor, e felizmente, não era tão alta.

— Bom, Carolina Reis... — sussurrei, engolindo em seco. — Esse cara aí, Franco... — aumentei o zoom e foquei nele, que sequer olhou para trás, desde os dez minutos passados, que começamos a caminhar até o que ele disse ser sua fazenda. — Ainda não sei o sobrenome, mas se eu sumir, a culpa é dele. — sussurrei novamente, e ajeitei o celular de modo que não ficasse suspeito de que gravava. — Ei, peão!

— Eu tenho nome.

Sua voz soou cortante, e eu revirei os olhos, quando ele parou o passo.

— Franco, não é? — indaguei, com o celular bem seguro e focando em seu rosto, que finalmente se virou. — Sabe que sou uma Reis, então, que tal ficarmos quites?

— Esteves — falou por fim, e eu assenti, como se fosse um prêmio. — Quer que eu diga meu nome inteiro para sua gravação?

Pisquei algumas vezes, surpresa por ele ter notado, e então fiz questão de me aproximar e filmá-lo totalmente.

— Força do hábito de ser mulher. — falei, dando passos atrás, sem conseguir sorrir daquilo. A realidade era que sentir medo, sempre, em torno de estranhos, era uma merda. — Como viu que estava gravando?

— Você não fala baixo.

Olhei-o indignada, agora já estando ao seu lado, e ele voltou a andar.

— Ainda demora muito para chegar à sua fazenda? — indaguei, guardando o celular na bolsa, e estabilizando-me nos saltos. O lado bom de ter irmãos que moravam no interior, era que me acostumei a andar para lá e para cá, na terra batida ou mato, de salto.

— Não muito, só atravessar aquela outra estrada ali. — apontou com a mão e eu assenti.

— Que ótimo! — respirei fundo animada. — Meus sobrinhos nasceram hoje, praticamente juntos, e eles... São tão fofos! — exclamei, sem conseguir evitar. — Estou louca para poder vê-los, e ver minhas cunhadas, meus irmãos...

— Parente dos Torres?

Pisquei algumas vezes, diante da sua pergunta, e acabei assentindo.

— Não eu. — comecei, e ele apenas continuou andando, sem me encarar. Não parecia de fato interessado, mas era melhor do que um silêncio com um desconhecido que era o dobro do meu tamanho. — Minha cunhada é Olívia Torres.

Ele então me encarou, o que me surpreendeu, e sem conseguir evitar, notei o quão claro eram seus olhos. *Verdes? Azuis?* Não saberia dizer, mas eram tão claros que me senti curiosa para descobrir.

Antes que eu pudesse indagá-lo sobre, olhei rapidamente para o chão, tentando desviar de uma pedra, mas foi tarde demais. Isso que dava me deixar distrair com olhos bonitos. *Merda!*

Senti então meu corpo bater contra algo firme, e poderia torcer que fosse uma árvore, mas era ele. Cada parte do meu corpo o reconheceu, e engoli em seco, sem conseguir disfarçar a sensação. Quando levantei de fato o queixo e consegui encará-lo, devido a quase queda, seus lábios estavam próximos dos meus.

Suas mãos seguras em torno da minha cintura, como se não fosse me deixar cair, de forma alguma. E em todos aqueles vinte e seis anos, em que li, assisti, ouvi e procurei, a sensação estava ali. *Pare com isso, Carolina!* Disse a mim mesma, e sem pensar duas vezes, o empurrei, afastando-me do seu toque.

Onde eu estava com a cabeça?

Eu não era Murilo que se apaixonou perdidamente depois de dias no paraíso.

Eu não era Tadeu que se apaixonou quando adolescente à primeira vista.

Muito menos Igor que se apaixonou após uma noite.

— Desculpe. — falei, engolindo em seco, e apenas me vi retirando os saltos, temendo fazer algo parecido novamente. Não poderia tocá-lo assim. Não ousaria. *O que diabos estava acontecendo comigo?* — Conhece Olívia? — indaguei, passando por ele, que logo deu um longo passo e se adiantou, guiando-nos.

De repente, o que era esquisito apenas por sermos dois estranhos no meio do nada, se tornou ainda pior, porque eu não conseguia colocar sanidade na minha mente.

Por que eu gostei mais de estar nos braços de um cara que nem conhecia?

Não ouse, Carolina Reis!

Não ouse se iludir novamente!

— Sou um antigo conhecido do irmão dela. — não ousei mais olhá-lo, apenas seguindo como podia.

— Inácio?

— Sim, o mais velho — assenti para o nada. — Soube por cima sobre a chegada de uma família rica da cidade por aqui.

— Não me parece do tipo curioso. — Eu estava tentando não deixar tudo pior, mas minha língua, como sempre, era mais rápida que meu cérebro. — Quero dizer, eu sou de uma família de fofoqueiros e fuxiqueiros de primeira, não me parece como a gente.

Ele então parou, e acabei fazendo o mesmo, evitando que pudesse bater contra seu corpo. Seu olhar então percorreu cada parte de mim, mas diferente de antes, parecia que poderia me desintegrar viva.

— Não sou *nada* como vocês.

Cada palavra parecia um desabafo silencioso. Rude, frio e direto. Insensível ao extremo.

— Não pensei que fosse. — rebati, e então notei a entrada de uma fazenda adiante.

Senti meu celular vibrar e então desviei do olhar duro do homem à minha frente. *Quem diabos era ele para achar que poderia falar sobre a minha família? Sobre não querer ser como a gente?* A gente era uma bagunça, mas era uma bagunça incrível! Se eu tivesse mais cinco minutos para perder com ele, com certeza, faria o meu celular parar na sua boca.

— Verô! — falei, e respirei fundo.

— *Onde você se meteu?* — *sua voz era tão preocupada, que poderia jurar que ela me mataria antes de me abraçar quando nos revíssemos.* — *Era pra ter chegado há horas, Carolina.*

— Eu... Eu erreí o caminho, igual disse pro Igor e depois... — olhei com descaso para o homem à minha frente, e de repente, percebi que aquele toque no meio do nada, apenas significou aquilo — *nada*. Apenas minha mente carente para viver um romance. Como foi com Nero. E agora, era até com o tal Franco.

— Meu carro deu problema, e estou... na fazenda de um antigo conhecido do Ná – Franco Esteves.

— *Ok, estou indo para aí. — falou, e eu sabia que o faria.*

— Não, fica com os nossos irmãos — pedi. — Sei que estão todos eufóricos com os bebês, só manda um táxi ou alguém da fazenda.

— *Eu estou indo te buscar, Carolina.*

Revirei os olhos, e apenas assenti para o nada, e Verô desfez a ligação. Até parecia que eu tinha dezesseis anos ainda.

Senti então que estava sendo acompanhada com o olhar, e foi quando notei Franco parado a alguns passos dali, me encarando.

— O que foi? — indaguei, sem mais querer ter qualquer educação.

Poderiam me falar e criticar sobre qualquer coisa, mas nunca, sobre a minha família.

— Ah, claro. — respirei fundo. — Obrigada por me trazer a um lugar com área. Até nunca mais, eu espero! — dei-lhe as costas, e segui para o outro lado da entrada, que felizmente, estava vazia, e me ajeitei para encostar numa das pilastras.

Não ousei mais encará-lo, mas sabia que não tinha se movido do lugar, o que não sabia explicar, me deixava furiosa.

— Por que está brava?

— E do que isso te importa? — revidei, e foi então que ele se moveu, dando passos em minha direção. — Não sei o porquê, mas eu tenho vontade de socar a sua cara e eu nem te conheço.

— Não parecia violenta minutos atrás.

— Não tinha falado da minha família com tamanho desprezo minutos atrás. — rebati e então seu olhar parou no meu.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas nada saiu, como se não tivesse mais o que fazer.

— *Eu não acredito!*

O grito feminino alto e ardido, fez-me quase tampar as orelhas, e olha que era acostumada com os meus próprios.

— Conseguiu mesmo alguém? — olhei então de um Franco que parecia a ponto de desmaiar, para uma garotinha que deveria ter seus treze anos, que me encarava com um brilho no olhar.

— Não é o que está pensando, filha.

Filha?

Eu apenas fiquei ali, parada, sem saber o que fazer e sem reação.

Ouvi então o barulho de um carro se aproximando, e por um segundo, pensei que pudesse ser minha irmã. Ledo engano. Senti braços finos ao meu redor, agarrando-se à minha cintura, e olhei para Franco em busca de socorro.

Quando o carro parou e um homem talvez da idade de Franco, e usando um terno sob medida desceu, fiquei sem coragem de afastar educadamente a garotinha.

— Quem é essa? — o homem perguntou, e eu me senti presa dentro de um drama mexicano muito ruim, porque aquele parecia um vilão de quinta categoria.

Como eu podia ter uma imaginação tão fértil?

— Ela é...

— Só vamos logo, Jasmine. — ele falou, tentando puxar a garota à força, e aquele foi um gatilho que me acertou em cheio.

Vi-me passando a frente dela, e o encarando com raiva.

— Não ouse tocar nela sem permissão. — minha voz soou tão ríspida, que notei a surpresa do homem à minha frente.

Senti então minha visão ser ocupada por costas largas, cobertas por um tecido preto.

— Essa é a sua nova tentativa de guarda para Jasmine, sério? Uma garota de o quê?

— Vinte e seis anos, babaca de terno. — passei a frente de Franco, e olhei para o homem que me encarava de cima abaixo. — Pode ter certeza de que com muito mais respeito que você.

— Não é hora para isso, Toledo.

Toledo, guardei o nome em minha mente, e algo apitou de que deveria saber mais.

— Eu só vou, porque sabe... tá escurecendo e logo aparecem aqueles bichos tão mais irracionais que você. — fez um sinal com a cabeça para Franco, e fiquei desacreditada da cena.

Vilão de quinta categoria, check.

Então tão rápido e do nada que aquele homem chegou, ele simplesmente entrou no carro, e se foi. Olhei para toda a cena, e senti um nojo tão grande, que era como se a Carolina de dez anos, estivesse ali novamente.

— Eu quero minha mãe! — gritei, e esperneeiei, batendo contra o peito de Roberto, que tentou puxar-me a todo modo.

Foi então que Verônica apareceu, e ouvi um clique alto. Senti as mãos dela em meus olhos, não me deixando enxergar o que acontecia, mas sabia que aquele clique, tinha feito Roberto – o que deveria ser meu pai – se afastar.

— Reis? Senhorita Reis? Madame?

Ouvi a voz grossa ao longe, e tentei sair daquele estado, mas era difícil. Senti então um aperto forte em meu braço, que me fez dar um pulo para trás. Pisquei algumas vezes, e foi quando encontrei Franco à minha frente, olhando para as próprias mãos, como se tentando entender.

— Tudo certo? — indaguei, respirando fundo uma e duas vezes, até me acalmar.

— Obrigada. — foi então que notei a garotinha ainda parada ali, com uma flor nas mãos, que eu nem sabia de onde tinha saído. — Desculpe ter colocado a senhora nessa situação, eu pensei que... — sorriu de lado, destinando-me a flor.

Aceitei-a, sem ainda entender muito, mas parecia que tinha perdido parte de uma conversa, quando entrei no meu próprio mundo. Merda de lembranças!

— Ele não parecia um cara legal. — sorri, ao ver que era uma daquelas florzinhas que eu sempre via espalhadas pela fazenda do Torres mais velho. — Sempre que precisar de alguma ajuda com ele, me liga.

— Não precisa...

Dei um olhar para Franco, que o fez calar de imediato, e de repente, pareceu entender que era um assunto delicado não só para eles. Enfim, não me importava o que ele entendia ou não, mas eu tirei um cartão de visita da bolsa e entreguei para ela.

— Jasmine, certo? — ela assentiu, e sorriu.

— Igual a flor que dei para senhora.

— Como diria minha irmã, senhora tá no céu! — apertei levemente sua bochecha e ela sorriu. — Só Carol ou Barbie.

— Barbie, gostei. — ela sorriu abertamente, e eu fiz o mesmo.

Ouvi então o barulho de outro carro se aproximando, e torci para os cosmos que fosse Verô, e finalmente, era. Notei então que Maria Beatriz quem vinha no banco do carona, e sorri para ambas.

— Minhas princesas ao resgate chegaram. — falei, e me afastei da pequena, que não era tão pequena assim, já que poderia ter quase a minha altura. Mas também, bastava olhar para o pai dela que sabia de onde vinha tanta altura. — Foi um prazer, Jasmine.

— E aí, Franco? — Mabi gritou do carro, sorrindo abertamente para ele.

Ela era boa com pessoas fechadas, né?

— Como vai, Maria Beatriz? E Inácio?

— O mesmo velho chato de sempre. — respondeu sobre o marido, enquanto eu notava que Franco sequer mudava sua expressão. — Devia levar Jasmine para ficar um dia com a gente, sabe que Dani ia adorar.

— Eu quero!

— Veremos isso. — Ele apertou a aba do chapéu, enquanto eu passava do seu lado.

— Foi um desprazer, senhor Esteves.

Minha voz mal saiu, mas sabia que ele tinha escutado, e então, fui direto para o banco de trás, ignorando qualquer olhar ou fala que ele não deixaria sair.

Assim que o carro saiu, fiquei presa à visão de Jasmine agarrada às pernas do pai, com um sorriso de orelha a orelha. Enquanto ele, parecia encarar o carro, assim como os meus olhos, buscavam os dele.

Que merda eu estava pensando?



“E aí, chegou pousando na minha revoada

Freou minha boca que era acelerada

Ela é porrada

Oh, baixinha invocada”^[6]

FRANCO

— Não era a minha tutora falsa, né?

O tom triste na voz de Jasmine não me passou despercebido.

— Filha, eu...

O que eu poderia dizer? Que não tinha ideia de quando conseguiria alguém que pudesse assumir tal papel?

— Eu estou tentando encontrar alguém.

— Eu sei que sim, papai. — falou, mas notei seu olhar cabisbaixo, enquanto corria pela entrada da fazenda.

A fazenda que lhe pertencia.

A terra que era dela.

Olhei para o céu, como se procurasse a ajuda de Pâmela, mas infelizmente, como sempre, eu não tinha respostas.

— Vou pegar mais umas flores para colocar no jarro da mesa — falou, enquanto já estava longe, e eu assenti, vendo-a correr de um lado para o outro na grama.

Tirei meu chapéu e levei ao peito, parando por um segundo, ainda olhando para a estrada já deserta. Não tinha mais ninguém ali. Não tinha mais Carolina Reis.

Engoli em seco, apenas me lembrando da forma como ela literalmente, surgiu na minha frente. Baixinha, invocada e em saltos altos quase imbatíveis. Por que eu estava pensando nela?

Neguei com a cabeça e recoloquei o chapéu, seguindo minha filha pela pequena entrada até a nossa casa. Parei à frente

da varanda, e enquanto Jasmine se perdia em pegar mais algumas flores, enquanto aproveitava os últimos raios de sol, trouxe o cigarro à boca.

Só a nicotina para tentar tirar aquela tensão.

Toledo não ia sossegar tão cedo, e estava a cada dia, nos rodando mais. Se não fosse por ser de direito de Jasmine, eu já tinha tirado minha filha dali e sumido pelo mundão. Mas ela tinha direito de, ao menos, viver no lugar que a mãe tanto sonhou para ela.

Do pouco que Pâmela pôde demonstrar para ela, aquela fazenda, era a grande parte do que mais me contava ser seu sonho em partilhar com a nossa filha. Se ela estivesse viva, ela com certeza saberia o que fazer, ou como tirar o irmão mais velho da nossa cabeça.

— Segura pra mim, papai.

Descartei o cigarro, enquanto Jasmine fazia uma careta.

— Fumar mata, eu sei. — falei, e ela não desfez a careta, apenas me entregou um pequeno cartão. — Não faça isso, nunca.

— Se só o cheiro é ruim, imagina colocar isso na boca — fez um gesto de ânsia, e sorriu em seguida, afastando-se. — Já pego, só vou pegar mais flores, que elas estão lindas demaisdaconta!

Assenti, e enquanto ela terminava de encher as mãos de flores, eu encarei o cartão de visita que ela me entregou. Carolina Reis, Diretora Financeira da Hotéis Reis. Não entendia de fato o que aquela sigla significava, mas apenas pelo carro que ela dirigia, e a despreocupação, a forma como parecia ser a dona de tudo... Era óbvio que não era alguém simples.

— Prontinho!

Jasmine parou à minha frente, empurrando as flores para o meu corpo, e puxou o cartão de visita das minhas mãos.

— Vou guardar no meu diário. — olhei-a sem entender. — A tia Barbie me protegeu. — sussurrou, como se pensando sobre. — Ninguém, tirando o senhor e os peões da fazenda, fizeram isso antes. Nem na escola.

E ali, meu coração se desfazia um pouco. Jasmine era boa demais para um mundo tão cruel. Ela era facilmente conquistada

com qualquer ação ou palavra bonita. Ela me lembrava de alguém, que há muito tempo deixei de conhecer.

Abaixei-me, ficando na sua altura, e ela puxou meu chapéu para sua cabeça, como se aquela fosse sua proteção número 1. Eu sabia que ela fazia aquilo, sempre que se sentia sozinha.

— Sei que ela pareceu legal, e o que fez foi legal, mas não quer dizer que pode...

— Confiar nela, eu sei. — assentiu, e apertou-se ainda dentro do chapéu. — Mas queria poder, confiar nas pessoas.

— Você vai aprender como, um dia. — Seu olhar era atencioso.

— O senhor também. — olhei-a confuso. — Vai ter alguém para proteger o senhor, como me protege.

— Eu já tenho você. — Ela então colocou o chapéu na minha cabeça, e eu sorri. — Viu só!

— Mas a uma esposa...

— Já falamos sobre isso. — Levantei-me e segurei as flores com cuidado. — Não vou me casar novamente.

— Mas pode se apaixonar...

Parei o passo e a encarei.

— A gente pode amar mais de uma pessoa na vida, certo?
— indagou, e eu suspire fundo. Aqueles eram assuntos que eu não gostava de adentrar. — Ou amar quando se é adulto como o senhor?

A questão não era se eu podia amar novamente, a questão era que eu nunca de fato tive tal sentimento. Nem mesmo com Pâmela. Não da forma que talvez Jasmine fantasiasse que foi.

O amor romântico não era algo que eu esperava que aconteceria comigo. Nunca imaginei de fato.

— O amor não é para o seu pai, não esse amor romântico.

— E se um dia for?

Sabia que ela não desistia tão fácil, mas não tinha ideia do que se passava na cabeça de Jasmine muitas vezes.

— Aí, você vai poder usar o chapéu do seu velho por um mês.

Seus olhos brilharam, e ela estendeu a mão, como se para firmar aquele acordo. Fiz o máximo para não amassar as pétalas, enquanto esticava a minha mão e apertava a dela.

— Trato feito, senhor Esteves.

— Melhor entrar antes que eu amasse suas flores, senhorita Esteves.

Ela riu e o fez, enquanto eu a seguia.

Felizmente, mesmo com todas as perguntas e questões que só aumentaram nos últimos anos, Jasmine era uma filha paciente comigo. Ela parecia aceitar o que poderia lhe dar, mesmo no mais limitado que eu fosse. Ela tinha apenas quatorze anos, e era a minha vida, desde os meus dezenove.

Fui até ela na mesa de jantar, que guardava rapidamente o cartão de visita em seu diário, que parava em qualquer canto da nossa casa, o que considerava o maior ato de confiança dela para comigo.

Ela então tirou as flores já secas de dentro do jarro, e correu para trocar a água, e em seguida, uma a uma das flores em minhas mãos, ela foi ajeitando dentro do vaso.

— A sorte do senhor é que só fuma de vez em quando, aí não fica esse cheiro horrível preso nas coisas... — provocou, e eu sabia que ela detestava aquele meu hábito quando estava nervoso. — Não precisa se preocupar, papai. O Toledo não vai conseguir me tirar de você. Nem a fazenda da mamãe de nós.

— De você, pequena. — ela deu de ombros, como se fosse a mesma coisa. Mas não o era. Nem de perto. — Mais algum pedido especial para o seu arranjo?

— Como a tia Barbie chegou aqui? Onde a conheceu?

E eu pensando que ela deixaria aquele assunto morrer, mas não era simples assim. Não com uma filha curiosa e saudosa por um pai em um relacionamento.

— Não crie teorias. — toquei levemente contra seus cabelos. — Ela só estava presa na estrada sozinha, e não tinha área...

— E o que o senhor fazia em outro lugar que não aqui?

Foi então que minha ficha caiu. Diacho!

— Um dos bezerros fugiu, diacho! — passei as mãos pelos cabelos, levantando o chapéu.

— Ah, o azulino? O Olavo encontrou ele na frente da fazenda e levou ele lá pros outros...

— Ah. — Neguei com a cabeça, pensando no quanto me perdi do meu objetivo após encontrar aquela... aquela mulher na estrada.

— Então a tia Barbie fez você se esquecer de um bezerro fugido?

Notei seu olhar esperto sobre mim, como se criando uma história fenomenal em sua mente.

— Eu só me distraí tendo que aguentar uma mulher insuportável que não parava de falar...

— Ela não parecia tão falante quando...

— Chega desse assunto! — pedi e ela riu de lado, como se aceitasse naquele segundo. — Estou falando sério, Jasmine. Nunca mais vamos ver essa mulher, então, pare.

— Se o senhor diz. — Deu de ombros, e eu fiquei incrédulo.

Nenhum de nós veria novamente Carolina Reis.

E aquilo não era um fato, mas sim, um pedido aos céus.

Ela era do tipo de gente que apenas precisávamos manter distância. Quanto mais longe melhor.



“Sonhos alucinantes no silêncio da noite

Você sabe que eu peguei

Mau, garoto mau, um brinquedo brilhante que tem um preço

Você sabe que eu comprei”^[7]

CAROLINA

— Tem como morrer intoxicada por fofura? — perguntei, encarando meus sobrinhos, nos bercinhos lado a lado. — Eu acho que tô morrendo!

— Se eu sobrevivi, Barbie. — Igor me segurou pela cintura, me abraçando em seguida. — Eles são tão...

— Perfeitinhos, não é?

A gente estava ali, igual dois tios babões, quase desidratando pelos nossos mais novos sobrinhos. Fabrício, o segundo filho de Murilo, que tinha os cabelos ruivos dele. Vitor, o primeiro filho de Tadeu, que tinha os cabelos escuros como os dele, e os olhinhos já pareciam com os da mãe.

— E era só a gente... — falei, sentindo as lágrimas descerem de novo. — Parece que foi ontem que Murilo apareceu dizendo que descobriu que era pai e...

— Foi só ladeira acima...

Assenti, virando-me para Igor, e o abraçando com força. Ele me aceitou ali, e eu mal conseguia acreditar que era real. Foi quando notei Verônica na porta, encarando-os, com Murilo e Tadeu, os papais do momento, olhando para nós.

— Agora você tem o tantinho, temos Dani, Fabrício, Vitor... Fora que ganhamos irmãs, e todos os Torres de bagagem. — suspirei profundamente. — Eu gosto de famílias grandes, que droga!

— A boca, Carolina.

A voz de Murilo era branda, e eu sorri, afastando-me de Igor.

— Para de ser um pai chato. — provoquei, batendo contra o seu peito. Sabia que ele só me corrigia, porque o seu filho estava dormindo ali, naquela sala. — Olívia me contou que falou tantos palavrões, que até pensou que nunca pariu antes.

— Eu quase perdi a mão. — comentou, fazendo uma careta.

— Não vamos tentar comparar a sua dor a dela, né? — ele levantou as mãos em sinal de rendição. — Aliás, ela voltou a dormir.

— Ela e Valéria estão apagadas no quarto ao lado, completamente exaustas. — Tadeu falou, passando por nós, e indo babar pelo filho.

— A coragem de parir que elas têm... — levantei as mãos aos céus. — Talvez daqui a uns dez anos, eu tenha.

— Prefiro que nunca. — Igor sussurrou, provocando, e dei uma cotovelada na sua barriga.

— Vai amar quando eu tiver um filho ou filha.

— Até lá... — Verônica interferiu, e nos puxou para fora da sala. Será que ela... — Precisamos conversar, Carolina.

— Sobre? — fiz-me de burra, a melhor estratégia que tinha.

Que não seja sobre Nero.

Que não seja sobre Nero.

Que não seja sobre...

— As minhas Reis favoritas! — ouvi então a voz de Abigail, e quase fui para o chão, a sorte era que Igor estava do meu lado, como bom irmão que servia para alguma coisa, às vezes.

Abigail Torres, a melhor amiga de Alfredo Lopes – vulgo Nero – que era o cara que agora, eu seria cobrada em um casamento por contrato. Que ótimo dia para aprender a teletransportar.

Forcei um sorriso, enquanto ela cumprimentava Verô, e em seguida, vinha até mim.

— Se Nero passar por aqui ou o virem, diz que é pro lugar mais chique do hospital. Ele ficou enrolado com a mãe, e deve estar para chegar.

— Ok. — Foi tudo que consegui dizer, se senti o apertão de Igor no meu braço. — O quê?

— Eu vou buscar um café, e você, Carolina... Mais tarde vamos conversar.

Pela forma que ela falava, não parecia ser sobre Alfredo, o que me permitiu respirar novamente. Deveria ser sobre o meu carro no meio da estrada ou por ter me perdido no meio do nada?

No meio do nada com um grande cowboy gostoso.

Foco, Carolina!

Um grande cowboy babaca.

— Ei, Reis! — virei-me, junto a Igor, e então encarei Gael Fontes – o irmão mais velho de Valéria, que saía do quarto ao lado. Nunca vi aquele homem com um semblante tão leve. Não que o conhecesse muito bem, mas eu vi algumas vezes, há muitos anos. — Verônica?

— Foi tomar café. — Igor respondeu, mas antes que Gael seguisse pelo corredor, segurou o braço dele. — Por quê?

— Igor?

— Sou mais velho que você, Reis. — soltou-se de Igor, e logo saiu andando, como se fosse simples assim.

— Por que o parou? — perguntei, e o olhar preocupado de Igor parou no meu. — O que foi?

— Gael tem conversado com Verô, várias vezes... Ele nem disfarça.

Arregalei os olhos, como se finalmente somando um mais um.

— Acha que ele...

— Acho que eles já tiveram algo. — arregalei os olhos. Não que Verônica fosse celibatária. Na realidade, eu só torcia que ela não o fosse. Mas Gael Fontes? O cara que era o problema estampado na cara da família Fontes?

— Se tiveram, foi há muito tempo... Não acha que...?

— Eu não acho nada. To é tendo certeza de que ele está tentando recuperar alguma coisa.

— Verô não gosta dele. — falei, e eu tinha plena certeza. Não sabia dizer porque, mas eu sentia que era sem nexos aquilo.

— Bom, deixa ele tentar, né? Vai que rola.

— Vai que rola, o quê?

Ouvi a voz de Murilo, e ele e Tadeu saíam do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Verônica e Gael.

O barulho de algo caindo, fez-me desviar dos meus irmãos, e quase engasguei ao encontrar Nero ali, e seu óculos no chão. Tentei então, procurar minhas borboletas no estômago, mas parecia mais um mar de areia. Nada... Absolutamente nada.

Ok, ele era bonito.

Mesmo desastrado, enquanto recolocava os óculos de grau, e ajeitava os cabelos negros um pouco enrolados. Ele era uma montanha de músculos, coberta por tatuagens em todo lado, e bochechas rosadas quando falava com qualquer mulher. Ele era tão fofo, desde que me recordava. E foi aquilo?

Foi simplesmente a esperança de viver um romance com alguém que me deu um por cento de atenção no passado, que me fez imaginar que poderia criar aquilo?

Foi por aquilo que assinei um contrato?

Minha mente se perdeu e me odiei por alguns segundos.

Nero se aproximou e lhe dei um sorriso, que era tão falso quanto as expectativas que tinha sobre nós. De repente, eu que sonhava acordada em ter aquele cara, apenas me indagava do porquê eu queria tanto tê-lo.

Acreditava que depois de ver meus irmãos e seus verdadeiros amores acontecerem, a realidade era que as expectativas sobre viver um amor real foram mudadas por completo.

Não queria mais ter que implorar para viver um romance montado na minha mente. Nem queria me resumir àquilo. Eu só queria deixar acontecer.

E com Nero foi tudo, menos deixar acontecer.

Era o tipo de amor óbvio. Sua família queria uma nora de nome e com dinheiro. Eu queria um cara fofo e que corava ao me ver, como meu. De um jeito tão infantil que me assustava.

Porém, no agora, aquela infantilidade poderia me cobrar.

E cobrar caro.



“Já puxaram o tapete debaixo dos meus pés

Já confiei em mentiras e confiei em homens

Fui quebrada, mas juntei meus pedaços de novo.”^[8]

CAROLINA

Felizmente a conversa com Verô era sobre eu ter mais cuidado quando resolvesse dirigir sozinha por aí. Principalmente, quando despistava os seguranças que todos tínhamos. Ou, como naquele dia, os dispensava.

Ela não tinha tocado no nome de Alfredo. E eu muito menos, o tinha visto após aquele momento no corredor do hospital. Meu telefone tocava, de vez em quando, com o nome da mãe dele no visor, e eu ignorava.

Ignoraria até onde fosse possível.

— Parece longe daqui.

Olhei para Lisa, minha cunhada, que se jogou no sofá ao meu lado.

— Eu sempre estou há quilômetros daqui. — brinquei. — Saudades das Maldivas.

Lisa riu de lado, e me encarou.

— Seria por não estar mais fazendo parte da rede de hotéis?

— Nem de perto — assumi. — Gostei de estar no lugar de Igor por um tempo, mas era porque tinha um propósito — confessei. — Estar lá, não era só pelo trabalho, era pra que ele e você pudessem estar com Theo e... Bom, agora, não tem mais uma motivação. Igor está de volta, e meu cargo de vice continua patético.

— Você é ótima no que faz, Carol.

— Então por que detesto tanto? — respirei fundo. — O famoso “White people problems”, né? — caçoei e ela apenas me encarava, como se preocupada. — Vou começar o curso de moda, em algum momento, mas só não sinto que é agora...

Era difícil falar sobre aquilo, ainda mais, porque não era como se alguém pudesse se identificar. Eu era privilegiada, e muito. Fiz a faculdade com o propósito de ser boa para as empresas da família, da forma como Verô merecia que fosse. Mas quando vi que ele não ligava se eu estaria nas empresas ou não, mas sim que fosse feliz, tudo desandou. Não tinha mais motivação para estar lá. Porque eu criei a rede de hotéis de Reis junto a Igor, mas o sonho sempre foi dele.

Eu só estava cansada de ter propósitos baseados em outras pessoas. E me perguntava, a mim mesma, onde colocaria o meu.

— Mabi falou sobre um amigo do Inácio...

Voltei a atenção para minha cunhada, que me encarava curiosa. Sobre o que, eu não sabia.

— Que te ajudou no meio do nada...

— Esteves? — indaguei, e ela assentiu meio sem certeza.

— Franco Esteves?

— Sabe até o nome completo...

— Pode parar — falei, e ela riu de lado. Ela e Igor eram tão parecidos, que eu entendia por completo do porquê estarem casados e serem os melhores palhaços de todos. — É só um bruto insensível.

— Opostos se atraem?

— Lisa! — rebati, e ela riu abertamente.

— Sabe que acho você e Nero um grande flope, né? — assenti, porque aquele assunto já tinha chegado para gente, em certo momento. — Mas enfim, não estou torcendo contra, eu só...

— Também estava enganada sobre Nero. — assumi, respirando fundo. Lisa mal conseguiu disfarçar a surpresa em seu olhar. — Não que ele seja ruim ou algo assim, só... só coloquei expectativa em algo que nem existe.

Como sempre, colocando um propósito baseado em outras pessoas.

— Acho que estou numa vaga crise existencial. — Respirei fundo, e logo senti Lisa vir para mais perto, puxando-me para si.

— Um carinho já ajuda um pouco.

— Acho que todo mundo tem uma crise assim, talvez várias... — tocou meus cabelos, puxando-me para si. — Mas o importante é sair delas melhor do que antes.

— Minha terapeuta que me aguento na próxima sessão, sério — brinquei, mas era a mais pura verdade. — O lado bom de tudo isso, é estar aqui. — Olhei ao redor da casa de Murilo, que ainda ficaria uns dias no hospital, junto à esposa e o filho recém-nascido. Assim como Tadeu. Lisa e eu estávamos encarregadas, assim como Verô e os irmãos de Olívia, de cuidarmos de Dani. A questão era que Daniela, agora promovida para irmã mais velha, era apenas uma. E sempre sobrava algum de nós na casa, sem fazer nada.

Naquele momento, ela deveria estar pela fazenda, com o irmão mais novo de Olívia – Bruno. E eu e Lisa, completamente à toa.

— Por que a gente...

Meu celular tocou, com o meu toque favorito de Mic Drop, e Lisa cantou junto, fazendo-me rir. A gente tinha um gosto parecido, e eu enxergava nela, a cada dia mais, uma irmã. Se

parasse para pensar, eu tinha ganhado três nos últimos tempos, e era muito feliz por aquilo.

— Mic, mic bungee!

Lisa cantou junto, e eu ri, finalmente me afastando para atender a ligação, que não tinha o contato salvo. Quem seria?

— Alô!

— Barbie, tia... — paralisei diante do tom fraco e da voz mal saindo do outro da linha. Ninguém me chamava assim, a não ser minha família, e... Jasmine que eu tinha dito que poderia.

— Jasmine? — indaguei, ficando de pé, de imediato.

Ouvi o barulho alto de algo, e então ela soltou um grito.

— A senhora disse que eu...

— Onde você tá? — perguntei, e ela mal conseguia falar, mas fiz uma nota mental de onde era. — Ok, fica falando comigo ok? Não desliga, de forma alguma.

— Eu só tenho 10% de bateria...

— Eu vou chegar aí antes que acabe, tenha certeza — falei, e olhei para Lisa. — Preciso sair, pode...

— Quer que eu vá junto?

— Não, só...

Corri pela porta, e dei um leve aceno para minha cunhada, em explicar nada. Só consegui chegar a um dos carros do meu irmão, que como sempre, felizmente, tinha a chave ali dentro. E a cada segundo, meu coração acelerava, quase na boca.

— Jasmine...

— Oi. — sua voz era tão fraca, que me doía por dentro. Não deixe as lembranças voltarem! Você precisa estar atenta agora, Carolina! — Eu acho que ele já...

— Não saia daí, ok? — falei, e ouvi seu “sim” bem baixo ao fundo. — Está bem trancada, protegida?

— Eu tranquei a porta dessa sala e joguei várias coisas na frente...

— Garota esperta — falei e suspirei fundo. — Por que a gente... não canta uma música? Pro tempo passar mais rápido e nem perceber que já estou chegando?

— Eu...

— Vai ajudar, confia em mim.

— Não posso confiar em ninguém. — senti o peso de suas palavras, mas ela mal sabia, que ao me ligar, era o que estava fazendo. — Mas eu quero cantar com você, tia Barbie.

— Ok, então... você começa e eu canto junto.

— A senhora conhece música sertaneja raiz?

— Aqui a gente vai do kpop, Taylor swift, funk, jazz, rock e sertanejo... — tentei brincar, e ouvi uma leve risada do outro lado da linha.

— Pode ser sertanejo dessa vez?

— Qual você quiser.

— A que meu pai sempre cantava... “Nestes versos tão singelos

Minha bela, meu amor

Pra você quero contar

O meu sofrer e a minha dor...”^[9]

Sorri, e não sabia explicar porquê, mas me enchi de lágrimas. Apenas me vi cantando com ela, e felizmente, o fato de ser tão eclética, me servia para acalmar alguém que precisava de mim, naquele exato instante.

E mesmo que estivesse presa à nossa cantoria, e sentindo-me melhor por ver que a voz dela foi aumentando aos poucos, como se sentisse mais segura, a cada quilômetro que eu passava, via-me relembrando a Carol, nos braços de Verô, tão

pequena, e cantando com ela, da forma que ela podia calar os gritos. Ao menos, naquela época.

— Verô, eles estão xingando a vovó...

— A vovó pediu para gente cantar só um pouquinho... —
ela então foi até a caixa de som, e aumentou no máximo. —
Lembra que é a música favorita da vovó, certo?

— Tá bem. — respondi, sem entender.

“Tenho vinte e cinco anos

De sonho e de sangue

E de América do Sul

Por força deste destino

Um tango argentino

Me vai bem melhor que um blues...”^[10]



“Vamos lá, garotinha, dê um sorriso

“Não, eu não tenho motivo nenhum pra sorrir

Eu não tenho ninguém pra quem sorrir, eu esperei um tempo por

Um momento pra dizer que eu não te devo porcaria nenhuma.”^[11]

CAROLINA

Corri pelos corredores daquele supermercado, e poderia sentir os olhares sobre mim.

— Ok, você correu e passou pela sessão de frios... —
repeti o que Jasmine falou.

— Eu tô na salinha à esquerda. — sua voz mal saiu.

Foi então que vi a porta azul que ela me descreveu, e mesmo que tivesse algumas pessoas fazendo compras naquele horário, ninguém parecia de fato passar por dentro daquele corredor, que deveria ser o estoque. Onde estavam os trabalhadores daquele lugar?

— Eu...

— Ora ora!

Foi então que ouvi a voz que felizmente, eu reconhecia de duas noites atrás.

— A suposta tutora de Jasmine.

— E quem diabos é você? — indaguei, empurrando-a para fora dali.

O homem poderia ser maior, mas foi de bom grado para trás, e se não o fizesse, com toda certeza, o empurraria com toda força que tinha. As aulas de defesa pessoal e boxe, serviam e muito para momentos como aquele. Eu odiava homens com olhares como os dele. Porque eu já tive a cota, durante a infância, daqueles mesmos olhares.

— O tio dela, e você?

— Carolina?

Ouvi a voz de Nero, e suspirei fundo.

— Faça um favor, para mim. — olhei ligeiramente para Nero, que deveria ser duas vezes maior que aquele homem. — Apenas tira esse cara da minha vista, se não vou quebrar a cara dele.

— Tão baixinha, mas tão...

— Se completar essa frase. — senti Nero passar à minha frente e empurrar o homem dali. — Eu te explico depois, ok?

— Ok.

Nero como sempre era apenas um acenar de cabeça e bochechas coradas. Suspirei fundo, e fui até a porta novamente, e bati na porta.

— Jasmine! — falei alto e ouvi algo se mexer no fundo. — Eu já coloquei ele para fora, pode...

Então a porta se abriu, e de repente, apenas senti os braços dela ao redor da minha barriga. Soltei o ar com força e agarrei-me a ela, sem entender tamanha conexão que existia entre nós. Não sabia se era porque eu enxergava nela, eu

mesma. Ou se eu simplesmente gostava dela, de uma forma, que aquela vida ainda não explicava.

— Eu fiquei com tanto medo... — ela assumiu, e me agachei, levando-a para de trás de outra parede do estoque. Para longe de olhares curiosos. Que agora, pareciam de fato interessados.

Por que não estavam quando aquele...

— O que ele fez? — perguntei, tocando seu rosto, que estava inchado e os olhos avermelhados.

— Ele ia me levar com ele, para a capital — assumiu. — Eu então joguei o xampu que estava na minha mão na cabeça dele e corri... Ninguém me ajudou, mesmo eu pedindo ajuda. Então eu me escondi aqui. — apontou para a portinha. — Todos sabem que ele é meu tio, e que ele... A família dele tem dinheiro.

— A minha tem mais. — Duvido que ela tenha escutado, mas então coloquei aquilo em mente. Fosse ele quem fosse, não tinha ideia de que uma Reis era capaz. E do que o meu sobrenome era. E pela primeira vez, poderia usá-lo para uma boa causa. — Seu pai?

— Eu liguei várias vezes, mas não deu área.

— Ele não veio com você?

— Eu... — ela então mordeu o lábio inferior, como se fosse confessar algo. — Eu pedi carona para uma das peoas, porque meu xampu favorito acabou, e o papai só ia vir na sexta, e eu... queria sair um pouco da fazenda.

— Ela pensa que você está onde?

— Em casa. — Fechei os olhos com força, imaginando a merda acontecendo. — Eu não imaginei que fosse encontrar Toledo ou...

— Não precisa se explicar para mim. — sorri, limpando as lágrimas que ainda restavam em seu rosto. — Só vamos atrás do seu xampu favorito e vou te levar para casa, ok?

— Eu... Obrigada tia.

— Pelo menos não sou mais senhora. — falei, e ela riu de lado, parecendo se animar. — Aliás, só agora consegui ver com certeza... Seus cabelos são ruivos, iguais aos do meu irmão mais velho.

— A senhora tem irmãos? — perguntou, e praguejou um diacho. — Quer dizer, você tem irmãos?

— Muito melhor. — trouxe-a para meu lado, enquanto caminhávamos de volta para o supermercado. — Eu tenho três irmãos e uma irmã mais velha, no caso, essa irmã é praticamente minha mãe e pai. Só não a chamo de mãe, porque ela me mataria.

— Eu sempre quis ter irmãos, e uma mãe. — falou, guiando-me até o corredor de higiene pessoal. — Mas meu pai não parece muito interessado em ninguém, quer dizer... Ele pareceu gostar da... de você.

— De mim? — perguntei, já rindo. — Não conheci seu pai mais de alguns minutos mas assim, a gente já se deu mal de cara.

— Ele ficou olhando o carro ir embora...

E então ela percebeu aquilo também?

Olhei-a com atenção, enquanto pegava o seu xampu e me mostrava.

— Será que temos uma versão 3.0 da operação cupido por aqui? — perguntei, e ela arregalou os olhos, me encarando.

— O que é isso? — foi minha vez de ficar surpresa.

— Nunca assistiu esse filme? — ela negou com a cabeça e eu finje sentir um baque contra o peito. Dramática como só eu sabia ser. — Eu assisti ele com a minha sobrinha, Daniela.

— Dani da tia Oli?

— Ela mesma. — sorri, e assenti.

— Fiquei sabendo na escola, que ela tinha vários titios novos... e um papai. — assenti, lembrando-me da história de Murilo. — Eu tenho tios, mas eles não moram tão perto... E minha mãe, ela já é uma flor de margarida por aí.

Então era assim que ela falava sobre a mãe ter falecido? Ela parecia tão adulta ali, claramente encarando assuntos tão deliciados.

— Queria ter a sorte da Dani, de aparecer uma nova mamãe e que meus titios, da parte do papai, gostassem de mim.

— Ei! — corrija-a, enquanto seguíamos até o caixa. — Eles não têm como não gostar de você.

— Eles não tem tempo, tia. — suspirou fundo, mas forçou um sorriso. — Eles mandam presente e vêm no Natal, já é algo, né?

— Jasmine...

Ela apenas passou à minha frente, e logo passou o xampu, pagando-o, e eu ali, sem saber o que dizer.

Por que famílias eram tão complicadas, não eram? Eu sabia bem daquilo, já que vinha de um redemoinho, em que Regina e Verônica me salvaram. Salvaram nós quatro.

— Por que a gente não vai ver a Dani? — indaguei, e então Jasmine parou, me encarando surpresa. — Primeiro vamos passar no seu pai e pedir, e daí eu te levo lá. Ela tá em casa, cavalgando.

— Eu amo cavalgar.

— Eu amo ver de longe, mas tudo bem. — ela sorriu e assentiu.

— Acho que o papai não vai deixar, não depois de ainda ter encontrado Toledo aqui... E de eu ter fugido.

— Será que é uma má ideia a gente fugir por mais algumas horinhas só?

Sugeri, e sabia que poderia estar assinando meu atestado de óbito.



“Lutar com um amor verdadeiro é como lutar boxe sem luvas

Química até explodir, até que não haja mais nós”^[12]

FRANCO

— Vê se para de fugir, rapaz. — falei, passando as mãos de leve pela cabeça do azulino, que era o bezerro fujão dos últimos dias. Que me fez sair correndo por ali e ainda dar de cara com a tal Carolina Reis.

Por que eu estava pensando sobre aquilo ainda?

— Patrão!

Virei-me ao som da voz, e encarei o meu capataz claramente preocupado.

— O que foi, homem?

Ele respirou fundo, segurando o chapéu com força contra o peito.

— Fui chamar a Jas, como pediu, mas...

— Mas o quê? — perguntei completamente perdido. — Ela está desenhando? Não quer vir ver como o Azulino tá?

— Ela não tá em casa...

A voz dele mal saiu, mas ainda assim, consegui escutar.

— O QUÊ? — a minha, pelo contrário, já deveria estar dois tons acima. — O que disse?

— Parece que ela foi no centro com a Lara... Disse para Lara que ocê autorizou...

— Onde Lara está? — perguntei, já sem paciência e rumando em direção à casa.

— Ela deixou a Jas no mercado, enquanto ia no contador, mas daí quando voltou, disseram que viram a Jas saindo com uma moça loira da cidade... Acho que uma tal de... Cleo... Carla...

— Carolina? Carolina Reis?

— Isso, os parentes novos dos Torres.

— Diacho! — praguejei, e fui direto para a picape. — Cuida das coisas por aqui e manda Lara voltar, que eu mesmo vou resolver isso.

Peguei meu celular e notei que estava sem bateria. Ótimo momento para aquilo! Detestava tecnologia, porque toda vez que precisava de algo simples, como apenas fazer uma ligação e descobrir onde minha filha estava, não funcionava.

Saí então com o carro, e sabia exatamente onde pararia primeiro – a fazenda de Inácio Torres.

O trajeto que geralmente levava trinta minutos, eu tinha feito em dez. Não conseguia pensar em nada além de encontrar minha filha. O que aquela mulher fazia com ela? Levando-a de algum lugar?

— Diacho de patricinha!

Quando parei apenas à frente da fazenda, encontrei Lucas, o capataz e melhor amigo de Inácio, que deveria estar em pleno expediente.

— E aí, sumido?

— Oi Lucas. — falei, tentando esconder minha raiva.

— Cara... — ele então se encostou perto da porta e me encarou. — Não te vejo há quase um ano e tá com a mesma cara de raiva de antes, ou pior...

— Preciso saber onde Carolina Reis fica por aqui?

— A Barbie? — indagou confuso, e eu fiquei ainda mais. Contudo, lembrei que minha filha se referiu a ela de tal forma, então deveria ser comum. — Ela tá na casa do irmão, que fica aqui perto... Por quê?

— Ela está com a minha filha, Lucas.

— Jas tá por aqui e eu nem sei? — perguntou, como se surpreso. — Ná tá no hospital, babando no sobrinho novo, então, hoje aqui tá um tédio que só... Posso ir junto?

— Vai caçar o que fazer — falei, e ele riu alto, afastando-se do carro.

— Vai reto, pela estrada de sempre, e gira na primeira casa vermelha que encontrar... De nada! — gritou, enquanto eu só o via desaparecer do retrovisor.

Velhos conhecidos que não mudavam, e aquele era Lucas. O mesmo desde que o conheci na escola.

Rumei para onde ele orientou, e quando finalmente cheguei, mal estacionei, e já pulei do carro. Saí um pouco perdido, após bater na porta da casa e não ter resposta alguma. Fiquei ali, esperando por alguns segundos, e percebi que não tinha qualquer barulho lá de dentro.

— Diacho!

— Quem é você?

A voz era alta e clara, em um tom ameaçador que não me passou despercebido. Quando me virei, dei de cara com a mulher que dirigia o carro que Carolina nos deixou, duas noites atrás.

— Onde está a minha filha? — perguntei, e ela cruzou os braços, como se tivesse o dia todo, para ficar apenas ali.

— Quem é você? — insistiu, e seu olhar não parecia sequer mudar ou tremer. Ela parecia... parecia impenetrável.

— Sua... Seja lá o que a tal Carolina seja de você... Ela está com a minha filha, e eu quero a minha filha aqui, agora. — exigi, e ela apenas meneou a cabeça, para uma direção à esquerda.

— Me siga.

Não era um pedido ou uma orientação, mas eu fui. Era a única resposta que tinha naqueles minutos torturantes. Enquanto caminhava há certa distância daquela desconhecida, apenas se passava por minha mente, que Jasmine ficaria de castigo por pelo menos duas semanas. Que ideia era aquela de mentir para sair de casa de tal forma?

Quando meu olhar finalmente a captou, lembrei-me de como respirava.

Vi-me correndo em sua direção, ao nota-la sendo enrolada em uma toalha, por Carolina, que estava agachada à sua frente. Não pensei muito, apenas passei por ela, e vi-me, virando Jasmine em minha direção.

— Papai?

A voz dela era de surpresa, mas vi-me apenas a puxando para mim, mal sabendo como se respirava de novo.

— Onde estava com a cabeça? — perguntei, olhando-a por inteiro, e vendo se tinha algum machucado ou o que fosse. — Quase me matou do coração.

— Eu...

— Ela só estava tendo um momento bom com a gente, não a culpe por isso.

Trinquei o maxilar e me vi apenas fazendo um gesto com a cabeça para Jas, que sabia exatamente o que significava. Vi-a caminhando até Daniela, que lembrava vagamente, e do irmão mais novo de Inácio, que me encarava curioso.

— Que bicho te mordeu dessa vez, Esteves?

Ignorei-o, apenas olhando diretamente para os olhos de Carolina, que se levantou, e tinha o queixo arrebitado em minha direção.

— Acho que não foi um bicho, mas sim... uma certa Barbie.

— Vamos conversar.

Vi-me apenas seguindo para um pouco longe dali, e por mais que pudesse se negar, ela veio logo atrás. Quando já estávamos longe dos ouvidos curiosos, principalmente, dos da minha filha, virei-me para ela.

— Nunca mais aja como se fosse alguém para minha filha!

— falei baixo e controlado, mas passando o recado claro. —
Nunca mais ouse chegar perto dela.

— E queria que Toledo chegasse? — ela então deu um passo mais para perto, e suas palavras me atingiram em cheio.

— O que ele tem a ver com isso?

— Pergunta à sua filha, já que não importa o que eu diga, não vai acreditar. — seu dedo veio para o meu peito, e fiquei imóvel. — Não sei o que tem contra mim, bruto insensível. Mas saiba que o ódio é recíproco.

Apenas me adiantei a tirar seu dedo do meu corpo, mas foi o meu erro. Quando a toquei para então afastá-la, meu olhar saiu do seu, e parou em toda ela. E toda ela, estava praticamente exposta. Vestida em um biquíni rosa tão pequeno, que me deixou boquiaberto por alguns segundos. Cada curva. Cada limite. Cada pedaço de pele dela. Tudo ali, e eu, parecia um maldito adolescente ao olhá-la assim.

— Quer um balde para parar de babar? — sua pergunta me fez acordar daquele torpor, e soltei sua mão, dando um passo atrás.

— Nada demais, ainda prefiro mulheres adultas.

Ela então abriu a boca para responder, mas apenas lhe dei as costas, indo até Jasmine, que já estava quase pronta, pelo que

notava.

— A gente se vê na próxima... na sua casa? — a pergunta de Daniela foi alta, e seus olhos pararam nos meus. — Eu gosto de vacas também.

— Quando quiser e seus pais autorizando. — Fui claro e Daniela sorriu, como se não se importasse nem um pouco com meu rosto fechado. — Sempre é bem-vinda, Daniela.

— Credo, Esteves. — encarei então Bruno Torres, que segurava a filha no colo, enquanto notava sua esposa nadando mais a longe no lago. Sabia por cima das histórias que contavam, mas tudo o que acontecia com um Torres naquela região, era dito em algum lugar. Então não precisava de muito para crer que aquela era Primavera. — Devia ficar para o jantar.

— Agradeço. — apertei meu chapéu, e apenas olhei para Jas. — Pronta?

— Sim. — falou, e assenti, seguindo para fora dali. — Só vou...

Vi-a então ir até Carolina, que estava já envolta no seu roupão, e aceitou os braços da minha filha ao seu redor. A cena era... linda. Linda, Franco?

Elas falaram algo baixinho, e então vi minha filha parar à frente da outra mulher, que me levou até ali.

— Foi bom te conhecer, tia Verô.

A mulher apenas tocou com os cinco dedos, levemente na testa da minha filha, em um carinho, e não disse nada.

— Jasmine? — falei, passando perto da mulher, e apertando meu chapéu, como uma despedida.

Senti então minha filha ao meu lado, e quando chegamos perto do carro, trouxe-a diretamente para os meus braços, sentindo-me mil vezes mais leve.

— Quase matou o seu velho do coração. — assumi, e notei a culpa em seu olhar. — Vai me contar tim tim por tim tim, e está de castigo por mentir para Lara.

— Mas...

— Nada de “mas”, Jasmine. — abri a porta do carro para que ela entrasse. — Nem pense mais em ficar perto dessa... dessa mulher.

— A tia Barbie me salvou. — falou, ficando emburrada, e cruzando os braços. Fechei a porta do carro, já sem saber o que fazer ou como começar uma conversa sem discutir.

E quando finalmente me sentei no banco do motorista, notei que Carolina nos seguira até ali, e me encarava com certo brilho no olhar, como quem diz “vou acabar com a sua vida”. E eu não sabia dizer como, conseguia lê-la tão bem. Esperava que estivesse apenas errado, e que daquela vez, não voltasse a vê-la.

Não mais.



“Está tudo bem eu ter dito tudo isso?

É normal que você esteja na minha cabeça?

Porque eu sei que é delicado”[\[13\]](#)

CAROLINA

— Não sei se estou mais surpreso por Esteves aparecer, ou por você ter conseguido trazer a filha dele aqui...

— Para de ser fuxiqueiro, Bruno. — Abigail se adiantou e bateu no braço do esposo. — Mas eu gostei da vibe cão e gato.

— Abi! — revirei os olhos, parando ao lado de Dani, que pulou novamente no lago. — Ele é só um bruto que me odeia sem razão nenhuma.

— Esteves não teve muita sorte com pessoas ricas. — Bruno comentou, como se não soubesse tanto quanto parecia sobre. — O que eu sei mesmo, é que ele detesta gente de fora. Até a gente que é daqui, ele não chega muito perto.

— Não precisava ser um sem educação comigo. — refutei, e Bruno levantou as mãos em sinal de rendição, enquanto Abi ria, e puxava a filha para si. — Enfim, a filha dele é maravilhosa. Deve ter puxado cada pedaço da mãe.

— Está fazendo o mesmo que ele.

Ouvi a voz de Verô, que estava em suas roupas sociais, e botas nos pés. Estava de braços cruzados e se aproximou.

— O quê?

— Está julgando sem saber. — falou, sentando-se no tronco ao meu lado. — Por que parece tão invocada com isso?

— Quem está invocada com o quê? — a voz de Lisa chegou até nós, e ela trazia consigo um balde de pipoca.

— Não acredito que foi até a casa do Ná para fazer pipoca.

— Culpa de Val, que não sei como, não tem pipoca em casa. — falou, aproximando-se com um balde enorme de pipoca.
— O que eu perdi?

— O pai da Jas chegou, brigou com a tia Carol e foi embora igual a um touro bravo.

— O quê? — Lisa indagou rindo, e a gargalhada foi geral. Daniela tinha talento nato em passar uma fofoca de forma fácil. — E ele é como?

Notei o olhar de minha cunhada passar sobre mim, e dei de ombros.

— Só um cowboy imbecil. — falei baixo, para que Daniela não escutasse, e Lisa arqueou uma sobrancelha.

— Feio também?

— Esteves? Feio? — Abi foi quem perguntou, rindo, enquanto jogava Prim para cima, dentro do lago, e Daniela nadava ao seu redor. — Eu não o via há muito tempo, mas a fama dos Esteves por aqui sempre foi boa. São em quatro irmãos, todos homens, e Franco, que apareceu aqui, é um dos do meio. Todos têm os cabelos escuros e olhos tão claros que você fica abismada. Eles eram tão populares quantos os Torres.

— Gostosos tanto quanto?

— No mesmo nível!

— Lisa! — reclamei, ao mesmo tempo que Bruno olhava emburrado para a esposa.

— Abigail, eu vou pro sofá de novo.

— Para de ser detestável. — piscou um olho para o marido, sorrindo. — Pelo que vi hoje, ele só ficou ainda mais... — ela riu de lado. — Charmoso.

— Charmoso? Ele? — indaguei emburrada. — O cara nem mexe os cantos da boca direito. Ele só tem aquela expressão dura, como se quisesse me matar com um olhar...

— Eu já vi esse filme antes... — Lisa comentou, sorrindo de lado e encarando Abi.

— E eu gostei muito do final. — a outra traidora completou, e eu fiquei inconformada.

— Fala alguma coisa, Verô! — cutuquei minha irmã, que parecia mais interessada na pipoca que compartilhava com Lisa. — Olha aí sua cunhada falando de outros homens gostosos na sua frente.

— Igor sabe bem com quem se casou. — olhei-a incrédula.
— O que quer que eu faça? Que diga que Franco Esteves é detestável?

— Ei, eu sou! — Bruno gritou, como se incompreendido, e Abigail o mandou ficar quieto.

— Ele é terrível, Carolina. — Verônica falou, sequer me olhando. — Não deveria nunca mais vê-lo.

— Obrigada, melhor irmã do mundo inteirinho.

Sabia que ela estava sendo irônica, mas agradei o seu falso apoio do mesmo jeito.

— Que ele fique bem longe de mim, amém! — falei, fazendo o sinal da cruz com os dedos, e Lisa revirou os olhos. — Pena que eu gosto da filha dele... — suspirei fundo.

— Se identifica. — assenti para as palavras de Verô. — Algo mais?

— Não sei explicar. — admiti, e ela apenas me encarou, como se já entendesse tudo. — O quê?

— Tá tocando BTS!

A voz de Dani foi como um grito, e demorei dois segundos para lembrar que só poderia ser meu celular. Levantei e fui até a

bagunça das minhas coisas, em que deixei as roupas, assim como minha bolsa. Peguei o celular e por um segundo, pensei que poderia ser Jasmine, mas era outro número desconhecido.

— Carolina Reis. — falei, suspirando fundo.

— Precisamos conversar.

Arregalei os olhos, incrédula que ele sequer sabia falar oi ou algum cumprimento. Ao mesmo tempo que meu corpo todo reconheceu aquela voz como algo tão bem-vindo, que me assustou. Bem-vindo o cacete.

— Não tenho nada para falar com você. — desfiz a ligação, e joguei o celular de volta nas cosias.

— Deixa eu adivinhar... — Lisa falou, atenta a cada passo meu. — O tal cowboy gostosão?

— Que história é essa de cowboy e gostosão na mesma frase, Elisa Reis?

Então minha cunhada foi salva pelo meu surto de raiva, já que Igor resolveu aparecer, com o filho deles a tiracolo, que usava um minichapéu de cowboy, que me fez derreter por completo. Vi-me indo até o meu sobrinho e apertando suas bochechas.

— O cowboy gostosão da sua irmã — ela explicou, e me virei incrédula para a mesma.

— Nero é cowboy desde quando? — ele não perdia tempo em provocar, e bati contra o seu braço livre. — O quê? Já superou o nerd?

— Ele é meu melhor amigo, cuidado! — Abigail gritou e Igor apenas piscou para ela.

— Não pisca para a minha mulher, Reis!

— Para de ser enxerido, Torres!

E ali estavam Igor e Bruno competindo pela atenção, como sempre.

— Elas estão falando do...

Meu cleular tocou de novo e bufei, indo novamente até ele e o pegando.

— Eu já disse que não tenho nada para falar com você. — falei de uma vez, e desfiz a ligação, sem dar qualquer abertura para que ele pensasse em ligar novamente. — Bruto!

— Algo está errado no castelo de diamante hoje? — Igor indagou, em direção a Verô, e apenas os ignorei.

— Vou tomar um banho, para ver se tira essa raiva de mim.

— Sabem o que dizem sobre amor e ódio, em...

— Igor, se não quiser ser meu saco de pancadas...

— Te amo, Barbie linda.

Revirei os olhos e fui em direção à casa do meu irmão, batendo o pé. Não sabia explicar como, mas aquele homem. Aquele bendito cowboy...

— Ah! — reclamei para o nada, enquanto caminhava, e assim que o celular tocou de novo, apenas apertei em não atender. — O que diabos ele quer? Dizer que eu não sou uma mulher de verdade?

Por que eu estava tão furiosa com algo assim?

Com palavras de um cara qualquer que eu nem conhecia?

— Carolina Reis, para com isso! — falei comigo mesma, adentrando a casa do meu irmão e foi quando senti meu celular vibrar novamente. Agora o número identificado como Jasmine.

— Oi Jas. — falei, respirando fundo. — Tá tudo bem? — perguntei, já em alerta.

— Nunca te vi falar tão manso assim.

— O que faz com o telefone da sua filha? — rebati, arregalando os olhos. — Isso é invasão de privacidade, sabia?

— Não da minha filha que está de castigo sem celular por duas semanas por ter mentido e saído de casa sem dizer nada.

— Olha... — respirei fundo uma duas, dez vezes. — O que quer? — trinquei os dentes, e ouvi seu suspirar do outro lado da linha.

— Jasmine não quer me contar o que houve.

No primeiro momento fiquei surpresa, e não sabia dizer porquê, mas orgulhosa dela. No segundo, vi-me gargalhando alto, sem evitar.

— Agora precisa de mim, cowboy? É isso mesmo?

— Eu só... Só estou preocupado com a minha filha. — seu tom era tão tenso, que poderia jurar que estava com os dentes cerrados.

— E isso te fez vir falar com alguém que jurou não querer mais perto da sua filha?

— Eu estou tentando, Carolina.

A forma como meu nome saiu de sua boca, fez um arrepio percorrer cada parte do meu corpo. Meu coração acelerou e vi-me dizendo mentalmente: não, não, não! Não ouse fantasiar de novo, Carolina!

— Então tente mais! — falei por fim, sabendo que precisava ficar longe dele. — Tente descobrir por sua filha. Como você mesmo disse, eu não tenho nada a ver. Boa noite, Franco.

Desfiz a ligação e vi-me jogando o celular sobre o sofá. Eu ia tomar um banho e esquecer o aparelho por ali, pelo resto da noite. Ele desistiria, e com toda certeza, conseguiria tirar algo da filha adolescente de quatorze anos, certo?

Enquanto isso, eu daria um jeito na sensação crescente em minha mente e corpo, que de repente, ficava repetindo a voz dele chamando o meu nome.

Que merda era aquela?



“Agora diga que me odeia

Que você não consegue aguentar mais

Mas eu sei que eu e você

Nós somos inevitáveis "[14]

FRANCO

— Jas...

— O quê? — perguntou, comendo o pouco do que tinha colocado no jantar. — Estou quietinha, do jeito que o castigo pede.

— Você não está de castigo sobre falar, e sabe disso. — falei, e ela deu de ombros, terminando seu prato. — Não vai comer mais?

— Tô com sono. — admitiu e seus olhos iguais os meus, me encararam. — Acho que de ter nadado bastante com a Dani.

Respirei fundo, tentando não lhe dar outro sermão.

— O senhor pode ficar bravo e eu sei que o que fiz foi errado. — assumiu, ao se levantar da mesa. — Mas eu também estou cansada de viver sozinha aqui. Não posso ir a lugar nenhum, ou ver alguém. As pessoas da sua família não gostam de mim, as pessoas da família da mamãe me detestam, o pessoal na escola até tenta ser meu amigo, mas eu nunca posso sair.

— Eu só quero que fique protegida.

— Quanto mais me protege do Toledo, menos eu vivo. — falou, e às vezes, eu me surpreendia do quanto a inocência de Jasmine passava a uma maturidade absurda para certos assuntos. — Quero conseguir me defender, papai. Quero ser alguém capaz. Não quero ter que ligar de novo, pedindo socorro para alguém.

— Filha... Me conta o que houve. — pedi novamente, e ela negou com a cabeça, empurrando a cadeira de volta para o lugar.

— Só quero dormir. — assumiu, e veio até mim, claramente pedindo seu beijo na testa de toda noite. — Vou ouvir uma música.

— Jas...

— Não faz diferença o que aconteceu ou não, se nada vai mudar.

Ela então saiu, deixando-me sem palavras, e de repente, eu me sentia o mesmo Franco de dezenove anos, com um bebê recém-nascido no colo, sem ter ideia do que fazer.

Vi-a seguir em direção às escadas, e era clara a sua postura de descontentamento. O que eu poderia fazer?

Já tinha tentando descobrir por Carolina, e absolutamente nada de resposta. Na realidade, fora pior do que eu esperava. Suspirei fundo, e me levantei, felizmente já tendo terminado o meu prato. Peguei meu celular e liguei novamente para ela.

Se existia uma pessoa que me fazia engolir qualquer orgulho ou palavra, era Jasmine. E por ela, eu encararia até

mesmo aquela patricinha mimada de novo. Quantas vezes fossem necessárias.

A ligação foi direto para a caixa-postal e suspirei fundo, encarando as horas. Já eram dez da noite, e na minha mente, era como se soubesse que ela não deveria estar dormindo. Jasmine não me diria nada, eu sabia. Já que ela puxara aquilo exatamente de mim – quando ela se trancava, levava até mesmo dias para algo sair.

E eu me sentia um pai de merda por causar aquilo, mesmo sem ter certeza do que realmente aconteceu.

Disquei então o número de Célia que era uma senhora que trabalhava na fazenda, antes mesmo de eu aparecer por ali, e em poucos minutos, ela já estava na minha porta. Ela sabia o porquê de eu ligar, porque geralmente consistia em ficar de olho em Jasmine por algum tempo. Ela era mãe do capataz, e morava em uma das casas mais próximas da nossa, dentro daquela imensa fazenda.

— Não precisa explicar nada, como sempre, garoto.

Peguei meu chapéu e agradei-a brevemente, antes de ir até o meu carro. Enquanto Jasmine se trancava, eu não tinha o

poder de fazer o mesmo. Porque jamais conseguiria dormir, sem ter ideia do que acontecera com ela. E teria que ir exatamente para o lugar onde estivera mais cedo, e encarar os olhos claros de Carolina Reis.

Se eu tivesse sorte...

Onde eu estava com a cabeça?

CAROLINA

— Volto logo, só vou espairecer um pouco.

Fechei a porta atrás de mim, e segui em direção ao lago ali perto. Deixei minha música no último, colocando o fone de ouvido. Eu estava mais inquieta que o normal, e aquilo sempre me deixava a margem de precisar de alguns segundos sozinha.

Não queria pensar sobre o que fiz no banho, não mesmo.

Depois de longos passos, encostei-me contra o tronco de uma árvore, e achei inteligente a escolha de um conjunto de

moletom rosa, mesmo que a blusa fosse um cropped, para passar aquela noite. Estava tendo um leve vento gelado, e pelo menos não passaria tanto frio.

Fechei os olhos, enquanto Red Lights tocava, e respirei fundo, não tentando passar muito a fundo na letra, nem me teletransportar para qualquer outro lugar. Mas ali estava minha mente, tendo os olhos duros dele por cada parte de mim.

Do mesmo jeito que aconteceu durante o banho, que antes que eu pudesse evitar, apenas notei que me tocava, pensava, justamente no homem que eu não gostava. Nem um pouco.

— O ódio é recíproco. — falei para mim mesma, abrindo os olhos e suspirando fundo. Tirei os fones de ouvido e coloquei no alto, curtindo um pouco daquela noite estrelada. — Aqui é tão bonito, por que eu não penso em outra coisa? *Cacete!*

Talvez eu estivesse muito tempo no interior e fosse uma espécie de delírio de saudade dos prédios e barulhos dos carros. Só poderia ser. Ou até mesmo o fato de que eu não levava ninguém para minha cama há alguns meses. Talvez fosse a simples carência, certo?

E eu poderia dizer qualquer coisa sobre Franco Esteves, mas ele era um pedaço de mal caminho. Ele era alto, forte, claramente musculoso... O jeito bruto só me fazia pensar em quais outros momentos ele poderia ser da mesma forma. Mesmo que eu detestasse a forma como ele se referia a mim, não podia negar que meu corpo gostava da sensação da presença dele.

— Merda!

Então resolvi focar na música e cantei baixinho, enquanto as estrelas pareciam rir da minha cara.

“Agora diga que me odeia

Que você não consegue aguentar mais

Mas eu sei que eu e você

Nós somos inevitáveis...”

Senti meu corpo todo se arrepiar, de repente, e me desencostei da árvore. Quando me virei, senti meu corpo todo quase desligar pelo susto, e se não fosse os braços que eu não deveria estar pensando, me segurarem, eu cairia de bunda no chão.

— Cacete! — bradei, puxando o ar com força. — De onde você surgiu?

— Que boca suja. — falou, e eu apenas me vi empurrando-o e saindo do seu alcance. — Precisamos conversar.

— Como chegou aqui? Como sabia que eu estava aqui? — indaguei, sem entender absolutamente nada, a não ser, o fato de que ele estava vestindo em um novo par de roupas que delineavam seu corpo, e o chapéu preto como sua marca.

— Eu sou conhecido dos Torres... — revirei os olhos, dando um passo atrás. — Vim porque preciso falar com você.

— Jasmine não disse nada? — perguntei, com o deboche escorrendo por minha boca. — Ela é realmente uma garota incrível.

— Ela não está em um bom momento, senhorita Reis. Então, se puder colaborar.

— Voltei a ser senhorita? — rebati, e dei um passo à frente. — É óbvio que ela não está num momento bom. Ela praticamente foi perseguida dentro de um supermercado e ninguém a ajudou, só porque aquele tal Toledo é tio dela. Eu

entendo sobre famílias poderosas, mas eu posso pisar nele como um inseto, e vou fazer, se ele se aproximar dela novamente.

— O que ele fez?

— Ela teve que se trancar num quartinho do estoque do supermercado, e tentou te ligar mas não deu área, aí apelou para mim, uma completa estranha... e eu ouvi ele esmurrar a porta do outro lado. Eu ouvi a voz dela de medo... — naquele instante, eu já até me esquecia que detestava o homem à minha frente, porque eu realmente tinha nojo era do homem que fez aquilo com Jasmine. — Quando cheguei, ela parecia um bichinho assustado.

— Ele ainda estava lá?

— Como o maldito que é. — falei, e então voltei meu olhar para o dele. E vi a dor exposta ali, como se ele estivesse repassando muitas coisas. — Precisa pará-lo, Esteves.

— É mais complicado do que parece. — assumiu, tirando o chapéu e colocando-o contra o peito, como se perdido em seus próprios pensamentos. — Obrigado por me contar.

Surpreendi-me com sua fala, que mal saiu, e mesmo que o momento fosse o mais tenso possível, acabei abrindo um sorrisinho.

— Então ele sabe agradecer... — cruzei os braços, e então seu olhar parou no meu. — E sabe ser educado.

— Você também não vai com a minha cara, madame. — falou, e eu me vi mordendo o lábio e relembrando o que não devia. — Eu vejo isso.

O que ele via?

— Que o ódio é recíproco? — vi-me indagando, e respirando fundo, quando ele deu um passo à frente. — Não tente me fazer de culpada, se foi você quem começou já me odiando.

— Nunca disse que a odeio. — assumiu, e deu mais um passo, parando tão próximo, que eu mal consegui respirar. — Só não a suporto.

— A gente nem se conhece para dizer algo assim. — falei, vendo que na realidade, era ele que não ia de fato com a minha cara. — Como pode não suportar alguém que mal conhece?

— Conheci o bastante para saber que é problema.

— Eu? — rebati, empinando meu queixo e quase ficando na ponta dos pés, e mesmo assim, ele era muito mais alto. — Eu sou incrível, só para começo de conversa. Sou linda, educada,

muito bem diga-se de passagem, tenho assunto para qualquer coisa, sou uma grande gostosa e ainda por cima...

— Fala demais. — cortou-me, e senti a raiva subir por todo meu corpo.

— Eu não falo demais.

— Fala. — deu mais um passo, e vi-me dando um para trás, quase encostando na árvore. O que estávamos fazendo? — É como se eu pudesse ouvir a sua voz na minha cabeça, mesmo que tentasse evitar.

— Então quer dizer que pensou em mim? — perguntei, sem conseguir evitar, e vi-o colocar o chapéu na cabeça, aproximando-se tanto, que seus lábios estavam a um fio dos meus.

— Devia saber a hora de parar de falar.

— Eu não falo...

E antes que completasse a frase, apenas senti os lábios dele, firmes, diretamente nos meus. Ele não me provou ou degustou, ele apenas me tomou como se fosse o real dono, e me calou por completo. Eu deveria empurrá-lo. Eu deveria mordê-Lo. Eu deveria afastá-lo. Eu deveria... suas mãos apertaram minha

bunda, trazendo-me para si. Enquanto minhas mãos castigavam suas costas, trazendo-o para mim.

Foda-se.

Eu não deveria pensar em mais nada.



“Ele é tão alto e bonito pra cacete

Ele é tão mau, mas ele faz tão bem

Já posso ver o fim quando tudo começa”^[15]

FRANCO

O que eu estava fazendo?

Onde eu estava com a cabeça?

A cabeça eu não sabia, mas a minha boca estava presa à dela. Ao gosto dela. A tudo dela. Não conseguia me lembrar se

alguma outra vez, me senti tão viciado em um gosto como naquele instante.

Foi tão inesperado e rápido que a tomei, vi-me afastando-a, e quando a encarei, soube que não deveria tê-lo feito. Olhos claros brilhantes, uma boca vermelha e inchada do meu toque, o cabelo sempre perfeitamente penteado, completamente bagunçado.

Bagunçado por mim!

Você tem 34 anos, Franco!

Você tem uma filha!

Você não tem tempo para...

Ela então suspirou baixinho e seu olhar fugiu do meu.

— Já conseguiu a sua conversa. — falou, e se virou, parecendo pegar algo jogado no chão, que eu sequer tinha notado. — Peça para Jasmine me ligar, quando ela sair do castigo.

Ela então deu passos para longe, e por puro reflexo, vi-me indo até ela, como se fosse pará-la. Contudo, me parei antes. Que puro reflexo era aquele? Por que eu a pararia?

Vi-me levando as mãos aos lábios, que deveriam estar tão inchados quanto os dela, e senti meu coração acelerar. Respirei fundo, ajeitando alguns botões da minha camisa que se soltaram, pelo toque dela. Das unhas que chegaram à minha pele, e deixaram marcas.

Diacho!

E eu fiquei ali, vendo-a desaparecer da minha vista, enquanto tentava voltar a ter alguma racionalidade. E não entendia como consegui deixar-me levar tão facilmente. De uma forma tão... tão certa. Mesmo que não fizesse sentido algum.

Eu estava ali por conta de Jasmine.

Apenas aquilo.

Mais nada.

CAROLINA

Meus lábios estavam formigando.

Meu corpo todo em alerta, e pedindo por mais. Mas então, eu apenas me vi fazendo o oposto. Correndo para longe.

Eu o conhecia há menos de três dias. Pelos céus! Não que eu fosse puritana e não tivesse estado com caras que conheci em uma noite. Contudo, existia uma receptividade do meu corpo ao toque dele, que me assustava. Não era como nenhum outro. Não foi algo que esperei.

— Parece que viu um fantasma.

— Puta merda! — soltei, e me segurei contra uma árvore, já quase na casa do meu irmão. — O que faz aqui, Nero? — vi-me indagando, e era tudo o que menos precisava naquela noite.

O cara que eu achei que gostava.

O cara que eu acabei de beijar e não era ele.

O cara que eu tinha um contrato de casamento e os dois fingíamos que não sabíamos daquilo.

— Abi esqueceu alguns documentos em casa, e me pediu para trazer. — falou, e então notei que estava sentado em uma cadeira, e o que parecia um livro em seu colo.

— Você...

Virei-me, encarando a distância do lado até ali, e então, voltei meu olhar para Nero. Ele não estava com os óculos de grau, e me perguntei, se ele realmente precisava dos mesmos.

— O quê? — indagou, e pareceu tão tranquilo, que não era como se ele tivesse me visto sendo beijada por Franco Esteves, certo?

— Nada. — vi-me dizendo por fim, sem querer dar pano para manga. — Certo, boa leitura. — forcei um sorriso e tentei migrar para a casa do meu irmão, mas sua voz me parou.

— Minha mãe tem tentado falar com você, certo?

Mordi o lábio, e me virei para Nero, que parecia tão em paz, que não era um assunto tão delicado para ele, ou era?

— Sobre aquele contrato, certo?

— Infelizmente. — e ali estava ele, me rechaçando como sempre, e pela primeira vez, todo aquele tempo, não encarei como um desafio. Eu tinha entendido, depois de tantas histórias de amor, que o amor não era sobre aquilo. Não era sobre criar a história perfeita apenas em sua mente, e achar que vai acontecer. E Alfredo Lopes – Nero – não era o meu. Nem nunca foi. Era só o

brinquedo bonito e intocável para uma garota que sempre teve tudo, e não queria abrir mão. E eu abria, naquele instante.

— Penso o mesmo. — ele piscou algumas vezes, como se surpreso. — Eu vou dar um jeito nisso. — falei, e ele assentiu, como se apenas aceitando. — Não vamos nos casar, fica tranquilo.

— Obrigado por entender, Carolina.

— Por finalmente entender que não existe... — fiz um sinal imaginário entre nós dois. — Nada que nos interligue?

— Você é bonita, mas...

— Você é bonito, mas era só um jogo de uma menina carente. — admiti, e ele pareceu absorver as palavras. — Sinto muito por ter tornado algo tão maior, ao assinar aqueles papéis.

— Bom, os Reis conseguem tudo, certo?

— Quebrar um contrato será simples. — admiti. — Só quero poder curtir esse tempinho aqui, com minha família e depois, cuidarei disso.

— Obrigado, *mesmo*.

— Não por isso.

Pisquei um olho, e me afastei do mesmo, e não senti nenhum vazío. Apenas... alívio, para ser honesta comigo mesma. Suspirei fundo, e adentrei a casa, com cuidado para não acordar Daniela, que já deveria estar dormindo nos quartos de cima.

Subi degrau por degrau, até um dos quartos de hóspede que era meu e de Verô por aqueles dias, e quando fechei a porta atrás de mim agradei a todos os astros, por ela não estar ali. E rezando para que demorasse onde quer que estivesse na casa.

Vi-me jogada contra o colchão e com as mãos nos lábios inchados. Respirei fundo, e era como se o cheiro dele, que me remetia a baunilha, estivesse por toda parte. Fechei os olhos e tentei esquecer-me daquele momento, mas pelo contrário, fui apenas mais imersa no mesmo. E antes que pudesse contestar ou discutir comigo mesma, acabei apagando ali mesmo.

Com o gosto de Franco Esteves.



“Tudo que eu quero é um amor que dure

Isso é pedir demais?

Há algo de errado comigo?

Tudo que eu quero é um cara legal

Minhas expectativas são altas demais?"^[16]

CAROLINA

— O seu carro está lá até agora? — Valéria perguntou assustada, enquanto Vitor estava aninhado em seu peito e

mamando. Seu olhar voltou para o filho, e vi-me quase babando de amor pela cena.

— Tecnicamente, meu carro está parado naquela estrada pelo mesmo tempo de vida da nossa coisinha mais fofa. — estava agachada, e consegui notar as nuances do pouco cabelo que meu sobrinho tinha, que variavam do escuro de Tadeu, para o ruivo escuro de Val. — Vou até lá hoje, com Lucas.

— Inácio sabe que o melhor amigo dele, que é capataz, tá praticamente te baldeando por aí?

— Lucas é um ótimo informante sobre tudo por aqui. — levei a mão ao peito, fazendo-me de inocente. — E o marido dele ia com a gente, mas parece que tem dentista. — complementei, e Val pareceu pensar a respeito.

Batidas na porta me fizeram levantar, e encará-la. Os irmãos mais novos de Valéria adentraram o ambiente, e notei toda a felicidade dela praticamente se tornar um brilho.

— Hora boa?

— Hora de morrer de amor pelo sobrinho, sério. — falei, dando um leve beijo na testa de Val, que sorriu de lado. — Volto depois que salvar o que restou do carro. Não se esqueçam dos

babadores, titios. — dei um sorriso para Henrique e Paola Fontes, que apenas assentiram, mas o olhar preso na irmã.

Saí do quarto, e dei de cara com Lucas, que já me esperava ali. Tinha vindo ver Olívia só agora, e aquele, parecia ser o último dia das minhas cunhadas e dos bebês no hospital. O que era um alívio para todos. Porque a realidade era que todo mundo queria estar perto das duas ao mesmo tempo. Só não tinha ideia de como aquilo seria feito, já que Olívia morava na cidade vizinha, então, com certeza, seria uma pequena divisão. Ou Inácio a convenceria de ficar por ali, na fazenda dele, pelo menos nas primeiras semanas.

Famílias grandes e bagunçadas eram realmente algo que eu gostava. E por algum motivo, Jasmine me veio à mente no mesmo instante.

— Tenho uma notícia, Barbie.

— Sobre? — indaguei para Lucas, finalmente parando ao seu lado.

— Seu carro não está mais no mesmo lugar e preciso resolver algo inadiável com Inácio.

— Como um carro daquele some assim? Roubado? — perguntei, e ele riu de lado, como se soubesse de tudo.

— Pelo que um dos peões me contou, foram ordens de Franco Esteves, e o carro está na fazenda dele.

— O quê? — minha voz mal saiu.

— Foi exatamente isso que me perguntei, mas eu que não vou cutucar touro bravo com vara curta.

Ri alto, e me lembrei que Daniela o chamou da mesma forma.

— O que eu faço, então? — indaguei, tanto para mim mesma, quanto para Lucas. Não que ele soubesse, que eu estava atordoada até aquele momento, depois do beijo que tivemos na noite passada. Tinha sido um delírio? Eu tinha ficado maluca?

— Vai na fazenda dele e pega o carro? — rebateu sorrindo.

— Ele não gosta de mim. — assumi.

— Fiquei sabendo...

— Deixa eu adivinhar? Bruno Torres fofocou sobre?

— O que Bruno Torres vê, toda a cidade vê. — revirei os olhos, por saber que era verdade. — Eu tenho o número dele, se preferir ligar antes de ir. E posso ir com você, só que amanhã.

— Não se preocupa. — bati levemente em seu ombro. — Ei, garoto problema! — chamei Gael, que vinha em nossa direção, bebericando algo em um copo de café de plástico.

— Garoto? — ele perguntou, o seu semblante não mudando em nada.

— Sei que tem a idade da minha irmã, eu sei. — apressei-me a dizer. — Preciso de carona até uma fazenda.

— E por que eu faria isso?

— Porque eu sei onde Verô vai toda a tarde, quando não está aqui. — ele franziu o cenho e pensou um pouco, antes de assentir. — Ótimo negócio.

— Isso aqui é uma nova bagunça clichê? — Lucas perguntou e eu apenas pisquei um olho. A realidade era que eu tinha vaga ideia de onde Verô estava, e mesmo que soubesse, jamais contaria ao irmão mais velho da minha cunhada. A questão era que usá-lo de carona até a fazenda Esteves, seria algo que ninguém ficaria fuxicando. Nem desconfiariam.

— Nem um pio sobre, ok.

Lucas fez um sinal de zíper com o dedo sobre a boca, e eu sorri para o mesmo.

— Podemos ir? — Gael perguntou e eu assenti. Era uma péssima boa ideia aquela carona. Verô ia me sacrificar se descobrisse que a usei de desculpa para conseguir convencer aquele homem. Porém, já que ele claramente a queria, eu que aproveitasse. Porque ela mesmo, sequer parecia realmente interessada.

— Vai mesmo ficar sozinha aqui? — Gael perguntou, ajudando-me a descer do carro que era tão grande, que até me assustou, e eu estava acostumada com carros altos.

Firmei meus saltos no chão batido e ajeitei a saia longa que deveria estar amassada.

— Vou ver uma amiga. — vi-me dizendo, ao me lembrar de Jasmine. — E antes que pergunte, Verô pode estar no centro, pelo que sei.

— Centro, Carolina? — indagou, olhando-me incrédulo. — Não tem ideia de onde ela está, não é?

— E nem que soubesse, Fontes. — Bati contra seu peito, coberto por um suéter, e ele apenas se afastou, indo para o carro.

Dei-lhe um aceno com as mãos, e ele saiu, sem olhar para trás. Poderia ser um homem, mas tinha realmente o mesmo jeito de um garoto problema, como eu ouvia algumas pessoas falando sobre ele. E eu não era ninguém para julgá-lo.

Passei a vida toda sendo julgada por ser o estereótipo perfeito de patricinha que ama rosa e coisas fofas. Mas eu gostava de quem eu era. Gostava do meu apelido de Barbie, assim como adorava os filmes. Gostava de usar rosa em alguma parte do meu look, nem que fosse um acessório minúsculo. Gostava de quem eu era, mesmo aos vinte e seis anos. E conseguia me ver exatamente assim dali a alguns anos.

Suspirei fundo quando encarei a entrada da fazenda, e perguntei a mim mesma o real motivo de estar ali. Era pelo carro, certo? Tinha que ser pelo carro!

— O que faz aqui, madame?

Meu corpo todo paralisou, e apenas olhei sobre o ombro esquerdo, sem crer que não estava delirando. Foi quando o encontrei, o homem que estava preso em meus pensamentos após tomar meu gosto na noite passada. Respirei fundo, e repeti a mim mesma, que não era nada.

Mas no fundo, eu sabia do porquê realmente estar ali. Eu só queria provar a mim mesma que aquilo não significou nada. Que eu não ia sair correndo novamente como uma covarde, após um simples beijo.

Era aquilo.

Empinei meu queixo e me virei, e vi-o atravessar a estrada até mim. Cada passo dele, um erro de batida do meu coração. Que sensação aterrorizadora era aquela?

— Meu carro. — foi tudo o que consegui dizer, tentando manter a falsa calma em meu rosto. — Vim buscar o carro que tirou da estrada sem a minha permissão.

Não vim para provar para mim mesma que era apenas uma atração superada e sem sentido.

Não.

Porque se fosse aquilo, quando ele parou à minha frente, notei que a prova não seria encontrada. Mas sim, a atração que ainda gritava por todos os poros, e me segurei, para mais uma vez, apenas não dar as costas e fugir, antes que fizesse alguma besteira.



“Oh, caramba, nunca vi essa cor azul

Apenas pense

Nas coisas divertidas que podemos fazer

Porque eu gosto de você"^[17]

FRANCO

Quem era aquele cara?

Por que ela o estava tocando de tal forma?

E por que ele a deixou ali, a minha porta?

— Queria que tivesse deixado no meio do nada? —
perguntei, tentando engolir a cena que presenciei do outro lado da
estrada e refrear sentimentos que não deveriam estar ali.

Nenhum sentimento.

— Por que não disse que mexeu com o meu carro? —
indagou, colocando as mãos na cintura, e me encarando decidida.
Diacho de mulher invocada! — Ficou me ligando várias vezes, e
até apareceu na fazenda, mas não disse, em nenhum momento
nada sobre o carro.

Olhei-a profundamente, e aquele era o meu erro. Desde o
primeiro instante em que meus olhos recaíram nos dela – ficar
preso aos mesmos.

Por que eu não tinha dito nada?

Primeiro: porque estava preocupado com a minha filha.

Segundo: que perdi minha mente, e de repente, estava
beijando-a com toda fome que eu nem sabia que tinha.

Fome dela.

— Não me perguntou sobre.

Apenas continuei a andar para dentro da fazenda, e senti
seus passos às minhas costas. Os saltos dela batendo contra

alguns adornos de pedra que tinham por ali, e por mais deslocada que ela deveria ser, eu não conseguia enxerga-la de tal forma.

Por que ela parecia tão bem, seguindo-me, como uma verdadeira madame em busca de explicações?

Por que eu não conseguia parar de pensar sobre aquele maldito beijo?

Porque talvez não foi tão maldito assim, minha mente gritou.

— Onde está o carro? — perguntou, assim que nos aproximamos da minha casa, e parei, mexendo no meu chapéu em busca de não a encarar novamente. Aprendi naqueles poucos dias, que não me era saudável ficar em seu olhar. — E Jasmine?

— O carro está estacionado atrás da casa, chamei um conhecido mecânico que o consertou. — mesmo sem ver sua expressão, sabia que ela me encarava por completo, porque meu corpo todo queimava. Diacho! — E Jasmine está tendo aulas de piano.

— Piano? — sua pergunta saiu como um grito animado. — Posso vê-la?

— Está me pedindo permissão para ver a minha filha, que simplesmente levou para a casa do seu irmão, sem me falar nada? — indaguei, e finalmente a encarei, sem conseguir fugir por muito tempo.

— Tenho amor á minha vida, e você sabe agora muito bem que a história não foi bem assim. — respondeu, fazendo um gesto exagerado com as mãos.

— Ainda não sei porque não a trouxe para casa depois do que houve.

E então, seu olhar sustentou o meu, e foi como se eu soubesse, que ela pensava a respeito do mesmo momento – em que ambos apenas deixamos acontecer, e ela parecia tão perdida quanto eu. E sabia daquilo, porque a vi correr para longe, em instantes após o beijo.

— Porque ela merecia ter um momento melhor do que aquele no dia. — deu de ombros. — Não sou tão conhecedora de pré-adolescentes, mas eu já fui uma.

— Não faz muito tempo.

Ela então respirou fundo, como se não esperasse a intervenção, e tive que me segurar pela primeira vez, para não rir

da mesma. Porque ela arrebitou ainda mais o nariz que parecia perfeitamente desenhado, e o torceu, como se brava por cada palavra.

— Eu tenho vinte e seis anos. — pontuou, dando ênfase no final. — Qual o seu problema com a minha idade?

— Nenhum. — dei de ombros.

A realidade, era que o fato de existir dez anos de diferença entre nós, era mais do que um alerta, de que deveria ficar longe dela. Desde o primeiro momento que a vi, eu sabia, que ela gritava problema por cada poro. Um problema e bagunça, que eu me vi atraído. E depois de tantos anos, sem sentir-me assim, tão facilmente atraído por alguém, foi como um choque que deveria apenas fugir.

E em vez de fugir, eu me via parado à frente dela, dando corda para qualquer coisa que ela dissesse.

Qual o seu problema, Franco Esteves?

— Isso não é um age gap. — sussurrou, e apenas franzi o cenho, sem entender o que de fato aquilo significava. — Enfim, é mais velho, que ótimo, parabéns! — bateu palmas, e sua

naturalidade em apenas agir como queria, me assustava. Nunca fui aquele tipo de pessoa. — Posso ver Jas agora?

— Sabe tocar piano?

— Minha irmã me ensinou. — e então, um sorriso diferente dos habituais passou por seu rosto, e um olhar tão quente se estabeleceu ali, que sabia que ela estava imersa em lembranças. — Mas faz bastante tempo.

— Já está dando desculpas antes mesmo de tocar?

— Quem disse que vou tocar em algum instrumento dentro da sua casa? — rebateu, e apenas meneei a cabeça, em direção à porta de entrada.

Antes que ela me seguisse, a porta se abriu, e a professora de Jasmine saiu, sorrindo para a mesma, e seu olhar parou no meu. Meneei a cabeça para Júlia, que logo trouxe uma das mãos até o meu braço. Era por aquilo que eu evitava me envolver com mulheres próximas à minha casa, e mesmo assim, ainda poderia me trazer tais problemas.

— Barbie!

Ouvi o grito animado de Jasmine, que quase me deixou surdo, e vi-a correr até Carolina. As duas pareciam ter uma

conexão que me assustava.

— Como foi a aula? — perguntei a Júlia, tentando soltar-me de seu toque, delicadamente.

— Foi ótima, como sempre. — olhos escuros pararam nos meus. — Está ocupado? — indagou, e seu olhar foi para as outras duas pessoas ao lado, que estavam abraçadas, mas senti o olhar penetrante de Carol sobre nós. — Jas já parece ter companhia, por que não...

— Ele tem que me ouvir tocar.

Olhei para Carolina surpreso, e Jasmine deu pulinhos no lugar.

— Sim, o papai prometeu isso.

Eu prometi? Desde quando?

Não pude disfarçar a confusão no meu olhar, mas aquelas palavras fizeram Júlia se soltar, e deixar um beijo na minha bochecha tão demorado, que notei Jasmine fazendo uma careta.

Logo que ela saiu de nosso campo de visão, olhei para Jasmine pronto para um esporro.

— Não trate Júlia assim. — pontuei, e minha filha assentiu mesmo sem vontade, e correu para dentro de casa, gritando por

Carolina.

— De nada! — Carolina foi quem se adiantou, antes que indagasse algo. — Era óbvio que tava correndo da mulher, e bom... De nada!

— Quem disse que estava correndo dela? — perguntei, perplexo.

Ela então me encarou de cima abaixo e bufou.

— Então enquanto eu vou tocar com a sua filha, devia correr para ela. — fez um sinal de descaso com as mãos, e adentrou a minha casa.

Simples assim.

E fiquei parado na soleira, sem entender absolutamente nada do que tinha acontecido naqueles poucos minutos.



“Tudo não pareceu novo e animador?

Eu senti seus braços se enrolando ao meu redor

É tudo diversão até que alguém perca a cabeça”^[18]

CAROLINA

E era como se eu nem existisse.

Nem ele, nem a tal professora de piano, fizeram questão de nos apresentar. Não sabia por que ainda esperava o mínimo de educação de Esteves. Não sabia porque diabos estava esperando algo dele.

— Você está bem? — perguntei, sentando-me ao lado de Jas, à frente do piano.

Olhei ao redor da casa, e diferente do que poderia imaginar, era um lugar completamente colorido e aconchegante. Olhando para a garota ao meu lado, só poderia pensar que cada canto gritava pela presença dela ali.

— Estou, graças a senhora. — fez uma careta, e eu sorri. — A você, tia.

— Só Barbie também, como quiser. — pisquei um olho, e encarei as partituras à minha frente. — Luan Santana? Taylor Swift? Adele? Temos uma garota eclética por aqui.

— É. — sorriu de orelha a orelha. — Você... — enfatizou a palavra e eu ri. — Também é, né? Me disse pelo telefone. — sua voz mal saiu ao final.

— Sim. — toquei levemente seus cabelos. — Quer tocar algo?

— Por que você não toca pra gente? — perguntou, e a encarei surpresa. — Aqui em casa, geralmente só eu toco, e bom, já estamos acostumados a nunca ter alguém diferente fazendo isso.

— Ok, então... — ela se levantou e se jogou na poltrona próxima dali, com olhar preso ao meu. — Algum pedido especial?

— Alguma do álbum 1989 da Taylor. — olhei-a interessada pela escolha. — É uma das que ainda não cheguei a tentar.

— Então... Essa é You Are In Love – acho que a minha favorita dessa álbum. — ela assentiu e consegui ver o brilho em seu olhar.

— Eu sei cantar essa.

— Então, só me acompanhar...

Limpei a garganta e fechei os olhos por alguns segundos, e repeti em minha mente, das vezes em que toquei aquela mesma música completamente só, e imaginando como seria, viver um amor exatamente assim.

“Um olhar, uma sala escura

Direcionado especialmente para você

O tempo corre rápido demais

Você reprisa em sua mente

Botões em um casaco

Piada despreocupada

Sem provas, não muitas

Mas você viu o bastante

Conversa fiada, ele dirige

Café à meia-noite

A luz reflete

A corrente em seu pescoço

Ele diz: Olhe para cima

E seus ombros te tocam

Sem provas, um toque

Mas você sentiu o bastante...

A voz de Jasmine se juntou à minha, e eu sorri, continuando a tocar, e então, senti um olhar por todo meu corpo, como se acompanhando cada palavra que saía de minha boca. Levantei meu olhar, ainda cantando, e Franco estava parado ali, encostado contra o batente da entrada. E por uns segundos, foi como se eu não soubesse explicar.

Mas eu sorri para ele.

Enquanto eu cantava uma das músicas mais românticas e
que adorava.

Eu me vi sorrindo, verdadeiramente, para Franco Esteves.

*“Você consegue ouvir no silêncio, no silêncio
Você consegue sentir na volta para casa, volta para casa
Você consegue ver com as luzes apagadas, luzes
apagadas
Você está apaixonado, um amor verdadeiro
Você está apaixonado...”*

*“E assim continua
Vocês dois dançando em um globo de neve, dando voltas e
voltas
E ele mantém uma foto sua em seu escritório na cidade
E você entende agora porque eles perdem a cabeça
E lutam as guerras
E porque eu passei minha vida inteira tentando colocar isso
em palavras...”*

— Eu amo essa parte. — Jasmine gritou, enquanto eu apertava a última tecla. — Já acabou? — indagou, e eu sorri, encarando-a.

— Gosto de terminar ela assim... — confessei, e era tão pessoal, que me assustou compartilhar de tal forma. — Assim como pular uma parte, porque nunca encontrei o momento certo de cantá-la.

— Nunca encontrou esse amor, tia Barbie?

Virei-me para ela, sentando-me melhor, e estando de costas para Franco.

— Eu já procurei, muito — assumi e suspirei fundo. — Mas às vezes a gente procura nos lugares errados. — e agora eu pensava em Nero. — OU o amor não precisa ser procurado.

— Sério?

— Não sei se é uma verdade absoluta. — ela então me deu um pequeno espaço para me sentar na poltrona ao seu lado. Ela logo se ajeitou e quase ficou sobre mim. Algo me indicava que a linguagem de amor de Jasmine era por toque. — Mas eu vi

muitos amores não procurados acontecerem e eles serem de verdade.

— Ouviu, papai?

Foi então que me surpreendi, ao vê-la tão decidida falando para o homem parado a passos de nós, acompanhando cada movimento.

— Não ouvi nada. — ele falou, e logo se virou, para seguir por um corredor. — Por que não aproveita que Carolina está aqui e lhe mostra a casa? Vou ver se temos café da tarde.

Então ele sabia ser receptivo?

Por que ele estava sendo receptivo?

Seria por causa do beijo? Esqueça isso, Carolina!

Foi só um beijo, com um desconhecido, não deveria significar nada. Nem ficar repassando em minha mente a cada segundo.

— Tia, vem! — Jasmine pulou de meu colo e estendeu a mão. — Vou te mostrar primeiro o lugar mais legal – o meu quarto.

Ela então me fez subir as escadas com ela, e então notei que tinha um amplo corredor com vários quartos.

— Essa parte aqui a gente quase não usa. — falou, apontando para cinco portas do lado esquerdo. — O meu quarto e do papai ficam desse lado. — apontou para a direita e a segui.

Ela então foi até o final do corredor, e abriu uma porta, que me deu a visão de um amplo quarto, mas que parecia não ter nada. Foi então que notei as cores escuras nos lençóis, como se da cor do chapéu que ele sempre usava, e era praticamente uma cama, e armários que duvidava estarem ocupados por completo.

— Chato né? — Jasmine perguntou, e eu me vi rindo, ao assentir. Ela então me guiou passando por três portas e parou-nos à frente de uma porta amarela, que não poderia me passar despercebida. — O meu já é lindo por fora. — assumiu, e não poderia deixar de concordar.

Assim que ela o abriu, fiquei encantada com o interior. Existiam pinturas coloridas desde o chão ao teto. Todas elas pareciam seguir uma linha cronológica, como se de história e fiquei perplexa com os detalhes. Aquele parecia um quarto feito para uma garota viver seu próprio conto de fadas, consigo mesma.

— Isso é...

— Sensacional, né?

Seus olhos brilhavam, enquanto eu tocava a cama, que ficava bem na posição, onde vários desenhos de personagens se acumulavam, ao redor, como se protegendo.

— Deita aqui, tia. — pediu, batendo na cama de casal, e o fiz, logo sentindo-a afundar do meu lado do colchão. — Pra cima.

Olhei então para o teto, e fiquei ainda mais maravilhada. Tinha uma rainha, cultivando uma flor como a que Jasmine me entregou no dia em que a conheci – um jasmim. E foi fácil interpretar, ao notar cada detalhe, e mesmo sabendo tão pouco.

— Foi sua mãe que fez tudo isso? — perguntei, e Jasmine praticamente pulou na cama, sorrindo e assentindo.

— Algumas partes, eu desenhei depois de mais velha, mas toda a história de como ela seria minha mãe, foi dela... — ela suspirou fundo, e seus dedos passaram sobre um dos personagens próximos à cabeceira, e notei o chapéu inconfundível de cowboy. — Papai diz que foi como se ela sentisse, que precisava contar essa história para mim.

— Ela parecia incrível, Jas. — falei, e seus olhinhos idênticos aos de Franco pararam nos meus.

— Ela era — sussurrou. — Ela ainda é. — levou uma das mãos ao peito e segurou ali, como se fosse algo que fizesse sempre.

— Esse é o quarto mais lindo que já estive. — confessei, e ela pareceu completamente surpresa. — E olha que eu já fui a muitos países e fiquei em vários lugares maravilhosos.

— Com vista pro mar?

— Quase todos. — ela pareceu encantada.

— E mesmo assim aqui é mais bonito. — apontou para o redor, desconfiada.

— É, porque dá pra sentir o amor em cada linha. — confessei, e ela então me surpreendeu, ao pular sobre mim, e me abraçar.

— Eu te conheço só um pouquinho, mas gosto da senhora. — falou, e eu sorri, enquanto ela se afastava.

— Pode ser que eu te mostre meu quarto de Barbie um dia, na capital. — comentei, e ela fez uma leve careta. — Sem o tal Toledo ao redor, posso garantir.

— Sempre tive medo da capital por causa dele. — sua confissão me doeu.

— É uma cidade grande e linda. — falei, lembrando-me do meu lar, que a cada dia, parecia ficar mais vazio. — A Mansão Reis é linda também.

— Da sua família?

— Eu tenho fotos, se quiser. — comentei, e puxei meu celular na bolsa que estava caída no chão. Mexi na galeria e lhe entreguei, na pasta em que estava toda a minha família.

E me sentia abrindo-me para alguém, que não eram eles. O que me surpreendia, porque por mais extrovertida que fosse, e muito popular, eu raramente conseguia me sentir à vontade, de verdade, com pessoas de fora. Traumas que a vida ainda havia de curar, quem sabe.

Mas com Jasmine, era simples como respirar.



“Mas talvez tenha sido tempo demais

Não acertei o momento, e parece que estou sendo punido

Não acredito que, para chegar mais perto de você

Acabei construindo uma parede da qual não posso me aproximar "[19]

CAROLINA

Os dedinhos dela passavam para o lado, e a cada foto nova, parecia mais surpresa.

— São todos seus irmãos e irmãs? — indagou, apontando para uma foto que Igor e eu tiramos a contragosto de todo mundo,

no último almoço na Mansão Reis, onde Val e Olívia ainda estavam grávidas.

— Pra ser sincera, praticamente. — falei, já pronta pra lhe explicar toda a bagunça de pessoas contidas ali, só que um barulho alto me fez travar no lugar.

Jasmine tremeu ao meu lado, e notei seu olhar de pânico. Eu já tinha visto aquela cena antes, em meu reflexo. Apertei levemente sua mão, e toquei seus cabelos, fazendo-a me encarar.

— Da última vez, que ouvi esse barulho, eles... Eles me levaram. — ela falou, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu fiquei longe do papai por um mês todinho. Um mês, tia. E se agora...

— Não vai ficar longe dele, eu prometo. — falei, sentindo a dor dela em cada palavra. Eu não me importava que mal os conhecesse, mas eu conhecia aquele mal. O mal de pessoas que nunca querem ajudar, mas sim, separar famílias. Famílias de verdade.

— Eu já volto e você tranca o quarto, e só sai, quando eu bater. — fiz um sinal com os três toques que daria, e em seguida

cinco, e ela assentiu, como se entendesse. — Ou a minha voz e a do seu pai, apenas.

— Ok. — Outro estrondo e a voz de Franco estava alta também.

— Aqui. — Entreguei-lhe meu celular, colocando no minha playlist favorita, e conectei o fone de ouvido, logo os colocando na sua orelha. — Depois de dez minutos, pode tirar e me esperar.

— Mas, tia...

— Sei que é difícil confiar, mas lembra que já confiou em mim?

Ela então pareceu pensar e entender, e assentiu.

Sorri para e mesma, e me levantei, fazendo um sinal para que ela viesse e trancasse a porta. Assim que ouvi o trinco, vi-me acelerando o passo e cheguei ao alto da escada.

Pessoas de terno, talvez cinco ao redor de Franco, e fiquei perplexa pela ação. O tal Toledo à frente dele, encarando-o como se não passasse de uma barata para ser esmagada. E eu sabia bem que era um show barato. Ninguém que tem a guarda de uma criança, por lei, precisaria de tudo aquilo. Ele fazia o show porque claramente, gostava de machucar Franco.

— O que quer aqui? — perguntei, descendo degrau por degrau, e notei os papéis na mão de Franco, aos quais ele prestava toda atenção. Quando me aproximei, toquei seu braço, e seu olhar parou no meu de imediato. A raiva e algo mais, parecendo tristeza, pairava ali. — Posso?

Ele assentiu, me entregando os papéis e foi então que notei ser uma cobrança formal de acordo com o testamento de Pâmela Toledo. Olhei de relance para o homem de terno à nossa frente, que apenas nos encarava, como se tivesse vencido. Eu não conhecia o testamento que sequer estava ali, mas a cobrança era clara, de que Franco Esteves não cumpriu seus deveres legais até os quatorze anos de Jasmine Toledo Esteves, que era providenciar uma tutora, e agora, ele poderia perder a guarda.

Parecia mais uma baboseira montada para causar medo do que realmente algo legal.

— Isso não está registrado em cartório e nem autorizado por nenhuma vara judicial. — Bati com os papéis contra o peito do homem à nossa frente. — Se quer ter uma conversa de adultos, fale com o nosso advogado.

— Nosso? — ele indagou, com um sorriso nada contente. — Quem é você?

— Carolina Reis. — falei, e sem pensar duas vezes, vi-me entrelaçando o braço no de Franco, que parecia imóvel. — A tutora de Jasmine.

— O quê?

— Olha, como já disse... Não precisa e nem pode estar aqui, isso é invasão de prioridade. — Afastei-me de Franco e fui até a porta, abrindo-a. — Tem algum documento real? Tem mandado policial? Ou não passa de um show de quinta?

— Não vai se livrar de mim, Franco. — o homem falou, enquanto seus comparsas saíam, me ignorando por completo.

— Vá para o inferno de onde saiu, Toledo. — a voz de Franco soou baixa e fria, como se aquele fosse o seu puro ódio. — Saia da minha casa.

— A casa dos Toledo! — ele corrigiu, e me vi quase fechando a porta nele. — Não sabe com quem está querendo brigar, garota — ele falou, parando a minha frente, e eu ri alto.

— Devia pesquisar sobre os Reis.

Então, assim que ele colocou os pés pro lado de fora, mesmo quando se virou, apenas bati a porta na sua cara.

O baque da porta, foi como sentir o baque de algo se fechando, do mesmo jeito no passado. Meus joelhos quase cederam e eu tentei lutar contra aquelas lembranças, mas de repente, eu só me via nelas.

— Ele já foi. Eles já foram. — Verônica me segurou contra si, e vi-a esconder algo dentro da bolsa, que ela me fez prometer nunca mexer. — Eles não vão voltar e te levar, eu prometo.

— Mas, mãe...

— Verô. — ela tocou minha testa, com o dedo indicador e médio, e eu chorei ainda mais. — Eu estou aqui. Seus irmãos logo estarão e vai ficar tudo bem.

— Promete?

Ela então sorriu, o que realmente acontecia, e beijou minha testa. Fechei os olhos e fiquei ali, acreditando que era possível. Que teríamos paz, um dia.

— Carolina...

A voz soava longe, e eu tentei me desfazer do abraço, mas não consegui. O ar me faltava, e os nós dos meus dedos doíam tanto que não conseguia abri-los. Tentei voltar. Tentei lutar. Tentei respirar.

— Carolina...

Senti então braços fortes ao meu redor, e tentei me soltar, porque não sabia o que estava acontecendo. Mais uma respiração profunda e o ar não veio. E de repente, senti algo ser depositado contra minha cabeça. Era uma sensação diferente, que me fez entender que não era a Carolina de dez anos. Não mais.

Abri os olhos e finalmente consegui puxar o ar com força.

Foi quando os olhos claros de Franco pararam nos meus, tão próximos, que consegui ver que eles variavam de fato pelo azul e verde. Respirei fundo uma, duas... talvez dez vezes, ainda ali, agachada no chão, próxima à porta.

— Eu... — engoli em seco. — Desculpe, eu...

— Não se desculpe — falou e senti o leve toque de seus dedos no meu queixo. — Obrigado pelo que fez — assumiu, e não soube o que fazer.

Era como se ele visse a parte mais quebrada de mim. Era como se eu visse a parte mais quebrada dele.

Como era possível?

Como tínhamos chegado ali?

— Eu vou ver Jasmine. — seu tom nunca me pareceu tão leve quanto naquele instante, e mesmo quando se afastou, era como se permanecesse ali. Vi-o desaparecer pelas escadas, e foi quanto notei que o peso em minha cabeça permanecia. Levei as mãos a ela, e encontrei o chapéu preto. O chapéu dele.

Tirei-o e o encarei, perplexa. Tão surpresa que não conseguia crer no que acontecia.

E desde o momento que o vi, só naquele, entendi que era uma sucessão de surpresas. E grande parte delas, se não todas, foram boas.



“É agri doce pensar sobre os danos que causamos

Porque eu estava me afundando, mas eu estava fazendo isso com você

Sim, tudo que quebramos e todos os problemas que criamos

Mas eu digo que te odeio com um sorriso no rosto”^[20]

FRANCO

Bati na porta levemente, e não obtive resposta. Esperei alguns segundos e bati de novo, mas nada. Fui até o meu quarto e procurei o molho de chaves extras que tinha de todos os vários

quartos daquela casa. Encontrei a de Jasmine e voltei, destrancando-a com cuidado.

Quando abri só um pouco da porta, notei que ela estava sob seus edredons, e com fones de ouvido nas orelhas. Um celular que sabia não ser o dela, estava em suas mãos, e ela o segurava perto do peito, como se fosse sua salvação.

Aproximei-me com cuidado, e me sentei à beira da cama. Levei uma mão aos edredons sobre ela, e fiz um leve carinho em suas costas. Fosse o que fosse, Carolina tinha conseguido fazê-la se sentir segura a tal ponto. Tirei com cuidado os fones de ouvido dela, e me afastei, vendo-a agarrar o travesseiro extra, imersa em seu sono.

Sabia que ela acordaria faminta mais tarde, contudo, a deixaria descansar um pouco. Não me lembrava de uma vez em que Toledo aparecesse, que não a encontrasse tremendo e assustada, e aquela cena ali, era uma bênção.

Por um segundo, foi como se eu a estivesse segurando de novo, contra mim. Aquele pequeno ser, que chorava baixinho, quase todo tempo, com saudade da mãe que não conseguiu conhecer. Como de luto, assim como eu, da família que ela

perdeu. Como se desesperada como eu, do que seríamos dali por diante.

Jasmine não tinha ideia, mas quando era apenas um bebê, foi o único momento que me permiti chorar junto a ela. Perdido e sozinho, sem ter ideia de como tocar uma fazenda, e acima de tudo, de como ser um bom pai. Eu não tivera um, e não tinha ideia do que era uma família. E foi a cada lágrima derramada, com ela, enquanto pude, que aprendi. Aprendi que minha filha merecia o meu melhor e cada sorriso que soltasse.

— Eu te amo, pequena. — sussurrei, e beijei seus cabelos, afastando-me.

Levantei-me com cuidado e segui para fora do quarto. Desci as escadas, e encontrei Carolina sentada à frente do piano e o meu chapéu acima do mesmo.

— Ela dormiu. — falei, completamente receoso e sem crer que aquela mulher ali era de tal maneira – tão decidida.

Como ela podia ser tão boa com minha filha?

Como ela podia simplesmente arriscar tudo por desconhecidos?

Quem de fato era Carolina Reis? E por quê?

Por que ela parecia tão assustada quanto eu, segundos depois?

Por que eu tinha gana por estar próximo e protegê-la?

Logo eu, que só protegi a uma pessoa em toda minha vida, e não sabia fazê-lo direito.

— Não sei o que fez, mas ela ficou bem. — entreguei-lhe o celular, e os fones.

— Obrigada. — falou, apontando para o chapéu e eu apenas assenti, sem saber o que fazer.

Como eu explicaria algo que nem eu sabia por que fiz?

Por que eu queria me explicar para com ela?

— Sabe, estou séria sobre isso. — falou, e a encarei, sem entender. — Não precisa ser um gênio para juntar um mais um, e saber que a família por parte de mãe da Jasmine, quer ela por isso aqui... — fez um sinal com o dedo ao redor. — Conheci muitas pessoas como Toledo, pessoas do meu sangue... — suspirou fundo. — Eu me vejo nela, Franco.

— Eu vi como a defendeu — falei, e engoli em seco. — Mas não é uma briga ou responsabilidade sua. Ainda mais, porque eles são...

CAROLINA

— Eles podem ser o que forem, os Toledo. — Olhei-o profundamente. — Os Reis podem fazer pior. — Ele parecia assustado com tal fala. — Minha irmã pode destruir esse tio de Jasmine com um telefonema.

— Não quero isso perto da minha filha — ele falou, claramente receoso. — Tento, há anos, resolver isso de forma mais branda, porque não quero que Jasmine tenha lembranças ruins da parte da mãe. Da última vez que não me segurei e quebrei a cara dele, quase a perdi por comportamento violento... — agora eu entendia porque ele parecia tão cauteloso. Aquilo deveria ser um verdadeiro inferno. Ter que se conter, porque sabia que ele poderia perder no fim. Perder o que mais lhe importava. — Não quero que...

— Não importa o que você quer, não com pessoas como ele. — Neguei com a cabeça. — Acredite, eu conheço muita

gente assim.

— Não posso deixar que chegue na minha vida e tente consertar, Carolina — ele falou, aproximando-se, e claramente certo daquilo. — Não é sobre isso.

— É sobre Jasmine. — Levantei-me, e fiquei à sua frente, mais alta do que antes, devido aos saltos. — Se não quer destruir os Toledo, posso te ajudar a encontrar uma brecha.

— O que quer dizer?

— Uma brecha no testamento da sua esposa. — falei com cuidado, temendo ser invasiva. Mais do que já era. — E até lá, vou assumir o papel de tutora de Jasmine.

— Não!

Sua voz soou rude, mas era como se eu começasse a entender. Era simplesmente o jeito dele.

— Vai dizer que não tem procurado pessoas para que sejam a tutora dela? — era claro em seu olhar, que ele o fizera. — Mas deve ser complicado para um homem viúvo, bonito, rico, com uma filha... toda essa parte da confiança e de não confundir as coisas.

Precisava mesmo pontuar bonito, Carolina?

— O que está sugerindo?

— Que mesmo mal me conhecendo, sabe que pode confiar em mim. Ou tentar. E não vou confundir absolutamente nada entre nós e tratarei Jasmine bem, pelo tempo que for.

— Confundir, o quê? — ele pareceu realmente sem entender.

Dei um passo à frente, e nossos corpos quase se colaram, e senti sua respiração pesar.

— Isso. — falei, e notei seu maxilar cerrado. — Aquele beijo foi algo de momento, não é como se fôssemos nos beijar, transar e nos apaixonar. — Forcei um sorriso e tentei ser o mais convincente possível. — E Jasmine é uma garota esperta, para saber que estamos fazendo isso exclusivamente por ela.

— Não tem porque estar nessa situação. — Ele deu um passo atrás, como se não suportasse aquela proximidade, e eu tentei fingir tranquilidade.

Aquele era um bom plano. Um bom plano para ajudar Jasmine e Franco, a se livrarem das ameaças de uma parte da família, que bolei naqueles minutos enquanto ele estava no quarto com ela.

Era um bom plano, repetia a mim mesma.

— Eu quero estar, por ela. — Pontuei, e Franco me encarou profundamente. — Porque quando eu precisei... — sorri, ao me lembrar de Verô e meus irmãos. — Eu tinha alguém por mim.

— É muito jovem, tem uma...

— Eu não sou a minha idade, Esteves. — Abri os braços. — Eu sou assim, livre. Eu escolho onde estar, e mesmo que negue, eu vou ajudar Jasmine.

— Eu...

Ele então passou as mãos pelos cabelos, claramente nervoso.

— Preciso pensar sobre isso, Carolina.

— Eu estarei aqui amanhã, de todo jeito. — falei, movendo-me e sorrindo abertamente, e antes que ele retrucasse, apenas complementei: — Posso ver o meu carro agora?

E então, depois de tudo aquilo, finalmente voltava ao real assunto que me trouxe ali. Notei um quase sorriso no semblante do cowboy bruto à minha frente, e todo meu corpo quase se derreteu.

Talvez, aquele fosse um péssimo plano para mim mesma.

PARTE 2

“Estamos sozinhos, só você e eu

No seu quarto e nossas fichas estão limpas

Apenas signos de fogo iguais

Quatro olhos azuis”

State Of Grace – Taylor Swift



“Eu gosto tanto de você
Mas isso tudo me dá
Frio na barriga demais
Longe de casa e dos meus
Só tem você minha paz
Mas eu não sei confiar ”[\[21\]](#)

CAROLINA

Abri a porta da casa do meu irmão, e então, encontrei Verô
sentada na sala, lendo algo. Olhei ao redor, e parecia não ter

mais ninguém ali.

— Todos foram comer fora — falou, tirando os olhos do livro e logo os óculos, e me encarou. — Senti que tinha algo errado.

— Virei tutora da Jasmine.

O semblante de Verônica mudou brevemente, e ela fechou o livro, deixando-o na mesa de centro. Fui até ela, e deitei minha cabeça contra suas pernas. Trouxe uma de suas mãos até os meus cabelos, e ela passou os dedos levemente.

— O que houve?

— Eles estão sendo ameaçados há anos, Verô — suspirei fundo. — A família por parte materna dela, parece ser gente com dinheiro, e tenta ter mais... No caso, se tiverem a guarda de Jasmine, acho que garantem a fazenda toda para si. Não sei ao certo quem está por trás de tudo isso a fundo, mas tem o cara – o tal Toledo, que só sei o sobrenome.

— Pesquisei sobre eles. — Arregalei os olhos, e ela parecia apenas calma. — Posso te encaminhar o arquivo que recebi sobre eles. Não é nada que não possa lidar.

— Franco não quer destruí-los, porque querendo ou não, são “família” da filha dele — comentei, fazendo aspas com os dedos. — Vou ver se consigo o contrato desse testamento, que parece que exige uma tutoria feminina. Nossos advogados vão achar alguma brecha, para que os Toledo nunca mais os ameacem.

— Está se vendo nela?

A pergunta direta de Verô não me surpreendia.

— Tive duas crises nesse meio tempo, lembrando-me de quando eu tinha dez anos. — senti as mãos de Verô pararem. — Consegui voltar, mas não quero que ela também tenha isso. Que ela perca o poder sobre si mesma, por conta do passado.

— Nunca perdoarei os filhos de Regina pelo que lhes fizeram passar. — A voz de Verô foi baixa e tão fria, quanto raramente era.

— Eles sempre escolheram Igor e eu, por sermos mais novos e na cabeça deles, mais fracos. — Dei de ombros. — Você cuidou de nós, e nos salvou deles.

— Eu os destruí, Carolina. — Olhei-a e notei que ela não tinha qualquer arrependimento. — E eles sempre voltam, porque

prometi a Regina que eles teriam chances.

— Reinaldo está à beira do colapso pelo que sabemos, Roberto está fora do país há anos e nunca mais tentou me contatar, Rodinei está por algum lugar perdido, como sempre... Se tornaram velhos patéticos.

— Que tiveram filhos patéticos — falou e a encarei curiosa.
— Mas me diga, como o pai de Jasmine reagiu à sua tutoria?

— Ele não reagiu. — vi-me respondendo, notando que ela fugia do assunto. — O que está escondendo?

Ela piscou algumas vezes, e sua expressão se tornou neutra.

— Verô...

— Por que não falamos sobre o que está escondendo? — fiquei em silêncio, e naquele instante, soube que ela sabia sobre o contrato com Nero. Não precisava colocar em palavras para eu ter certeza.

— Ok, você sempre ganha — suspirei, deixando aquele assunto enterrado por enquanto. — Ele disse que ia pensar, mas disse que vou ser tutora querendo ele ou não.

— Você gosta dele.

Olhei-a inconformada, levantando-me.

— Não gosto não. — fui certa e ela apenas arqueou uma sobrancelha, encarando-me como se soubesse de tudo. Geralmente, ela sabia. Contudo, não aquilo. — Também não desgosto... — continuei. — Foi uma má primeira impressão, mas agora estamos nos conhecendo.

— Vou aceitar essa resposta agora.

Revirei os olhos, e me ajeitei contra seu ombro.

— Tadeu ou Murilo decidiram o que vão fazer?

— Vão ficar cada um em sua casa. — olhei-a surpresa. — Não me pergunte o porquê, mas eles se sentem mais confortáveis assim. E acredito que vamos nos dividir, para que não sejamos notados, mesmo querendo ajudar.

— Muita gente às vezes atrapalha, né?

— O hospital estava a ponto de multar pelo tanto de gente naqueles quartos. — ri de lado, e sabia que era realmente uma bagunça de pessoas apenas para verem dois bebês recém-nascidos. — Mas como vai ser tutora? Vai ser mudar para casa deles?

— Não. — respondi de prontidão.

— Como uma tutora não vive na mesma casa? — indagou, e vi-me levantando de imediato e procurando meu celular na bolsa jogada na poltrona ao lado. — Vou voltar para o meu filme.

— Não tem nada a declarar sobre essa minha decisão? — perguntei, já com o celular em mãos. — Digo, você sempre apoiou tudo o que eu queria fazer, Verô. Até mesmo quando desisti de estar com Igor na parte dos Hotéis.

— Por que não te apoiaria? — refleti um pouco. — Você sempre foi muito segura das suas decisões, Carolina. Está machucando ou ferindo alguém, emocionalmente ou fisicamente?

— Quero socar a cara do tio da Jas, e não acredito que vou sair dessa sem o fazer.

— Entendeu a pergunta. — ri de lado, e neguei. — Eu só... Sabe como me senti perdida nos últimos tempos, vendo toda a nossa família mudar, nossos irmãos saindo de casa... Reavaliei tantas vezes o que realmente importava para mim. E agora, com Jasmine, foi só certo.

— Porque é certo, então.

Sorri para Verô, e fiz um sinal para o celular, subindo as escadas.

Ouvi o barulho da televisão voltar, e encarei o contato de Franco Esteves em meu celular – bruto insensível. Sorri, sem conseguir evitar, mas que no fim, ele não parecia ter nada, absolutamente nenhuma parte insensível perto da filha. Modifiquei o contato para “touro bravo”, e nunca esqueceria o apelido que Daniela lhe deu.

Abri o whatsApp e não me surpreendi ao encontrar uma foto dele com Jasmine no perfil. Sorri, tocando a foto, sem poder evitar. Vi-me então digitando um simples Boa noite, e aguardei. Ele demoraria muito? Ele usava bastante aquele aplicativo?

Algo nela gritava que não ligava nem um pouco para aquele meio de comunicação.

Demorou para chegar.

Lembro-me de ter pedido para me avisar se chegou bem.

Joguei-me contra o colchão, revirando os olhos.

Não é como se fosse conseguir destruir um carro daquele novamente. Como você disse que seu mecânico falou, foi uma falha momentânea. E estou ótima, obrigada pela preocupação.
Figurinha do Hyunjin^[22] sendo debochado.

O que quer, senhorita Reis?

Suave como um coice, senhor Esteves.
Figurinha de um cavalo dando coice.

Quero saber se pode me passar os documentos a respeito da tutoria de Jasmine. Preciso estar a par de tudo e do que é necessário.

Eu te disse que ia pensar, Carolina.

Eu te disse que ia ser a tutora, Franco.

Apenas vá comer ou dormir, Carolina.

Se não me mandar nada, vou entender como um convite para simplesmente aparecer aí com malas.

Notei então que a mensagem sequer chegou, e o único risquinho era claro. Suspirei fundo e lhe daria o tempo para me responder até 6a manhã seguinte. Se não, faria exatamente o que disse. E não o deixaria me impedir.

Abri meu e-mail e encontrei os arquivos que Verô conseguiu a respeito dos Toledo. Mexi na minha mala no canto, e peguei a bolsa do meu notebook, descendo as escadas em seguida.

Joguei-me na poltrona ao lado da minha irmã, que parecia concentradíssima no filme, e conectei meus fones de ouvido, para ter uma música de fundo. E mesmo que quisesse evitar, vi-me abrindo o WhatsApp web, caso Franco decidisse me responder.

Contudo, quando a chuva de arquivos me acertou, minha mente ficou focada apenas naquilo. E um deles me chamou atenção – o testamento de Pâmela Toledo Esteves. Olhei de relance para Verô, que parecia perdida em seu mundo e apenas imaginei no quanto os contatos dela eram realmente excepcionais.

Eu poderia fazer uma passeata em homenagem ao quão poderosa minha irmã era. Porém, eu sabia que aquele poder tinha

um preço. E não tinha ideia do quanto ela pagou de fato, e o quanto ainda pagaria.



“Esses olhos azuis da cor do oceano olhando nos meus
Eu sinto como se eu fosse afundar e me afogar e morrer ”[\[23\]](#)

FRANCO

— Papai?

Virei-me, parando de tocar meu violão e encontrei Jasmine
coçando o rosto e claramente confusa.

— Cadê a tia Barbie?

— Ela já foi. — olhou ao redor, como se confusa. — Toledo também se foi.

Ela suspirou fundo e caminhou até mim, sentando-se ao meu lado, no grande banco de cor branco que tínhamos à frente de casa. Que ela escolheu, para que segundo ela, eu pudesse sempre tocar dali, enquanto a via correr pela frente da casa.

— Deu tudo certo?

— Talvez um pouco. — olhou-me sem entender, ainda bocejando, e deixei o violão de lado, encarando-a. — Lembra-se do nosso plano de conseguirmos uma tutora por tempo limitado, apenas para não ter que lidar mais com as ameaças do seu tio?

— Claro que sim. — falou, apontando para si. — Foi uma ótima ideia. — olhou-me, com uma careta. — Mas o senhor nem executou.

— Estou tentando. — assumi. — Eu sei que já é grande o suficiente para entender as coisas. Mesmo que eu tenha te protegido o máximo que pude... Eu sei que sabe das coisas.

— O que quer dizer, papai?

— E se eu dissesse que consegui alguém para agir como sua tutora? — seus olhinhos se arregalaram, e ela deu um pulo,

ficando de pé. — Na verdade, a pessoa se ofereceu mas...

— A Carolina? Carolina Reis? Tia Barbie? — foram gritos e mais gritos, completamente animados. — Ela realmente se ofereceu? Ela quer fazer isso?

— É um acordo pontual, você sabe. — levantei-me, segurando levemente suas mãos. — Sei que gosta dela. Que gostou de cara dela. — suspirei fundo e ia contra tudo o que temia, estar abrindo tal proposta à minha filha. Contudo, a realidade, era que não me restavam alternativas. Carolina Reis apareceu no momento exato, parecendo ser a pessoa certa. — Não quero que crie alguma ilusão de que Carolina vai ficar para sempre.

— Mas a gente pode ser amiga, para sempre. — falou, e eu respirei fundo, temendo pelo coração dela, que poderia sair quebrado daquilo. — Sei que ela não vai ser minha mãe, papai. — sua voz saiu mais triste do que imaginei, e me arrependi de imediato de ter aberto tal ideia. — Já estou bem por ela estar nos ajudando.

— Ela me parece uma boa mulher, mas vamos com calma... — toquei seu rosto e ela assentiu. — Ela não precisa viver aqui, parecer que vive.

— Sim, do jeitinho que eu te propus quando essa ideia veio. — assenti, e ela parecia um pouco mais animada. — Ela pode trazer a sobrinha, né? Eu posso, então, sair com ela um pouco, enquanto o senhor trabalha?

— Vamos com calma. — pontuei cada palavra, e ela pareceu entender.

Seus braços se enrolaram ao redor do meu corpo, e a abracei com força.

— Papai! — pulou para trás, de repente. — Ela pode me ajudar com o aniversário de quinze anos. — pareceu ainda mais animada. — Como eu tô de férias, vou ter que convidar todo mundo pela internet, mas ela pode me levar e ajudar a fazer tudo...

— Ela precisa querer fazer isso, pequena.

— Ela parece gostar de festas. — Pensou consigo mesma. — Eu vou perguntar para ela, prometo. Se ela disser que não pode, eu vou fazer sozinha.

— E eu me tornei ninguém, por acaso?

— O senhor sempre me enrola e fazemos tudo em cima da hora. — Revirei os olhos, porque eu achava tão mais prático

resolver tudo na última hora. — Mas é meu aniversário de quinze anos, eu quero ser uma princesa.

— Você já é. — ela fez uma careta, negando. — Claro que é. Sua mãe te chama assim desde...

— Que soube que eu estava na barriga dela — complementou, e sorriu de lado. — Dessa vez, vou fazer questão de convidar os Toledo e esfregar na cara deles que não vão nos afastar.

— Eles são sua família também, Jasmine.

— Eles não são, o senhor é. — neguei com a cabeça, mas ela continuou. — Família não é só o sangue, papai.

— Eu sei, mas... — respirei fundo, porque por mais que tentasse defender os Toledo para ela, sempre parecia difícil. — Vai convidar os meus irmãos?

— Sim, mas eles nunca vêm... — deu de ombros. — Mas gosto dos Natais que temos juntos.

— Vou falar com eles.

— O senhor odeia falar com eles. — passei as mãos por seus cabelos, e os baguncei, fazendo-a reclamar. — Papai!

— Vamos comer alguma coisa, porque você dormiu muito.

— Nossa, fiquei tão animada em saber que a tia Barbie vai ser minha tutora que até esqueci da fome que estou. — sua barriga roncou, e ela pulou nas minhas costas, fazendo-me, pegá-la daquela forma. — Obrigada por tudo, sempre, papai.

Sorri, sentindo sua cabeça deitar em meu ombro e nos levei para dentro. Aqueles momentos com ela, valiam mais do que qualquer coisa no mundo para mim.

CAROLINA

— Deixa eu ver se entendi... — Igor falou, no momento em que estacionou à frente da fazenda de Esteves. Por um segundo, me indaguei se aquele lugar não tinha um nome especial. — Você vai ser tutora de uma adolescente, cujo pai é o mesmo em quem você quase bateu quando conheceu?

— Não é tão ruim quanto parece — comentei, e indiquei com a cabeça para que ele descesse. — Só... Só aconteceu.

— Vai dar namoro! — ele gritou, de repente, imitando o programa que passava aos sábados à noite, e vi-me batendo contra seu braço. Ter um irmão mais velho, de apenas dois anos de diferença, resultava em nós dois quase nos matando de brigar às vezes.

— Se ele ou Jasmine ouvirem... — fechei a mão e ele levantou as suas em sinal de rendição, como se desistindo.

Um limpar de garganta me fez virar o rosto do meu irmão quase desfalecendo, para uma Jasmine com o que parecia um caderno em mãos, próxima à entrada, nos encarando.

Puxei minha mão rapidamente e Igor gargalhou alto, mas logo se recompôs.

— É ela? — perguntou baixo, mas sabia que Jasmine conseguiria ouvir, porque nenhum de nós dois sabia ser sutil.

— Desce logo. — falei, e saí do carro, logo o ouvindo abrir a porta do outro lado também. — Oi, Jas.

— Oi, tia Barbie. — ela veio até mim, e me deu um leve abraço, mas seu olhar estava em Igor, como se o analisando. — Ele parece o moço das duas fotos.

— O irmão Reis mais bonito, Igor. — ele falou todo galante, e se curvou, fazendo os olhinhos dela brilharem. Nunca entenderia porque era tão fácil qualquer pessoa se derreter por ele. — E fui eu quem deu o apelido de Barbie para sua tia aí.

Cutuquei Igor com o braço, enquanto Jasmine parecia fascinada.

— Não dê bola para ele — avisei, puxando-a para perto. — Vai pegar minha mala, Igor.

— Viu só, ela trata o próprio irmão como empregado. — ele dramatizou e eu revirei os olhos.

— Vocês são meio engraçados juntos. — Jasmine falou, sorrindo de lado. — Parecem mesmo irmãos.

— Eu sou mais bonita.

— Eu sou mais bonito.

As vozes de nós dois saíram juntas, e ela gargalhou alto.

— Jasmine! — a voz grossa me paralisou por completo, e segurei o suspiro no fundo da garganta.

Por um segundo, o barulho da risada de Jasmine e as rodinhas da mala contra o chão que Igor puxava, apenas silenciaram. E eu vi, Franco Esteves, entrar no meu campo de

visão, usando uma regata branca colada ao corpo, totalmente molhada, e não saberia dizer se era suor ou água, mas sabia que cada músculo dele ficou evidente.

Seis gominhos.

Seis fodidos gominhos.

— Trouxe babador, Barbie, no castelo de diamante do interior?

O deboche quase sussurrado de Igor me fez voltar à realidade, e pisquei algumas vezes, dando outro cutucão contra sua barriga naquele momento.

— Teve que entrar no lago? — Jasmine perguntou, indo para perto do pai, que assentiu, segurando na aba do chapéu, e nos encarando.

— Você veio. — falou, e seu olhar parou brevemente em minha boca, ou eu estava, definitivamente, imaginando aquilo. Dentro de uma novela colombiana perfeita. Alô, Paixões Ardentes!

— E eu sou apenas o entregador de bonecas sem fala. — Igor se adiantou, e eu queria matá-lo naquele segundo. — Franco Esteves, certo? — perguntou, e esticou a mão para o homem à

nossa frente, que o olhou de cima a baixo, mas apertou sua mão.

— Sou Igor Reis.

— Um dos irmãos da tia Barbie. — Jasmine explicou e eu não sabia dizer, mas ainda estava um pouco paralisada diante da cena que me atingiu de primeira.

Como eu faria se visse aquele homem sem camisa?

Pelos céus, Carolina!

Era com se eu nunca tivesse visto um homem nu.

Nunca viu Franco Esteves nu, minha mente gritou.

E nem iria, vi-me gritando internamente de volta.

— Podemos passar aqui amanhã à noite, para um jantar?

— O que está fazendo? — indaguei, a pergunta de Igor me assustando, enquanto ele ainda segurava a mão de Franco.

— Verô me pediu para fazer as honras. — Olhou-me de soslaio e piscou um olho. — Somos em cinco, contando com Carolina.

— São bem-vindos. — Franco falou, e finalmente as mãos se soltaram. Ele parecia tão confuso quanto eu. — Se quiser entrar...

— Tenho que correr, bebê pequeno e esposa, mais dois irmãos malucos com recém-nascidos... — Igor falou e apenas o puxei pela camisa, trazendo-o para perto do carro. — E olha só, Carol não me quer aqui.

— Eu vou te esganar — falei, fazendo-o entrar no carro, e ele apenas mantinha o sorrisinho de lado. — Fala pra Verô me ligar.

— Também te amo, Barbie — sussurrou, apertando uma das minhas bochechas, e bati contra seu ombro, enquanto ele dava um leve aceno com as mãos para Jasmine e Franco, que assistiam a cena sem dizer nada. O que eles diriam?

Quando finalmente Igor desapareceu dali, fui até as outras duas malas grandes de rodinha, e as peguei.

— Eu levo uma, tia. — Jasmine se ofereceu, e deixei que o fizesse. — Eu quero malas assim também, só que não todas rosa pink. Uma amarela, uma rosa e uma preta.

— Para onde vai viajar, mocinha?

— Quero conhecer o mundo, como a senhora fez.

— Um dia. — pisquei para ela, que apenas puxou a mala para cima, correndo com a mesma.

De onde saía tanta energia?

— Realmente apareceu, e com três malas... — falou, enquanto segurava a que Igor deixou ao seu lado. — Não precisa fazer isso, Carolina.

— Sei que não. — Pisquei um olho, e senti o sol forte sobre minha cabeça. — Acho que vou ter que usar mais protetor e comprar um chapéu como esse.

— Precisamos falar dos detalhes, principalmente, sobre ficar aqui.

— Eu li o testamento, Franco. — Ele então fechou totalmente a expressão. — Eu disse que os Reis têm poder. — respirei fundo. — Li tudo o que foi possível sobre os Toledo, mas principalmente, o testamento.

— Como...

Ele respirou fundo, como se segurasse.

— Sei que foi uma invasão de privacidade, mas... — Apontei com a cabeça, para Jasmine que puxava a mala de um lado para o outro e sorria. — Valeu a pena, por ela.

— Não pode fazer o que quiser conosco, porque vai nos ajudar.

— Não está em dívida comigo, nunca — assumi, encarando-o profundamente. — Como disse, faço isso pela Carolina que teve alguém por ela, no momento que mais precisou.

— Ela gosta de você, se magoá-la, eu juro que te coloco para fora daqui na mesma hora. — sorri de lado, diante de sua rudez. Eu estava me acostumando com aquilo.

— Se eu a machucar, eu me coloco para fora daqui. — bati levemente em seu braço, e só então percebi que foi completamente espontâneo. Eu era de toques, e Franco, com certeza, não. Nem tínhamos intimidade para tal coisa. — Ok, onde vou ficar?

— Podemos só fazer de uma forma que...

— Pareça que eu vivo aqui? — assentiu, como se fosse fácil. — Não vou morar aqui pelo tempo que é exigido no testamento, apenas o suficiente para que os advogados que acionei, encontrem a brecha que livrem vocês de ameaças. Você de perder a guarda e Jasmine de perder o que é dela por direito.

— Parece saber mais da minha vida do que eu agora.

— Na verdade, só sei sobre os dois pontos que mencionei.
— dei de ombros, e senti os olhos dele tão profundos nos meus,
que quase poderia me afogar ali. — Você continua um mistério,
Franco Esteves.



“No meio da noite, em meus sonhos

Você devia ver as coisas que fazemos, amor, hm

No meio da noite, em meus sonhos

Eu sei que vou ficar com você, então vou no meu tempo

Você está preparado para isso?"^[24]

CAROLINA

— Pode deixar as malas aqui. — Franco falou, e Jasmine soltou a que trazia, bem na entrada. — Eu vou só tomar um banho rápido e já volto para subi-las.

Olhei ao redor, e Jasmine estava ainda perdida em si, correndo com a mala na grama da frente. Foi quando notei um violão colocado ao lado do banco branco ao lado da porta.

— Jas! — chamei, e a pequena me encarou. — Você toca? — indaguei, sentindo o nervosismo tomar conta do meu corpo. Por que eu estava assim?

— O papai — ela falou, surpreendendo-me, e se aproximou, subindo a mala, e deixando-a ao lado das outras duas. — O papai me contou que se ofereceu, tia. Obrigada mesmo, por ajudar a gente.

Sorri, porque com ela era fácil assim.

— Não precisa me agradecer. — pisquei um olho. — Depois, vamos conversar direitinho sobre alguns pontos, do que você gosta ou não em casa, para que eu não faça nada que te incomode ou...

— A senhora já faz muito estando aqui... — fiz uma careta, e ela pareceu notar. — Você. — Corrigiu rapidamente.

— Olha só, sabe o que descobri ontem a noite... — seus olhos pareciam curiosos e notei algumas sardas espalhadas pelo

seu rosto, expostas pelo sol. — Que seu aniversário de quinze anos é daqui a menos de um mês.

— Sim! — ela deu um grito, quase pulando. — Quer dizer, sim. — pareceu tentar se corrigir. — Como soube?

Fuxiquei sua vida todinha noite passada.

— Como não saberia? — pisquei um olho, deixando vagar aquela resposta. — Mas, me diz, quais são os planos?

— Eu... Eu não sei quanto tempo vai ficar ajudando a gente, mas... Sei que pode ser minha amiga, mesmo quando parar de ser minha tutora. — Engoli em seco, sentindo-me estranha simplesmente por imaginar tal coisa. — Queria saber se pode me ajudar com a minha festa de quinze anos.

— Ok, espera aí! — fiz um sinal com o dedo, e levei uma das mãos ao peito. — Está pedindo para Carolina Reis lhe ajudar a dar uma festa? Assim, mas, “a festa”?

— Sim! — sussurrou, e notei sua empolgação escondida. — Mas só se puder e se não atrapalhar, e se quiser e...

— Ok ok! — toquei seus ombros, fitando-a. — Já viu o meu instagram? Jas, eu sei como dar a festa que quiser.

— Jura? — perguntou e negou com a cabeça ao mesmo tempo, acreditava que para minha questão. — E gostaria de me ajudar?

— E eu sou de negar uma boa festa? — ela deu um pulo, praticamente se pendurando contra meu corpo, e eu ri da sua empolgação toda. — Mas precisamos começar para ontem...

— Eu tenho várias ideias e referências no Pinterest. — falou, ainda agarrada a mim, e a mantive no ar um pouco. Ainda era mais alta que ela, também, pela ajuda dos saltos.

— *Quem você tá garrando aí, menina?*

Pisquei algumas vezes, assim que Jas se afastou, e então notei um claro peão, com um chapéu branco na cabeça. Ele deveria ser um pouco mais velho que eu, talvez uns vinte e oito, e me encarou de cima a baixo.

— Carolina Reis. — falei, descendo da entrada, e lhe estendendo a mão. O que eu diria? Não poderia simplesmente dizer que era uma acordo que tinha com Franco para ser a tutora de Jasmine e os livrar dos Toledo, certo? — Namorada do Franco. — foi o que saiu, e notei Jasmine disfarçar uma risada.

Aquela menina me lembrava Igor.

— E ele namora desde quando? — o homem pareceu completamente surpreso, e me olhou por inteira. — Ainda mais, uma moça da cidade.

— Para de ser sem educação, Serginho. — Jasmine bateu contra o chapéu dele, quase o derrubando. — Por que saberia dos relacionamentos do meu pai?

— Porque eu trabalho aqui, oras. — respondeu, e vi-me sem entender muito. — Desculpa o mal jeito, moça. — neguei com a cabeça e ele apertou minha mão. — Eu...

— O que tá fazendo, Sérgio?

— Conhecendo a namorada *docê*. — Ele sorriu todo galante, e soltou minha mão. — Como eu não sei que tá de rolo?

— Vai trabalhar, Sérgio. — A voz de Franco soou mais irritada que o normal, e o homem de cabelos longos escuros à minha frente, deu uma risadinha.

— Um prazer, patroa. — Fez um sinal com o chapéu e fiquei ali parada, sem entender nada.

Vi-o subir em um cavalo ali próximo, e acenar novamente. Vi-me acenando com a mão, e me virei para Franco.

— Foi o que consegui inventar na hora — sussurrei, e dei de cara com seu peito, coberto por uma camiseta preta, e o cheiro de baunilha me atingiu por completo. — Acho que é inteligente, todo mundo acreditar que a gente tá junto, principalmente...

— Eu voto SIM! — Jasmine se adiantou, e levantei meu queixo, dando de cara com aquele rosto, que daria tudo para dizer que era feio, mas o homem parecia esculpido. O que eu não daria para ver um sorriso? Merda!

— Eu voto SIM! — falei, engolindo em seco, e forçando um sorriso.

Ele apenas assentiu e se afastou, indo até as malas.

— Não vai votar? — perguntei, seguindo-o, e o mesmo pareceu sequer escutar. — O que foi? — insisti, ao adentrar a casa junto a ele.

— Vou te mostrar o seu quarto, e tenho que trabalhar. — Parou de repente, e trombei contra suas costas.

Não foi uma escolha inteligente não usar sutiã naquele dia. Porque aquele breve contato, me fez tremer por completa, e não de um modo ruim. Vi-me tentando cruzar os braços e disfarçar, e agradei aos céus por ele não se virar por completo.

— Vou tentar terminar rápido para conversarmos sobre tudo que é preciso — assenti, e olhei para qualquer lugar, menos para suas costas. — Jasmine tem aulas de inglês hoje, então, fique à vontade.

— Tudo bem — falei, e continuei encarando o piano mais longe dali.

— Carolina?

Voltei meu olhar para ele, como se fosse apenas obedecendo uma ordem. Que diabos! Ele então estava me encarando, e o ar me faltou um pouco. Aquela atração era tamanha, que não podia ser apenas eu surtando a escondendo. Tive a confirmação ao ver os dedos dele praticamente brancos contra as duas malas que segurava, como se descontasse nelas, o que queria realmente fazer.

— Sim. — falei, fingindo-me da maior sonsa possível.

— A casa é sua — assenti, e respirei fundo, sorrindo de lado. — Pode ir onde quiser e mexer no que desejar.

— Certo.

Ele então assentiu e já se virava, quando a minha boca pareceu ter vida própria.

Sepá ela tem vida própria...

— É tão surreal que esteja com alguém como eu?

Ele então me encarou, e abriu a boca algumas vezes, mas nada saiu.

— Pelo jeito, é sim. — Mordi o lábio inferior, pensando sobre. Algo dentro de mim doeu, e tentei ignorar tal sensação. — Vou guardar a desculpa de os opostos se atraem pra qualquer um daqui da fazenda que perguntar. Bom, vamos ver o meu quarto.

— Claro.

Assentiu, e o clima que era de pura tensão sexual, se transformou no pior tipo de tensão. Como se eu fosse um membro deslocado naquele lugar, e não que me incomodasse tal coisa. Eu estava acostumada a me sentir assim no interior, porém, ali, aquele deslocamento me atingiu pela primeira vez.



“Anos atrás, estávamos lá dentro

Com os pés descalços na cozinha

Novos começos sagrados

Isso se tornou minha religião”^[25]

CAROLINA

— Então você tem dias cheios quando está de férias...

Piano, violão, inglês e francês, pintura... Gosta mesmo de tudo isso?

— Mamãe pediu que eu aprendesse tudo o que pudesse, para que escolhesse o que queria ser. — Olhei-a atentamente. — Ela pediu para o papai, no caso. E eu gosto de tudo o que faço... Na verdade, desisti de cara dos esportes.

— Sou péssima em esportes também — admiti, e ela riu de lado. — Podemos apostar uma corrida, e quase certeza de que vou perder.

— Não conte muito com isso. — Ri para ela, enquanto Jasmine me ajudava a tirar algumas coisas da mala, e as organizava no grande guarda-roupa do quarto em que ficaria. Era do lado do de Franco, e bem próximo ao dela.

Ele tinha saído há algum tempo, e depois que o fez, foi como se pudesse voltar a respirar. E com Jasmine, mesmo sabendo que eu não era dali, eu me sentia em casa. Uma sensação que não podia evitar.

— O que é isso? — perguntei, notando o caderno que ela tinha mais cedo, e que agora, estava jogado no meio da cama, perto de tudo.

— Meu diário. — Coloquei mais um cabide e a encarei. — Eu sempre carrego ele, porque esqueço fácil algumas coisas, e

quando gosto muito, eu escrevo. Ou quando quero rever coisas que gostei muito.

Ela então pegou o caderno e trouxe para si, abrindo em uma parte marcada, e o virando para mim.

— Não! — fechei os olhos e levantei as mãos, como se fosse um ato criminoso. — É o seu diário.

Ela riu alto.

— Pode olhar, tia Barbie.

Abri os olhos meio desconfiada, e não o fiz por completo.

— Essa é a mamãe. — foi então que me aproximei, pela sua animação e amor ao falar. — Ela tinha os cabelos como os meus, e era muito bonita. — Olhei para a foto de uma mulher que parecia a versão mais velha de Jasmine, só que com olhos escuros. Ela sorria segurando um pincel, e com um quadro em branco atrás.

— Muito bonita — falei, porque era de fato.

Um sorriso que parecia iluminar qualquer lugar. E por um segundo, eu entendi como alguém como Franco poderia ter se casado. Não que pudesse julgá-lo pelo seu jeito atual, mas era

como se entendesse que ele era fechado demais para se apaixonar. Mas um sorriso daqueles, o faria. Com toda certeza.

— Tão bonita quanto a senhora.

Olhei para Jasmine, completamente sem reação. E não era pela forma que ela me chamou.

— Ela ia gostar da senhora... — negou com a cabeça. — De você.

— Bom, não sei. — Admiti, sorrindo de lado. — Não é todo mundo que gosta de mim. — pisquei um olho, tentando deixar aquela conversa menos pesada. — Posso ser sincera e briguenta demais, às vezes.

— Vai brigar comigo? — sondou-me, fechando o caderno e poderia jurar que aquela era a princesinha do deboche.

— Se não me contar, eu tenho que saber se terá um príncipe para os seus quinze anos.

— Eu já tenho o rei, que é o papai. — Olhei-a quase me desmanchando pela fofura.

Adolescentes não eram difíceis? Por que Jasmine era tão fofa e querida?

— Mas tem uma pessoa...

— Sempre tem — falei empolgada, jogando-me ao seu lado na cama, e esperando a fofoca — Qual o nome dele?

— É ela.

— Ah. — Abri a boca surpresa. — Então temos uma princesa para outra princesa... Quem é ela? — insisti, porque o que de fato me importava era saber quem era a pessoa que Jasmine falava com os olhos brilhando.

— Minha melhor amiga — assenti, esperando por mais informações. — Quer ver uma foto dela?

— É claro que sim! — falei animada, e ela caçou o celular rapidamente sob as roupas. — Jas...

— O quê? — indagou, enquanto pegava o aparelho e parecia procurar a foto de quem deveria ser seu primeiro amor.

— Quem mais sabe? — perguntei, e senti um leve peso no meu peito. O medo se instalando ao repensar e pensar sobre o quanto o simples fato de ela gostar de alguém do mesmo sexo, poderia fazer outras pessoas a machucarem. E eu não permitiria. Não poderia permitir que o fizessem.

— O papai e os pais dela — falou, respirando fundo. — É um namorinho ainda, nada... — deu de ombros. — Mas gosto

dela, tia. Por ser férias eles estão viajando, e eu até ia junto, mas os Toledo não permitiram.

— Que filhos da... — parei no mesmo instante, e ela riu. — Desculpe, eu...

— Eu não os considero minha família. — Fiquei surpresa. — Não falo tão mal deles por conta do papai tentar honrar a memória da mamãe, mas... — deu de ombros. — Eles são péssimos, todos eles. Do meu tio Alberto, o qual sempre aparece para me perseguir, até os piores que são os que mandam ele fazer.

— Cristina e Valter, né? — ela assentiu de imediato. Descobrira que eles eram os outros tios, mais velhos de Jasmine, mas que nunca apareciam. — Eu fiz minha pesquisa, desculpe.

— É sinal que se importa. — Riu lindamente. — Essa é a Daiana. — Foquei então na foto em seu celular, e morri de amores ao ver que era uma foto das duas, abraçadas, no que deveria ser um aniversário. — A gente se beijou pela primeira vez no começo do ano, e foi quando descobri que gostava dela... — riu baixinho. — Quando contei pro papai, foi tão engraçado.

— Por quê?

— Porque ele ficou sem reação. — Olhei-a esperando por mais. — Ele parecia ter calculado todas as pessoas que poderiam julgar a gente, e jurei que ele compraria alguma arma para nos proteger.

— Ele é um bom pai, né?

— O melhor de todos. — sorriu e respirou fundo. — Fico feliz que você apareceu e conseguiu tirar um pouco do que ele teve que segurar sozinho por esses quatorze anos... Sei que ele é todo fechado, mas é um bom homem. O melhor, na verdade.

Notei a forma como ela parecia fazer uma leve propaganda do pai, e apenas apertei seu nariz, o qual ela enrugou.

— Ele é meu namorado de mentira por algum tempinho, acho que até o seu aniversário. — Ela não pareceu muito contente com a minha pontuação. — Mas eu, Jas... para você, eu vou sempre estar aqui. Seja eu morando na capital ou não. Seja você viajando o mundo. Essa conexão e troca que a gente teve de imediato... — fiz um sinal entre nós. — Isso nada quebra.

— Nada. — pontuou, segurando minha mão livre, e sorri para a mesma.

Aquilo tudo poderia ser uma mentira para o bem, mas ela não. Ela era totalmente real.

FRANCO

Eu estava exausto.

Talvez tivesse exagerado no esforço, mas precisava descontar toda aquela tensão que sentia em meu corpo em alguma coisa. Em algo que não fosse um sorriso lindo e cabelos loiros que caíam perfeitamente.

Quando adentrei minha casa, escutei risadas femininas, e não demorei para localizá-las na sala de jantar, sentadas na mesa. Carolina mostrava algo para Jasmine no celular, e as duas pareciam realmente entretidas naquilo. Meu coração ficava apertado, principalmente, pelo fato de que Carolina Reis era a primeira pessoa mais velha, que via Jasmine confiar tão facilmente.

Não que ela não o fizesse com outros, mas com Carolina, era mais visível.

Como se me sentisse ali, logo o olhar azul parou no meu, e seu sorriso se desfez um pouco. Fiz um leve aceno com a cabeça, e ela parecia um tanto perdida. Não saberia dizer como, mas as coisas conseguiram ficar estranhas logo após a sua indagação mais cedo. O que eu poderia dizer?

Eu nunca me imaginei dividindo um teto com alguém mais. Não depois de Pâmela. Não era como se tivesse estado sozinho por todos aqueles quatorze anos, mas a realidade era que sexo casual com alguém que queria simplesmente o mesmo, era fácil. Já Carolina, era uma estranha, que se tornou tutora da minha filha, e a fazia rir de uma forma que só a via fazer comigo.

Eu não me daria a dúvida de deixar algo acontecer, com tanto em jogo. Principalmente, por saber que o gosto dela era tão bom e viciante quanto aparentava. Eu não podia perder a cabeça de tal forma novamente. *Aquele beijo foi algo de momento, não é como se fôssemos nos beijar, transar e nos apaixonar.* As palavras dela se prenderam em minha mente, e me apeguei a cada uma delas.

Eu não deveria sequer estar me questionando.

— Já comeram? — perguntei e só então Jasmine notou minha presença.

— Eu esquentei as marmitas que a gente tinha. — Jasmine explicou. — Podemos comer pizza hoje ainda?

— A gente comeu pizza ontem, pequena.

Ela fez uma leve careta.

— Só para comemorar meu primeiro dia aqui. — Carolina intercedeu, e seu olhar parou no meu. Queria negar de imediato, mas ela parecia apenas tentar deixar as coisas mais simples. Ela já estava me ajudando e sem pedir nada em troca, o que eu poderia negar a ela? — Pizza de quatro queijos, marguerita e portuguesa, o que acham?

— Pode pedir, Jas — falei para minha filha que deu um pulo no lugar animada. — Vou tomar um banho, e não esquece que tem que treinar aquela música no piano.

— Estava só te esperando chegar. — ela fez uma careta e acabei sorrindo de sua petulância. — Vou já começar a treinar, enquanto toma banho.

— Certo... — desviei meu olhar para Carolina, que parecia levemente surpresa com algo, com os olhos levemente

arregalados. — Precisa de algo? Está à vontade?

— Eu estou bem — respondeu simplesmente, e desviou o olhar. — Jas me mostrou tudo que era preciso e conheci um pouco da fazenda hoje.

Assenti e apenas me vi seguindo em direção ao andar de cima. Quando fechei a porta do meu quarto, vi-me puxando o ar com força e quis negar aquela sensação. Passei a mão pelo rosto e tentei não pensar muito a respeito, mas era impossível.

Eu sabia que estava atraído por ela.

Sabia que a ver todo dia, debaixo daquele teto, não seria fácil.

Mas eu tinha que ignorar tal sensação, porque não era justo estar assim. Aquilo não era uma história de amor, das tantas que Pâmela contava e sonhava, das quais ela pensou que a gente pudesse ter, e talvez, um dia até tivéssemos. No fim, me sentia exausto. Porque minha vida que era uma linha reta, já demarcada e contínua, se tornou um enrolado cheio de contornos diferentes, desde que Carolina Reis apareceu.



“Ele diz: Olhe para cima
E seus ombros te tocam
Sem provas, um toque
Mas você sentiu o bastante”^[26]

CAROLINA

— Sabe que não sou um bebê para em colocar na cama.
— Ouvi Jasmine reclamar, e me vi sorrindo parada no corredor.

Nós tínhamos tido um dia cheio. Ela preencheu boa parte dele, e a noite que poderia ser estranha, apenas se tornou um

momento calmo e bom, ouvindo-a tocar piano, e tentando segurar a vontade de analisar cada pedacinho de Franco quando ele parecia compenetrado na filha.

Respirei fundo, e ouvi a leve risada ele.

Pois é, ele sorria.

E o sorriso dele era lindo.

— Quem vê pensa que não é você que me cobra de te colocar na cama de vez em quando. — Poderia até imaginar Jasmine fazendo uma careta. — Quer que eu cante hoje?

— Sempre, papai.

Encostei-me contra a parede do outro lado do corredor e por um segundo, segurei a respiração. E no seguinte, ouvi a voz dele bem baixa, que deveria ser o tom que a fazia claramente cair no sono. Ao menos, deveria fazer antigamente.

“Nestes verso tão singelo

Minha bela, meu amor

Pra você quero contar

O meu sofrer e a minha dor

Eu sou quem nem o sabiá

Quando canta é só tristeza

Desde o gaio onde ele está...”

Vi-me cantando mentalmente a canção, enquanto ele a fez por completo. Ele era afinado e poderia jurar que eu dormiria, mesmo com sua voz grossa ressoando em meu ouvido. Era gostoso de se ouvir. Acreditava não pelo fato de ser uma bela voz, mas por ter tanto sentimento nela.

Fiquei perdida ali, ouvindo-o, e quando ele parou, pensei em apenas sair de fininho e seguir para o andar de baixo, que era meu objetivo desde o segundo em que saí do meu quarto. Meu quarto. Era tão estranho como tudo acontecia entre nós, mas ao mesmo tempo, eu sabia que estava no lugar certo.

Onde Verô esteve por mim, eu estava por Jasmine.

— Podemos conversar?

Dei um pulo no lugar e levei a mão ao peito, pelo susto.

— Homem do céu! — sussurrei, e notei seu olhar um tanto divertido. Quantas facetas aquele homem tinha e escondia? — Claro, podemos — respondi tentando não pensar muito no susto, mas meu coração estava na boca.

— Pode ser lá fora?

— Ahan, só vou pegar um cardigan, então.

Ele assentiu e vi-o seguir para o andar de baixo. Fui rapidamente para o meu quarto, peguei o cardigan favorito e desci atrás dele. Não demorei a encontrá-lo, sentado no banco branco, que mais cedo notara o violão ao lado.

— Dia cheio? — perguntei, tentando lembrar que eu era Carolina Reis, uma pessoa que sempre sabia o que dizer ou sobre o que falar.

— Um pouco. — Tirou o chapéu e colocou-o no colo. — Como foram as coisas?

— Mais naturais possíveis — assumi, encostando-me contra a pilastra à sua frente, e ficando a uma distância que considerei segura. — Jasmine é uma boa menina. E você é realmente um bom pai. — Seu olhar parou no meu, como se não esperasse. — Vocês são ótimos juntos.

— O que você realmente quer fazer aqui, Carolina? — indagou, claramente escolhendo suas palavras. — Precisamos conversar sobre o que você precisa e quer, e quanto tempo isso

vai durar. E principalmente, preciso entender porque está fazendo isso. O que quer em troca.

Ele que sempre me parecia tão calado e em seu mundo, de repente, se tornou uma metralhadora de palavras.

— Quero que Jas tenha a chance que eu tive. — falei e apertei levemente as mãos contra a calça de moletom rosa que vestia. — É tão difícil acreditar que não quero nada em troca? — indaguei, e seu olhar segurou o meu, como se ele realmente tivesse dúvidas. — Bom, não é normal uma pessoa que você conhece há poucos dias, querer assumir o lugar de tutora da sua filha e te ajudar a se livrar do lixo.

— É algo muito pessoal?

— Tão pessoal quanto a sua vida que eu pesquisei sem autorização. — admiti, e respirei fundo. — Posso? — apontei para o lado vazio do banco, e ele assentiu de imediato.

— Onde quiser, a casa é sua também agora. — Mordi o lábio e por um segundo, destetei o fato de que eu gostaria mesmo era de sentar-me sobre ele.

Porra, Carolina!

Sentei-me bem na ponta, e tentei parecer completamente natural. Levei as mãos até meus joelhos e minha mente se perdeu um pouco. Por que eu sentia que podia falar sobre qualquer coisa com ele? Um completo estranho? Por que aquilo me atormentava tanto?

Eu não tinha qualquer resposta, então, apenas me vi fazendo o que poderia.

— Acho que não é surpresa saber que sou rica, de uma família muito rica. Herdeira...

— Patricinha. — Ele complementou e notei a leveza em sua voz, como se ele tentasse suavizar o que acontecia, e tive que rir. Não esperava tal atitude. Era como se ele também não entendesse como poderia confiar em mim, mas o fazia.

— A patricinha. — corrigi-o e sorri. — Mas nem tudo é perfeito para quem nasce em berço de ouro, e você parece saber um pouco, devido a mãe de Jasmine. — ele assentiu e notei seu semblante mudar. — Somos em cinco, como Igor disse mais cedo. Verô é a mais velha – a que conversou quando foi buscar Jasmine, temos praticamente 18 anos de diferença uma da outra. E ela... Ela me criou. — senti meus olhos marejarem, apenas por recordar. — Um resumo é que nossos progenitores nunca foram

nada além disso, nada... — frisei, respirando fundo. — Quem nos protegeu com unhas e dentes, sempre, foi nossa avó. Mas ela tinha uma saúde delicada e quando faleceu, Verô foi quem tomou conta de tudo. Se não fosse por ela, aos dezoito anos, abdicar de tudo pela gente, e lutar pela gente... Eu não estaria aqui, com certeza. — tentei não pensar muito e voltar àquelas lembranças. — Quando conheci Jasmine, eu senti uma conexão. E quando soube da história em si, eu entendi que não era por acaso. — Levantei meu olhar e encontrei o de Franco, no meu. — Não acredito em acaso, mas sim, em destino.

— Eu não sei o que dizer. — Admirei-o pela sinceridade.

— Só saiba que não quero e nem espero nada em troca, eu só... faço o que sinto. — Respirei fundo, sorrindo de lado. — Não posso ver alguém tentar controlá-la, do mesmo jeito que fizeram comigo desde que nasci, e ficar parada. Eu tenho o poder que tenho com esse sobrenome Reis, e pela primeira vez, encontrei utilidade.

— Nunca entendi porque sobrenomes têm tanta importância. — Eu fiz uma careta, concordando.

— Eu odiei o meu por anos, até entender que o sobrenome significava o que eu queria que ele significasse. E hoje, ele

significa eu, Igor, Murilo, Tadeu e Verônica. Nós cinco, e sempre nós cinco.

— Saber que conseguiu acesso aos papéis do testamento e outras informações, me assustou. — Olhei-o surpresa. — Estou acostumado a lidar com o que posso sozinho. E nunca, o meu sobrenome teve qualquer peso nisso. Mas eu sei que estou no limite do que posso fazer. — ele pareceu levemente atormentado. — Não quero confiar em você, principalmente, minha filha a você... mas eu sei que não tenho escolha.

— Não vou culpá-lo por não confiar em mim. — Assumi. — Confiança se constrói, Franco.

— Eu só... — vi-o deixar o chapéu do lado do banco, e espalmar o mesmo. — Eu só nunca me imaginei em uma situação assim.

— Parece que nunca pensou em falar com ninguém sobre isso. — seu olhar saiu do nada à nossa frente e voltou para o meu. — É como se... — fiz um sinal ao seu redor. — Tivesse uma barreira enorme à sua frente, uma armadura.

— O que quer dizer?

— Conheço pessoas como você — falei, e notei-o endurecer a expressão. — Não é uma crítica... — ri de lado. — São pessoas que eu amo... — pensei sobre Tadeu, e principalmente, Verônica. — A vida os fez assim.

— Eu te julguei e à sua família, no primeiro momento que pude... — notei-o engolir em seco, e baixou levemente a cabeça. — E agora estou aqui, dependendo de você.

— Ei! — vi-me apenas levando minha mão a dele e apertando. Senti o leve acelerar por cada parte do meu corpo, em sua pele na minha. Tão certo. Tão inevitável. — Eu te julguei como um bruto insensível. E bastou um pouco para perceber que não tem nada da segunda característica.

— Ainda me acha um bruto?

— Ainda me acha uma patricinha?

E foi então que senti seus dedos tocarem levemente nos meus, e um vislumbre claro de sorriso no canto de sua boca. Meu olhar se perdeu bem ali, e tentei dizer a mim mesma que não podia achar aquilo tão bonito.

Que não deveria estar pensando em nada mais que ajudar. Mas quando ele se virou de fato, e o sorriso estava ali, foi como

se eu desmanchasse como uma criança.

Era a primeira vez que Franco Esteves sorria para mim.

E pareceu como se eu estivesse esperando por toda a vida por aquele momento.

Puxei levemente minha mão, e tentei disfarçar as batidas erradas do meu coração. Elas não podiam bater por ele, não mesmo. Não depois que as minhas expectativas de amor terem se tornado praticamente tão altas. Assistir meus irmãos viverem histórias de amor tão bonitas, fez-me desejar apenas que fosse assim – não menos.

E eu não podia fantasiar com Franco.

Era claro que ele não queria algo daquela maneira.

Mas e se ele quiser? Minha mente atormentou e fiz questão de apenas tentar ignorar.

— Então somos um casal de falsos namorados, e apenas minha filha e seus irmãos sabem? — indagou, o sorriso diminuindo e logo desaparecendo, e vi-me desejando-o novamente.

— As minhas cunhadas e os Torres também devem estar fazendo, lembrando que uma das cunhadas é uma Torres — ele

assentiu ligeiramente. — Mas eles não vão falar para ninguém. Igor é um fofoqueiro de primeira, e nem preciso te explicar sobre Bruno Torres, mas quando se trata de família, eles sabem ser discretos.

— Espero que isso dê certo. — admitiu, e vi-o colocar o chapéu novamente.

— Vai dar, eu tenho certeza. — pisquei o olho, levantando-me. — E sobre o tempo que vou ficar, talvez até o aniversário de Jas, que me pediu para ajudá-la. Pode ser que nos livremos dos Toledo antes, mas...

— Não pode dizer sempre “sim” para ela. — Revirei os olhos. — Carolina!

— Meu nome. — sorri de lado, e notei sua expressão endurecer. Ele ficava tão bonito quando fazia aquilo... — Eu sou a patricinha das festas, fica tranquilo. Não estou fazendo nada que não quero. E vai entender que nunca faço o que não quero.

— Mimada?

— Completamente. — Sorri, sem poder negar. — Algo mais?

— Apenas... obrigado. — notei então sua expressão suavizar. — Por nós dois, obrigado.

— Acho que posso pedir algo em troca... — falei, e encarei o violão ao seu lado. — Quando isso acabar, quero que toque para mim.

— Quem disse que eu toco? — indagou, e apenas insisti com o olhar, e ele com certeza soube a resposta. — Isso é um acordo?

Estendeu a mão e eu sorri, porque só conseguia pensar em um dos livros feéricos que li nos últimos anos, e que poderia jurar que uma tatuagem apareceria em mim, assim que apertei sua mão e disse “isso é um acordo”. Porém, quando seu toque estava no meu, novamente, senti uma paz misturada a toda bagunça que ele me transformava.

Apenas ele.



“Nós éramos uma página nova na mesa
Preenchendo os espaços em branco enquanto avançamos
Como se as luzes da rua apontassem para a ponta de uma flecha
Nos levando para casa”^[27]

CAROLINA

— O bom é que você não costuma sair muito, então os boatos do nosso namoro vão correr pelos seus peões e tudo mais. — Fiz aspas com os dedos e Franco me encarou sobre a

xícara de café. — Não precisamos parecer próximos a não ser que os Toledo apareçam ou algo assim.

— Vocês acordam cedo. — ouvi a voz de Jasmine, a qual parecia se arrastar até a mesa, e eu ri da cena. — Por que meu despertador tocou agora?

— Porque a gente vai ver as coisas pro seu aniversário, mocinha. — Ela se jogou na cadeira ao meu lado, e abriu um olho, sorrindo de lado. — Conheço a cidade, mas não a fundo, para saber o que preciso encomendar na Capital, ou se precisamos ir até lá ver algo...

— Eu adoraria viajar para lá.

— Jasmine. — a voz de Franco soou firme, e virei-me para ele. — Lembra-se do que conversamos?

— Vamos com calma. — Repetiu, e fechou o olho novamente. Ela realmente não era uma pessoa matinal. — Eu posso ir com calma dormindo mais um pouco?

— Eu ainda vou correr — comentei, e ela apenas saiu da cadeira e migrou para o sofá mais próximo. — Ela acordou muito mais cedo do que combinamos — falei, sorrindo para Franco, que parecia mais sério que o normal.

Mais do que encontrei quando desci as escadas, e ele já estava fazendo café.

— Estou fazendo algo que está te incomodando? — indaguei, sabendo que jamais cruzaria uma linha entre a educação da filha dele comigo.

— Só não estou acostumado a ter Jas fazendo tantas coisas fora e com outra pessoa — assenti, e ele pareceu pensar em algo. — Mas ela cresceu e quer isso, então... Não posso impedir.

— E sobre a Capital...

— Isso não — falou, respirando fundo. — Eu sei que parece certa sobre o poder da sua família, mas não vou arriscar a Jasmine ir para lá e nunca mais voltar...

— Já fizeram isso, né? — minha pergunta foi mais retórica do que qualquer outra coisa.

— O pior mês da minha vida — assumiu, e notei que a gente tinha uma relação de confiança em crescente.

— Como saiu dessa?

— Meus irmãos. — Comi mais um pouco do iogurte que ele me ofereceu mais cedo, e o encarei. — Eles são ricos, ou melhor,

enriqueceram... E puderam me ajudar no tribunal.

— Não vejo quase nada deles pela casa — falei. — Tem alguns porta-retratos seus com a Jas, com a Pâmela... Mas não vi nada além de uma foto que posso suspeitar ser deles.

— Não somos como a sua família. — parecia ser uma explicação suficiente para ele. — Mas Jas sempre os convida para o aniversário.

— Ela me disse. — Sorri ao me lembrar da nossa conversa. — E todos os detalhes que quer fazer acontecer — continuei, empolgada. — Estou adorando que vamos ter algo tão grande para fazer durante esse tempo.

— Sabendo disso, aqui... — ele colocou um cartão sobre a mesa, e notei o seu nome gravado no mesmo. — Para a festa dela.

— Franco, eu posso...

— Eu sou o pai dela, Carolina — cortou-me, não de forma grossa, o que me surpreendeu. — Eu sei que é claro que não sou dono de nada aqui, e muito menos sou rico, mas eu poupo bastante.

— Se não aceitar, vai ser um golpe no seu ego de pai? —
indaguei, levando uma das mãos ao cartão e o encarando. —
Sabe o quanto eu gasto sem qualquer controle?

— Tenho muitas economias. — Sorri, pegando o cartão e
deixando-o próximo de mim. — Apenas não a leve para a Capital.
Eu entendo que talvez convide Daniela para ir junto ou até
mesmo seus parentes, mas não...

— Eu não faria sem sua autorização, nunca. — Pontuei, e
o encarei profundamente. — Quando a levei para a casa de
Tadeu sem pedir permissão foi porque senti que ela precisava
daquilo, e eu sequer tinha contato com você. Isso não vai
acontecer de novo, prometo.

— Sua espontaneidade me surpreende, toda vez que
conversamos — falou, levando a xícara à boca novamente.

— Eu sou uma caixinha apenas de ótimas surpresas. —
Pisquei um olho, e vi-o quase revirar os olhos. — Enquanto a
princesinha dorme, eu vou fazer meu cardio. Já basta a academia
que eu simplesmente fingi que não existe mais nos últimos
tempos.

— Seu corpo é lindo.

Até errei meu passo, batendo o dedinho do pé contra a quina da mesa.

— Merda! — segurei o grito apenas porque Jasmine dormia ali perto.

Escorei-me na mesa, e me surpreendi quando senti braços fortes ao meu redor, e fui suspensa no ar. Meu dedinho latejava, daquela dor chata que a gente detesta, porque parece que vai nos matar nos primeiros segundos. Contudo, até a dor pareceu desaparecer, quando percebi que estava como uma noiva nos braços de Franco.

— Onde dói? — indagou, assim que me colocou na poltrona.

— Eu só... — notei-o então ajoelhado à minha frente, e nossa diferença de altura, o deixava quase próximo à minha boca. Merda! — Eu só bati o bendito dedinho! — reclamei, como boa dramática que era.

Ele piscou algumas vezes, levantando-se de supetão, e acreditei que nem ele entendeu o que aconteceu. Um elogio, uma estabanada, um desesperado... A gente parecia uma comédia de

primeira. Vi-me rindo assim que ele apenas migrou até a mesa e retirou as coisas, sem sequer me encarar.

Pelos céus, a gente tava fodido!

Estão todos na casa do Ná hoje, bando de indecisos. Obs: não aguento mais olhar para Bruno.

Ri alto, da mensagem que Jasmine leu para mim, enquanto eu já estava próxima ao nosso primeiro destino.

— Apenas manda uma figurinha rindo dele — pedi para a mesma, que o fez, e parecia realmente gostar de estar fazendo parte daquela bagunça. — Já vou começar avisando... — respirei fundo, ao notar a entrada da fazenda de Inácio Torres. — É muita gente, mas vou te apresentar cada um. — pude sentir seu olhar sobre mim.

Assim que me aproximei, notei Lucas em seu cavalo, que me deu uma aceno. A fazenda de Inácio Torres era diferente da de Jasmine. Tinha uma grande entrada, até chegarmos de fato à

casa principal, e por aquilo, dirigi até a frente. Não me surpreendi ao ver os carros da minha família ali, e outros mais.

Famílias grandes e caóticas.

— Chegamos! — falei, e me virei para Jas, sorrindo. Porém, meu sorriso morreu quando a notei com uma expressão preocupada. — O que foi?

— Aquele dia, na casa do seu irmão, eu não pensei muito, tia. — admitiu. — Mas e se eu estiver atrapalhando ou...

— Ei! — levantei seu queixo, e ela me encarou, piscando algumas vezes. — Nunca pense que é um incômodo. Nunca! Como eu te disse, eu e seu pai estamos numa mentira para que não corram mais riscos de serem separados, mas nós duas... — apertei levemente seu queixo. — Nós duas somos amigas para sempre, Jas.

— Amigas para sempre — ela repetiu, e finalmente seu belo sorriso voltou.

— Vai adorar conhecer dois ruivos como você. — Pisquei um olho, e ela pareceu realmente animada, porque abriu a porta, e pulou do carro. — Três, se contarmos com Fabrício, que acabou de nascer.

Ela veio rapidamente até mim, segurando minha mão. Bati na porta da frente, e logo a abri. Assim que adentrei a casa, notei um espalhado das pessoas que eu conhecia tão bem. Principalmente, meus irmãos, que pareciam exaustos.

— Bom dia, família! — falei, e notei o olhar de Tadeu vagar, e parar na mocinha ao meu lado. — Trouxe alguém para conhecerem e vim roubar Daniela.

— Jura, tia? — Dani gritou, aparecendo do nada do corredor da cozinha, e eu ri. — Oi, Jas!

Vi-a correr até a mesma, e abraçá-la. Afastei-me levemente, para que elas se cumprimentassem.

— Como está o meu ursinho favorito? — indaguei, parando ao lado de Tadeu, que estava sentado na ponta do sofá, e Murilo deitado sobre a perna dele, quase dormindo. — Parece acabado, Mubi.

— Para de me chamar assim. — Tadeu rechaçou e eu ri de lado.

— Estão os dois acabados porque ficaram checando a respiração dos bebês a noite toda. — Igor apareceu, trazendo

consigo um saco de salgadinho. — Eu disse que são patéticos, mas quase fiz o mesmo com o Theo.

— São patéticos fofos, pelo menos. — falei, e dei um beijo no rosto de Tadeu, depois um em Murilo, que piscou algumas vezes, acordando, e fui até Igor, fazendo uma careta quando ele beijou meu rosto, cheirando a salgadinho fedido. — Onde está o resto?

— No andar de cima, com as cunhadas mais lindas que temos.

— Eu tenho mais uma — rebati.

— Obrigada por lembrar que eu existo. — Lisa falou, aparecendo no alto da escada, com Theo no colo. — Temos visita hoje!

— Oi, tia Lisa!

— Eu morro quando me chamam de tia, sério. — ela se derreteu, e eu tive que rir.

Fui até Jas, e a trouxe para perto dos meus irmãos, enquanto Dani vinha no encalço.

— Eu apresento seu pai ou você Dani?

— Eu eu eu! — Dani se adiantou, e eu sorri da mesma. — Esse é o meu papai, Murilo Reis. — ela falou, levando Jas para o lado do pai, que ficava sentado e colocava um sorriso no rosto.

— Ele tem o cabelo quase na cor do seu — complementei, e Jas parecia encantada. — É quem separa as brigas da gente desde criança.

Ela esticou a mão para ele, que apertou, e me deu um leve olhar de “preciso saber mais”.

— É um prazer, Jasmine.

— Esse aqui é o Tadeu. — falei, soltando uma longa respiração. — Ele tem essa cara de mau aí, mas é igual ao seu pai, todo derretido. Tipo um ursinho carinhoso,

— Ursinho carinhoso? — ela perguntou, claramente não sendo da mesma geração que a gente, e Tadeu só não me mandou a merda, porque tínhamos crianças ali. Igor gargalhou e trocamos um breve olhar.

— Oi, senhor Reis. — ela parecia ainda mais tímida e usando o pronome de tratamento que tanto usou comigo.

— Só tio Tadeu ou... — ele respirou profundamente. — ou Ursinho.

Olhei-a indignada, e ele me deu aquele olhar de “vou te fazer pensar na minha mão”.

— Perdeu a vaga no coração do ursinho, Carol. — Igor provocou, e mesmo me fazendo de indignada, só queria abraçar Tadeu por estar fazendo-a sorrir.

— Tá bem. — ela falou, ainda tímida.

— Aquele ali você já sabe, o irmão mais feio — falei, apontando para Igor, que lhe ofereceu o salgadinho, que ela negou. — Isso mesmo, não coma essas coisas de cheiro duvidoso.

Ela riu, e levei-a até Lisa, já no andar de baixo.

— A Lisa você conheceu aquele dia no lago, mas pra te refrescar a memória, é a esposa do irmão Reis feio, que ninguém sabe como suporta ele — comentei, e Jasmine riu, dando um leve beijo no rosto de Lisa, que se abaixou.

— Fala oi, Theo! — o mesmo ainda pequeno, levou as mãozinhas até o rosto de Jasmine, e deu um sorriso largo, já com alguns dentinhos aparecendo. — Ele ainda vai falar um oi melhor, prometo. — Ela sorriu, enquanto Jas apertou levemente a mãozinha dele.

— Val e Oli tão acordadas? — perguntei, e ela assentiu. — Vou subir, então.

Fui até o andar de cima com Jas, e bati levemente na primeira porta semiaberta. Assim que a adentrei, dei de cara com o quarto em que Oli estava, e um berço ao seu lado. Quase todos os seus irmãos estavam ali, e foi a oportunidade perfeita.

— Ok, vamos falar mais baixo porque temos um bebê aqui — falei para Jas, e fiz um aceno para todos.

— Jasmine? — Inácio foi quem indagou, e se aproximou, claramente curioso.

— Eu te contei que ela cresceu e ficou a cara de Pâmela — Mabi sussurrou e notei o olhar de Jasmine se iluminar.

— Acho que eles te conhecem, mas você não deve se lembrar de todos, certo? — perguntei, e ela assentiu. Sabia que o pai dela foi próximo de Inácio Torres, algum dia, e que os Torres eram conhecidos por todo o lugar, mas ainda assim, ela vivia muito presa na fazenda. Mesmo que soubesse os nomes e rostos, não tinha ideia de quem eram de fato.

— Querem que eu faça as honras? — indaguei, e Bruno se adiantou.

— E me difamar? — rebateu, e chegou próximo a ela. — A gente se viu no lago, e como pode perceber... — apontou para os outros irmãos. — Sou o Torres bonito.

— Bruno. — Júlio se pronunciou, afastando-se do berço e notei a careta de Olívia. — Eu sou Júlio, o Torres do meio, como a Oli. — ele apertou a mão dela, que assentiu sorrindo.

— Vi o senhor no Instagram da tia Lisa.

— Por que eu sou senhor e a Lisa tia? — ele rebateu, e ela riu de lado. Júlio Torres sabia ser galante.

— Eu sou a melhor amiga da tia Lisa, a tia Babi. — A esposa dele passou à frente, e sorriu para Jas. — Sou esposa do metido aqui.

— Oi, tia Babi. — ela riu abertamente.

Uma coisa que tanto Reis quanto Torres adoravam, eram se tornar tios. E eu sempre ria do fato.

— Vocês são lerdos, e a gente ainda tem que passar o dia todo no centro. — cortei-os e parei à frente de Inácio e Mabi, ao lado da cama de Oli. — Esse é o Inácio, o conhecido do seu pai, que tem o mesmo tipo de cara feia dele. Feia porque quer deixar assim. — Ele bufou ao lado, mas não disse nada, e ouvi maria

Beatriz sorrir. — Essa é a Mabi, esposa dele, e a Torres favorita da Verô.

— Vou nem brigar por isso.

Sorri da fala de Olívia, porque sabia que o começo dela com Verô não foi mil maravilhas.

— Essa é a responsável por eu ter que tolerar os Torres...
— provoquei, e ouvi Bruno bufar.

— A mãe da Dani e esposa do tio Murilo.

— Minha garota! — falei, batendo uma palma leve. — E aqui está o ruivinho mais novo da família. — Mostrei-lhe Fabrício dentro do berço, completamente apagado, e eu quase me derreti.
— Lindo, né?

— Ele tem a cor quase igual a minha — falou e segurou os cabelos.

Batidas na porta nos fizeram virar, e encontrei Nero parado ali, encarando-nos.

— Aquele ali é o melhor amigo da minha esposa — Bruno falou, como bom intrometido que era. — O nome é Alfredo, mas todo mundo chama de Nero.

— Ele é grandão — Jasmine sussurrou e eu ri ao seu lado.

— Verônica pediu para te ver, Carolina.

— Desde quando Verônica e você conversam e não se matam no meio do caminho? — Olívia perguntou e eu me fiz o mesmo questionamento.

Ele apenas deu de ombros, e logo saiu.

Segui com Jasmine para fora, que acabava de ter mais outros tios para conta. Nero apontou com a cabeça para o quarto da frente, e não me surpreendi ao encontrar Verô, Abigail e Valéria ali dentro.

— Que garoto recado inusitado, Verô. — falei, e Jas veio junto a mim.

— Era o único disponível — comentou simplesmente, e seu semblante ficou mais leve quando notou Jasmine. — Olá, pequena.

— Oi, tia Verô.

— Abigail você já conhece, esposa do Bruno. — falei, e Abi deu um leve aceno, enquanto parecia segurar um pacotinho de gente, ou melhor, a coisinha mais preciosa daquela sala – Vitor.

— Então essa é a garotinha de cabelos como os meus? — Valéria indagou, e parecia realmente impaciente, deitada na

cama, mas claramente cansada.

— O seu é tão escuro e bonito. — Jas falou, aproximando-se dela.

— Eu sou Val, ou tia Val. — Piscou um olho, e bateu na cama ao seu lado, para Jasmine subir.

— Esposa do ursinho e agregada dos Torres — comentei, e Jas assentiu, como se compreendendo.

— São muitas pessoas, não é? — perguntei, enquanto ela tocava no cabelo de Valéria, incrédula.

— Nunca ia saber de todo mundo, mesmo com as fotos que me mostrou.

— Bom, aos poucos, você pega. — pisquei um olho.

— Eles podem ir no meu aniversário? — perguntou baixinho, e sorri.

— Se eles não forem, eu bato em cada um. — Ela sorriu amplamente, e foi quando meu olhar parou no de Verô, que apenas analisava a cena. — O que foi? — a pergunta era tanto pelo seu olhar, quanto por Nero como pombo-correio.

Ela apenas se aproximou e tocou minha testa com os dedos indicador e médio. Eu sabia o que ela queria dizer, e a

intensidade. Aquele era o jeito de Verô dizer que nos amava, sempre foi.

E eu entendi o que ela queria dizer: que eu amava Jasmine.

E bem, aquela era a verdade mais clara de toda minha vida. Eu o fazia, mesmo.



“Reclama, mas gosta do meu estilo independente
Me mudei de endereço, vou morar na sua mente
Vestidinho da Gucci, hmm, só pra ficar indecente
Com meu Rolex no pulso, salto fino, marca quente”^[28]

FRANCO

— EU AMEI! — ouvi o grito de Jasmine, e cavalguei em direção ao som.

Quando me aproximei, vi-a com várias sacolas, e Carolina carregando uma enorme caixa atrás dela.

— Mas ainda temos muito o que fazer, mocinha.

Parei com o cavalo e fiquei apenas as observando, sem conseguir desviar o meu olhar da mulher loira sorridente, perfeitamente ereta em seus saltos altos. Ela poderia não ter nada visual que fizesse sentido naquele lugar, mas dali, de onde eu via, ela estava exatamente onde deveria.

Diacho, Franco!

Como se me percebesse, seu olhar voltou diretamente para onde eu estava. Notei-a tentar acenar com a mão, mas quase derrubou a caixa, então sorriu e pareceu desistir. Apertei a aba do meu chapéu, e notei seu olhar percorrer cada pedaço do meu corpo e ela morder o lábio inferior. Desviou rapidamente e vi-a praticamente correr para dentro da casa.

Ela fugia.

Ela fugia assim como eu.

Apenas me vi decidindo cavalgar um pouco, porque a minha cabeça já estava longe do trabalho, mesmo que tentasse focar em fazer tudo que era necessário para que a fazenda funcionasse. Meus pensamentos estavam nela. E via-me cobrando a mim mesmo, racionalidade.

Cavalguei até o lago, longe dos animais e todos os funcionários. Deixei meu cavalo preso à árvore, e vi-me tirando a camisa, e as botas, adentrando a água gelada, que parecia na temperatura perfeita para me fazer aquietar o facho. Mergulhei fundo, e olhos azuis estavam presos nos meus, como se eu não pudesse ignorar. Como se eu pudesse ignorar tudo, e apenas focar nela.

Resolvi que já que o trabalho naquele dia era pouco e não me permitia descontar toda aquela frustração, apenas nadei. Nadei por ali, ao ponto de querer esgotar minhas próprias forças. Eu não poderia olhar para Carolina, não quando tudo o que se passava por minha mente, toda vez que o fazia, era que ela me queria também.

Que aqueles olhos pediam pelo meu olhar.

Que aquela boca pedia pelo meu beijo.

Que aquele corpo pedia pelo meu toque.

Mergulhei novamente, e me permiti ficar ali, pelo tempo que tinha fôlego, para ver se acalmava não só o meu corpo, mas o meu coração que batia desenfreado.

CAROLINA

Quanto mais eu andava, pelas instruções que alguns peões me deram, de que Franco viera nessa direção mais eu me arrependia por ter concordado em vir chamá-lo para almoçar.

Mas como negaria isso para a senhora fofa chamada Célia, que tinha conhecido durante minha corrida matinal, e era a cozinheira deles há muitos anos. Além de ser a mãe do capataz. Ela era adorável, e me vi sem saber como negar o fato de que poderia encontrar Franco Esteves naquela fazenda.

Porém, como era possível eu não encontrar um homem de um metro e noventa, que provavelmente, estava sobre um cavalo.

Parei meu passo e me recordei da cena tão magnética que foi, vê-lo como um príncipe encantado sobre aquele cavalo preto, da cor do chapéu que não saía de sua cabeça. *Por que eu ainda fantasiava com aquelas coisas?*

Pelo menos eu estava com meus fones de ouvido, e Luan Santana de fundo, fazendo-me cantar alto, enquanto caminhava para mais longe, e logo avistei o que deveria ser um lago. Seria o

mesmo lago em que Franco entrou quando o vi com a camisa toda molhada?

Foco, Carolina!

— *“Te avisei: Não sou flor que se cheira...”* — comecei a cantar junto a música de fundo do meu fone. — *“Mas essa abelha é teimosa. Me cheira e ainda me beija. Com essa boca gostosa...”*

Foi quando notei o mesmo cavalo preto, comendo algo perto de uma árvore, e franzi o cenho. E quando me aproximei, ouvi o barulho na água, e dei um passo atrás, ao notar as costas largas nuas.

“Tá aí o motivo do meu abalo emocional

Fico ou não fico?

Vou ou não vou?

É lance ou amor?...”

E Luan Santana nunca me entendeu tanto como naquele instante.

Franco passou as mãos pelos cabelos e os colocou para trás, e eu só me vi caminhando para mais perto do lago, ao notar que ele andava na outra direção. E naquele meio segundo,

apenas torci para que ele se virasse, e eu tivesse o vislumbre perfeito do seu torso nu.

Tentei ficar em silêncio, mas minha respiração pesou.

Contudo, ele não se virou. O oposto aconteceu, como se fosse o destino me dizendo: pare com isso! Ele nem sabe que você está aí! Enquanto eu sabia exatamente quando ele me olhava, ele apenas mergulhou e desapareceu na água.

— Merda! — reclamei, já na beira do lago, e xinguei a mim mesma por perder minha mente.

Ouvi então o barulho de água sendo jogada perto de mim, e então Franco Esteves apareceu à minha frente. Parecia até cena de dorama, e daria uma baita de uma cena se ela não existisse. Franco apenas de calça jeans, todo molhado, caminhando em minha direção.

— Te dou dez segundos para parar de me olhar assim e sair, se não...

— O quê? — indaguei, empinando meu queixo e ficando ainda mais próxima.

— Fodam-se os dez segundos.

Sua boca então veio para a minha, e me vi indo direto para o seu colo. Suas mãos se espalharam pelo meu corpo, puxando-me para si, e logo senti meu corpo em choque com o seu, todo molhado. Minha regata branca e saias já deveriam estar transparentes pelo contato, mas eu não me importava.

Eu queria mais.

Senti-o se sentar, e eu ainda presa em seu colo. Cada parte dele em cada parte de mim. Suas mãos pareciam ter o mapa certo de onde me tocar. E suspirei pelo beijo tão atormentador, que parecia colocar para fora todo o desejo que ambos guardávamos.

Quando o ar faltou, sua boca veio para o meu colo, e gemi, sem conseguir evitar.

— Não devíamos estar fazendo isso...

— Não... — ele falou, e sua boca pairou na minha novamente. — O que estamos fazendo, mesmo? — perguntou sério, mas o sarcasmo que não vi antes, estava ali.

— Estamos... — beijei-o novamente, enquanto minhas mãos se perdiam no abdome esculpido. — Eu vim te chamar pro almoço.

— Certo... — comentou, e sua boca veio para a minha, num beijo casto, mas não menos intenso. — Vamos almoçar, então?

Assenti, enquanto suas mãos apertaram ainda mais forte a minha bunda, e eu reprimi um gemido. Estava tão exposta, com minha saia espalhada, e as pernas sobre ele. Senti-o todo, e eu queria sentir ainda mais.

— Não quero comer. — Assumi, sentindo a intensidade do seu olhar, e agarrando-me às suas costas.

— Eu quero... você. — Mordi o lábio inferior, enquanto suas mãos subiam para os meus cabelos, e acertavam o ponto sensível bem na base da minha nuca. — Quero você, Carolina.

Se eu não sabia lidar com a atração por aquele homem apenas desconfiando que ele estava sentindo o mesmo, como lidaria com ele dizendo que queria me comer, literalmente?

Quando sua boca voltou para a minha, levei minha mão até o zíper do seu jeans, um grito me fez travar no lugar, e não pude evitar o gemido de frustração.

— Diacho. — Franco xingou, enquanto eu escondia meu rosto na curva do seu pescoço.

— Patrão, a patroa tá de procurando! — deveria ser Sérgio, mas com certeza, não nos viu ali, porque parecia mais estar informando para Franco. Levantei brevemente o olhar e notei que a árvore e o cavalo de Franco deveriam nos ocultar bem ali.

Ouvi o barulho de passos para longe, e sabia que ele cavalgou para longe.

— E me achou. — ele sussurrou, senti meu corpo todo se arrepiar, e fiquei sentada novamente. Senti-o sobre mim, e gemi. — Qualquer pessoa pode aparecer...

— Então... — mordi o lábio, sem conseguir evitar. — Então vamos comer... — falei, e suspirei fundo, frustrada. Notei seu olhar safado e bati contra seu ombro. — Comida, Franco.

— Um homem pode sonhar.

— Está confessando que sonhou com nós dois, assim? — indaguei, e ele me levantou consigo, colocando-me em pé novamente.

Tentei não olhar para a frente da sua calça, claramente esticada e deixando pouco para a imaginação. Meus seios pesados e sensíveis me denunciavam também, e caso ele fosse ousado o suficiente saberia que eu estava mais do que pronta.

— Sabe cavalgar? — indagou, e se virou indo em direção às suas coisas.

— Sei — falei, e não pude evitar os pensamentos que se passaram por minha mente.

— Não me tortura. — sua voz mal saiu, e era tão bom saber que eu o desestabilizava tanto quanto ele o fazia. — Sabe montar a cavalo? — perguntou, enquanto colocava a camisa, e me tirava a visão dos deuses.

— Sei, mas morro de medo. — Fui sincera. — Por quê?

— Então vamos a pé — comentou simplesmente, e vi-o ir até o cavalo e puxá-lo consigo. — Para de me olhar assim!

Apenas me vi mordendo o lábio, e assim que pensei em apenas beijá-lo novamente, outro grito falando o mesmo que antes, nos acertou.

E naquele momento, eu odiava todos os peões da fazenda, e a mim mesma, por ter pedido ajuda para encontrar Franco.

E ele, o que fez? Ele riu!

Sim, Franco Esteves deu uma risadinha da forma que eu bufei para as pessoas o chamando. Mas me surpreendeu ao me

puxar levemente pela cintura e depositar um leve beijo na curva do meu pescoço, fazendo-me estremecer.

— Depois, Carolina.



“Sem culpa, sem dor, sem pressão

Deixa o amor em modo avião

Sem culpa, sem dor, sem pressão

Deixa o amor em modo avião”^[29]

CAROLINA

— Ok, mais alguém? — perguntei, digitando os nomes dos convidados na planilha que fiz exclusivamente para o aniversário de Jas.

Meus pensamentos ainda estavam tomados pelo que aconteceu mais cedo, e tentava me manter sã, depois que Franco voltou para trabalhar, após o almoço. Os olhos dele carregavam tantas promessas, que eu devo ter me engasgado umas duas vezes com a comida.

— Meus tios por parte do papai — Jas comentou. — Será que eles eu posso convidar pessoalmente?

— Eles moram perto? — indaguei, pois não tinha pesquisado a fundo os Esteves.

— Praticamente todos moram numa cidade que fica há cinco horas daqui — comentou, enquanto digitava algo no celular. E apenas pelo brilho no seu olhar, tinha certeza de que era Daiana. — Eles vivem viajando, na verdade. Tem a fazenda dos Esteves, mas quem fica realmente lá é a titia Guta. Ela se casou com o tio Ruan faz uns dois anos, ela é com quem eu mais falo.

Por um segundo, fiquei me perguntando se deveria ou não adentrar o assunto dos Esteves com Franco. Por que me parecia que os irmãos se evitavam?

— Os outros tios ou tias?

— Tem o tio Oscar, e o tio Flávio — assenti, anotando os outros nomes. — Eles raramente vêm, mas nos dois últimos anos a tia Guta veio. — já gostava daquela mulher de graça. — Eles aparecem no Natal, sempre.

— É uma data especial por aqui? — perguntei, e ela assentiu, sorrindo de lado.

Não pude parar para pensar que o Natal deixou de fazer sentido para minha família desde o momento em que vovó Regina morreu naquela data. Nunca me esqueci do dia em que Tadeu me fez perceber que por mais que nossa irmã tentasse, não podíamos esperar que ela estivesse numa ceia conosco sorrindo. Ela tentava, sempre. Mas parecia machucá-la a cada segundo.

— *Um pedaço de Verô morreu naquele dia, Carol. — ele tocou meu rosto, limpando as lágrimas. Eu estava triste, aos doze anos, porque queria muito ir às compras de uma árvore de NATAL, com Verô junto. — Sei que é difícil entender agora, mas vamos ser só nos quatro para comprar árvore, ok?*

Naquela época eu nem entendia, mas no agora, eu sabia. Ao menos, conseguia tentar entender. Felizmente, nunca tinha perdido ninguém que eu amasse daquela maneira.

— Eles prometeram para mamãe — Jas comentou simplesmente. — Papai me explicou uma vez, quando perguntei porque eles raramente apareciam, mas nunca perdiam um Natal. Foi porque eles prometeram pra minha mãe.

Tinha algo realmente complexo em toda aquela situação dos Esteves, e estava me coçando para saber mais.

— Mais alguém? — indaguei, tentando focar na lista de convidados.

— Acho que já foi todo mundo, tia.

Assenti, e salvei a planilha, passando para os outros preparativos. Meu celular tocou, e vi o contato de Verô na tela.

— Sim, rainha das nossas vidas — falei, ao atender e colocar no viva-voz.

— Posso levar vinho no jantar? — indagou, e então arregalei os olhos, minha ficha caindo, de que eles iriam ali mais tarde. — Esqueceu-se do jantar, Carolina? — a mulher conseguia entender até o meu silêncio.

— Precisam mesmo vir? — rebati, respirando fundo. — Por que realmente estamos tendo esse jantar?

— Porque seus irmãos querem conhecer Franco — falou simplesmente.

— Ok. — soltei o ar com força. — Vou fingir que não são nada ciumentos.

— Já sabe disso, então...

— Que horas vão vir? — perguntei, e pensei na janta que dona Célia me disse que teríamos hoje. — Vai ser carne de panela com batata, porque é o favorito de Jasmine — comentei, e Jas bateu palmas ao lado.

— O jantar é na sua casa, você que diz o horário, Carolina. Minha casa?

Por que as escolhas de palavras de Verônica eram sempre minimamente calculadas, então, ela não disse aquilo à toa. Pare de pensar demais, Carolina!

— Que horário vocês jantam, normalmente, Jas? — indaguei, para ela que digitava freneticamente.

— Umas 19h.

— Ok, 19h, então. — Verô falou, e eu revirei os olhos. Ela tentava não ser controladora, mas era. — Até mais tarde, Jas.

Desfiz a ligação após Jasmine falar “até”, revirando os olhos. De repente, uma grande decepção me acertou. Meus irmãos estariam para o jantar e poderiam demorar ainda mais... Quando viria o depois, que Franco prometeu?

Para quem estava resguardando tudo momentos antes, agora, eu parecia desesperada. Era como se estivesse alucinada há muito tempo por aquele toque que me atormentava.

— Então os titios novos vão vir jantar aqui hoje?

— Eles são enxeridos por natureza. — pisquei um olho e sorri para ela.

— Eu queria usar saltos igual a você — falou, pegando-me completamente de surpresa.

— Por que não me disse que queria saltos? Podíamos ter passado em alguma loja, para comprarmos alguns — indaguei, sem entender.

— É que eu... não sei andar com eles.

— Todo mundo sabe, só falta a boa e velha prática. — Levantei-me e girei nos meus.

Olhei levemente para os pés dela e notei que não pareciam tão maiores ou menores que os meus.

— Eu uso 35, e você?

— 35 também. — bati palmas. — O que vamos fazer?

— Vamos treinar andar de salto.

— Mas eu tenho aula de piano daqui a pouco — reclamou, e eu mordi o lábio, pensando. — É uma hora todinha de aula, e os titios devem chegar uma hora depois...

— Vamos fazer o seguinte — falei. — Eu ligo pro seu pai e peço para ele desmarcar a aula de piano de hoje, se ainda der tempo... só que vai ter que treinar comigo e com meus irmãos após o jantar, porque duvido que eles vão embora de cara.

— Sério? — perguntou animada. — A senhora... quer dizer, você liga pra ele?

— Torça para que ele atenda, e sua professora já não esteja a caminho...

Fiz uma careta ao lembrar-me da professora, porque era claro que ela queria muito mais que dar aulas para Jasmine. Mas também, quem poderia culpá-la? Franco Esteves era um grande gostoso.

Peguei meu celular e disquei o número de Franco, saindo de fininho de perto de Jas, indo até a geladeira e pegando uma

água. Tinha enchido a mesma com os meus iogurtes e bebidas favoritas, e aquilo realmente, me remetia a casa.

— Aconteceu algo? — a pergunta de Franco após o terceiro toque me fez quase derrubar a garrada. A voz dele... Tudo nele me deixava como uma ameba.

— Jasmine quer aprender a usar saltos para o jantar dos meus irmãos aqui hoje. — Ouvi seu suspirar do outro lado da linha. Acreditava que nem ele se lembrava daquilo. — Eu tentei negar o jantar, mas os conheço bem para saber que viriam de todo jeito. — Foi minha vez de suspirar. — Ela tem aula de piano, mas se tiver a aula, não vai dar tempo de treinar os saltos comigo, então poderia cancelar a aula de hoje? Eu e meus irmãos podemos passar a lição com ela. Verônica é incrível no piano.

— Vou mandar uma mensagem para Júlia. — fiz uma leve careta, ainda bebendo minha água.

— Parecem íntimos. — *sepá* ela realmente tinha vida própria. *Se preserva, Carolina!* — Quer dizer, ela é professora há um bom tempo da Jas?

— Há alguns anos...

— Entendi. — Guardei a água novamente na geladeira. —
A gente se vê depois, então.

— Espero que esse depois chegue logo.

Ele desfez a ligação e engoli em seco, assim como o meu ciúme. Como eu podia sentir ciúme de um homem que nem era meu?

O problema começava com F e terminava com O desde que o conheci.

FRANCO

— Patrão, tem um tal de Tadeu Reis te procurando... Diz ser o irmão mais velho da patroa.

Virei-me de relance, encarei o celular que estava guardando no bolso e vi que ainda eram seis e meia. Pelo que Carolina me mandou mensagem, eles chegariam as sete e meia.

Eu já estava me preparando para voltar para casa, justamente por aquilo.

Trouxe Lírio – meu cavalo a quem Jasmine dera o nome – e caminhei até o homem de cabelos pretos e semblante completamente fechado, que estava parado ao lado do meu capataz. Assenti para o mesmo, que logo se afastou e cheguei próximo ao homem desconhecido.

— Boa noite — falei, segurando a aba do chapéu, e o cumprimentei. — Desculpe o mau jeito, Carolina me disse que chegariam mais tarde. — Apontei para minhas mãos sujas.

— Foi proposital — falou, encarando-me por completo.

Por que eu me sentia completamente deslocado, na minha própria pele, ao notar que ele parecia me analisar?

Aquele deveria ser o tal titio de semblante mais sério que Jasmine comentou?

— Vou ser direto — falou, e respirou fundo em seguida. — Sei o que Carolina está fazendo aqui, e sei que ela é uma mulher de um coração enorme... Mas sei também o quanto é difícil para ela confiar em alguém, então... Não pense, em momento algum,

que se a magoar, não vai ter que pagar por isso. Porque eu o farei pagar, cada lágrima que ela derramar.

— O que está insinuando? — perguntei confuso. — Ela lhes contou o que realmente está acontecendo?

— Sei que não é real, mas eu sei que Carolina também é humana e tem um coração enorme para entregar. — Sua fala me acertou em cheio. — Ela não está aqui para sofrer, Esteves. Então, não pense em brincar com ela. Ela pode ser mais nova e parecer fácil de ser iludida, mas se tentar fazê-la de idiota...

— Eu jamais faria isso.

— Se a machucar, eu te destruo. — Sua voz soou tão intensa, que me coloquei no exato lugar. Carolina foi criada pelos irmãos, e aquele parecia ser o irmão homem mais velho. Ele parecia ser aquele que ela se amparou, além dos outros. — É uma promessa que não quero ter que cumprir.

— Eu entendo — falei por fim. — Faria o mesmo por Jasmine — ele assentiu e esticou a mão em minha direção. Apertei-a, ainda desconfiado, mas ele o fez decidido. — Ela não sabe que está aqui, não é?

— Deve desconfiar, pelo menos — assenti, e ele pareceu suavizar a expressão, ao se afastar.

— Já estava indo para casa, então...

— Eu sabia que você viria antes, por isso catei Murilo e vim de uma vez! — ouvi o grito que me fez desviar o olhar e encontrar o único irmão de Carolina que tinha conhecido antes, e que parecia o menos sério de todos.

— Eu acho uma palhaçada isso. — O ruivo ao seu lado falou e logo esticou a mão. — Mesmo achando ridículo, faço das palavras de Tadeu as minhas — cumprimentei-o, e assenti. — Sou Murilo Reis. — Pareceu lembrar-se de se apresentar.

— Verônica? — indaguei já me sentindo cercado por eles.

— Ela só deve vir às sete e meia, e vai fingir que a gente nem veio antes. — O mais novo falou, sorrindo. — Ela é a verdadeira educada dessa família.

— Igor — o mais velho falou, e notei a troca entre eles.

Por um segundo, senti falta de quando eu tinha tal troca com os meus irmãos. Sentia falta de poder me sentir tão próximo a Flávio, Oscar e Ruan. A gente nunca foi uma família perfeita, mas até tínhamos tentado nos manter. Porém, tudo foi ladeira abaixo

quando começamos a ficar adultos. A responsabilidade e o peso da vida adulta, fez-nos separar, quase que por completo.

Ao mesmo tempo que Jasmine foi o que me separou deles, de estar no mesmo lugar que eles, ela era o motivo de eles ainda me verem.

Assim que abri a porta de casa, com os três irmãos Reis em meu encalço, dei de cara com a minha sala de estar completamente diferente.

Tinha um tapete colocado no centro, como se fosse uma passarela. Carolina estava com uma câmara em mãos, e gritava coisas como “linda”, “sorria mais”, “vira de lado”, “por favor, senhorita Esteves”, para uma Jasmine que reparei estar em saltos, e se sentindo o centro do universo bem ali.

Ela era o meu. E de repente, era de Carolina também.

Quando o olhar azul parou no meu, ela estava quase deitada, tirando uma foto, de ângulo diferente, e notei que as fotos saíam na hora. Enquanto ela chacoalhava mais uma, e uma das músicas sul-coreanas tocavam de fundo, que eu conhecia muito bem porque minha filha às vezes as escutava por horas, notei o olhar de Carolina mudar de animado para uma careta.

— O que... — ela respirou fundo e ficou de pé. Ela veio até mim, entregou-me a câmera, como se passasse o bastão. Sua mão tocou a minha e um leve arrepio percorreu todo meu corpo, quando ela sorriu e deu um tapinha em meu peito. — Eu já volto, Jas, só vou cometer um ou três fratricídios!

Antes mesmo que os irmãos dela entrassem, vi-a fechar a porta atrás de si, e ouvi seu grito de “o que pensam que estão fazendo aqui?”. Virei-me para Jas, que estava vestida com suas roupas favoritas, que eu sabia serem, porque ela sempre me recordava quando as colocava, e deu uma voltinha no saltos.

— Como estou, papai?

— Uma princesa, como sempre. — falei, e me aproximei dela, dando um leve beijo em seus cabelos.

— Você sempre diz isso — reclamou, mas tinha um sorriso no rosto. Meu olhar parou na mesa repleta de fotos reveladas e tive que rir.

— O que vocês fizeram aqui?

— Nos divertimos — falou animada, e notei-a desequilibrar e se segurar em mim. — Ainda vou aprender, certinho, para o meu aniversário.

— Vai ficar de salto o aniversário todo?

— Não. — Fez um gesto de desdém. — Mas quero dançar assim, para ficar quase tão alta quanto você. — falou, e vi-me segurando seu braço e a girando no lugar. Ela riu, e logo veio para mim.

A gente ouviu os gritos de Carolina do outro lado da porta, e ambos olhamos na mesma direção.

— Ela sabe ser brava, né? — Jas perguntou rindo e eu assenti, conhecendo mais de Carolina.

E eu soube que mesmo que quisesse fugir, só me via indo, diretamente para ela, e querendo mais, mais e mais....



“Você podia ter caprichado menos no beijo

Devia ter pegado leve na hora de amar

Podia ter falado não, ao invés de aceito

Talvez a história da gente não tava onde tá”^[30]

CAROLINA

— Verô valeu por vocês três — falei, ao segui-los até os carros, nos quais agora se dividiram, e estariam Murilo e Igor em um, Tadeu e Verô em outro. — Ela além de chegar na hora certa, deu uma aula excepcional de piano para Jasmine.

— Ei, eu dei também! — Igor falou, e eu revirei os olhos. — E eu só vim para segurar Tadeu, caso precisasse.

— Igor! — Tadeu falou sério, e foi o único que ficou fora do carro.

A pose de bandido mau se esvaiu, quando ele me encarou e se aproximou levemente.

— Eu vi como olha para ele, Carol — falou, e quase prendi a respiração. Se já não bastasse Verônica dizendo que eu gostava de Franco, agora tinha Tadeu. O último romântico que eu esperava ver, mas o era, por completo. — Sabe que eu apenas me preocupo, certo?

— Nunca ameaçou Nero... por quê? — perguntei, sabendo que aquela velha história de amor que eu finalmente vi que não era, nunca pareceu afetar meus irmãos, não como o que acontecia agora.

— Porque nunca te vi assim. — Apontou para o sorriso em meu rosto. — E nem precisei de muito para saber. Bastou ouvir de Verô sobre você não gostar dele de cara ou a forma como lhe respondeu quando ele apareceu... — tocou levemente meus

ombros. — Eu amo a mesma pessoa desde os dezessete, Carol. Sei que é amor, quando vejo.

— E eu ainda não sei se é — falei, e senti o peso de tudo aquilo. — Eu não sei, ursinho.

— Você vai saber. — Puxou-me levemente e me abraçou. Agarrei-me a ele, e fechei os olhos. — E quando souber, se ele te machucar, eu o destruo.

— Tadeu! — falei assustada, afastando-me.

Ele então sorriu, e deu um leve beijo na minha testa.

— Ai, os Reis me emocionam tanto... — Igor falou, fingindo um fungar, e lhe dei a língua. Murilo riu ao seu lado, e sabia que como sempre, ele era o mais tranquilo de nós. — Um que se apaixona num esbarrão. Um que se apaixona na praia. Um que se apaixona na balada. Uma que apaixona na estrada.

— Igor! — falei, quase indo até o carro e batendo nele, mas Tadeu me segurou.

— Verô... — vi-o chamando minha irmã, que já estava sentada no banco do motorista, e tinha um leve sorriso no canto de sua boca. Era raro, mas tão raro, que meu coração se encheu.

Ela só o fazia, quando parecia não conter a própria felicidade. E eu via que ela geralmente era, quando se tratava da gente.

Mas e ela?

— Por favor, não se apaixona como a gente — Igor pediu e eu revirei os olhos.

— Ela pode já ter se apaixonado ou se apaixonar, seu ridículo. — falei, indo até o lado dela do motorista e sorrindo.

— Então quer dizer que está apaixonada, Carolina? — ela indagou, e eu vi que caí direto na armadilha. Neguei com a cabeça e me afastei, com o impacto daquilo.

— Ei! — falei, buscando refúgio em Tadeu, que já se sentava no banco do carona do carro com ela. — Não é sobre mim.

— Dessa vez, é tudo sobre você. — Ela piscou um olho, como se fosse simples assim.

— E da próxima será sobre você? — indaguei, e ela apenas desviou o olhar. O que não era de praxe, e por um segundo, foi como se acendesse a desconfiança em minha mente: e se Verô sempre amou alguém?

E se ela não pudesse ter vivido aquele amor?

Minha indagação morreu assim que vi os carros partindo e acenei para eles. E mesmo assim, vendo o meu lar indo embora dali, eu não me senti abandonada ou sozinha. Quando me virei, e encontrei Franco e Jasmine sentados no banco à frente da casa, a uma distância grande dali, vi meu coração errar uma batida.

E se...

E então, a cada passo que eu dava, o olhar dele parecia desvendar mais do meu.

E se...

E se eu tivesse me apaixonado de verdade por ele?

Fugi do seu olhar e tentei fugir das palavras de Tadeu. Meu olhar parou em Jasmine já quase dormindo sobre o colo dele, e sorri.

— Tem alguém que se cansou — falei e vi-me ajudando-a a levantar. — Vamos dormir, mocinha?

— Os titios gostaram da gente, né?

— É claro que sim! — respondi assim que ela se levantou e senti o olhar de Franco nos acompanhar. — Quem seria louco de não o fazer?

— Bom, tem algumas pessoas... — deu de ombros, e sabia que falava dos tios paternos e maternos.

— Eles, às vezes, só não sabem demonstrar.

Tentei descontraí-la, e ajudei-a a tirar os saltos, quando adentramos a casa. Ela parecia realmente cansada, tanto que quando chegamos ao seu quarto, praticamente desabou na cama. Apenas joguei o edredom sobre ela, que grudou no travesseiro.

— Boa noite, pequena — falei, e notei o sorrisinho no canto de sua boca.

— Boa noite, tia Barbie.

Beijei sua testa, e fechei a porta do quarto com cuidado. Assim que respirei fundo já no corredor, meu olhar parecia saber exatamente onde ele estava. Fui em direção ao andar de baixo, e eu poderia jurar que ele estaria lá, sentado ainda do lado de fora, me esperando.

Mas minha mente estava gritando. E pela primeira vez, depois de tudo que aconteceu, meu coração se apertou. Talvez porque eu finalmente conseguia ver o que me negava a acreditar. Que eu gostava dele... E talvez algo mais. E se eu fosse para a

cama com ele, poderia ser que tudo aquilo se tornasse um desastre.

Eu poderia realmente me apaixonar

Mais do que já está? Neguei a minha própria mente.

Quando pensei em apenas correr para o quarto que era meu e me esconder, ouvi seus passos na escada, e fiquei apenas parada ali, no corredor, esperando.

Como se eu tivesse esperado a vida toda por aquilo.

E quando seu olhar parou no meu, engoli em seco, e senti meu corpo todo gritar pelo seu toque. Cada parte que quis negar, se desligando. Porque quando a gente se olhava assim, desde aquele primeiro momento, eu soube – eu o queria.

E mesmo que não fosse meu de fato. Eu o queria como meu, na sua cama. Que fosse meu o quanto pudesse.

Dei passos para trás, até que cheguei contra a porta do seu quarto, e ele caminhou lentamente, como um bom predador. Seu olhar desceu para o meu e sua boca pairou na minha. Seus braços do lado do meu corpo, e as respirações pesadas.

Pensei em mil coisas para falar. Pensei em dezenas de maneiras de fugir. Mas bastou sua mão tocar meu rosto, e trazer-

me mais para si, que todas elas se dissiparam.

— Depois... — assenti, e senti sua boca vir para a minha.

Sabia que o depois finalmente havia chegado, e nada fazia mais sentido do que aquela boca que eu mataria para chamar de minha.



“Estou enlouquecendo agora, fora de controle

Passando a noite acordado mais uma vez

No momento em que fecho meus olhos

Tudo que vejo são luzes vermelhas”^[31]

CAROLINA

Roupas sendo jogadas para longe. Pele contra pele.
Respirações pesadas eram o único barulho dentro daquele quarto.

Senti-me sendo depositada na cama, e sua boca buscou a minha, enquanto suas mãos se espalharam sobre minha barriga e seios, fazendo-me segurar um gemido alto. Cada parte do meu corpo estava implorando pelo dele, e eu não tinha ideia se em qualquer outro momento me senti tão domada assim.

Era como se ele comandasse cada passo que eu daria, ao mesmo tempo, que minhas mãos controlavam cada arfar e gemido baixo que eu engolia ao beijá-lo.

— Não devíamos... — sussurrou, uma de suas mãos segurando as minhas no alto da cabeça, me obrigando a respirar fundo e encará-lo. — Eu te quero, mas te quero inteira.

— Franco... — sua voz saiu como um clamor, porque a forma como ele falava, poderia me fazer implorar.

— O quê? — indagou, sua boca pairando sobre a minha.

— Não posso raciocinar o que quer que seja agora. — admiti, e forcei-me a soltar de sua mão, levando-as para o seu pescoço, e prendendo-o com as pernas. Girei-nos na cama, e assim que fiquei sobre ele, notei a surpresa em seu olhar.

A visão que eu tinha, sentada sobre ele agora, completamente nu a meu dispor, fez todo meu corpo, também nu,

parecer a ponto de desmanchar apenas pela visão.

— Se ainda está pensando sobre alguma coisa, é porque estou fazendo algo errado — sussurrei, e mordi seu lábio inferior, castigando-o por aquilo. — Mas eu sinto o mesmo... — levei minha mão ao seu peito, e trouxe uma das suas para o meu, sobre meu coração. — Te quero inteiro, só para mim.

Falar aquilo, pareceu me deixar tão exposta quanto meu corpo estava, contudo o olhar intenso e o leve sorriso que se abriram em seu rosto me deram a certeza de que poderia confiar.

E eu confiava não só o meu corpo a Franco Esteves naquele momento, eu confiava tudo de mim. Cada parte que eu escondi. Cada parte da qual eu me orgulhava. Cada parte do passado. Cada parte do futuro que viria. Quando seus lábios vieram para os meus, e ele me posicionou perfeitamente sobre si, gemi em sua língua, e me agarrei ao seu peito, marcando-o.

— Eu quero te adorar por horas, mas agora...

— Só quero te montar do jeito que imaginei desde que coloquei meus olhos em você — falei, e me posicionei melhor sobre ele, descendo levemente. O gemido alto veio, e sua mão tampou minha boca, no primeiro instante, fazendo o prazer

apenas aumentar. A forma rude como ele me tocava, com a fome que seu olhar tinha sobre o meu corpo. Ao mesmo tempo que parecia o dono da situação e se desfazia em um gemido rouco quando me sentei por completo sobre ele.

Fechei os olhos tamanha a conexão, e senti-o me encarar profundamente. Ele então se moveu, ficando sentado, fazendo-me senti-lo ainda mais fundo, e me deu alguns segundos para me acostumar. Quando eu gemi com a primeira rebolada sobre ele, uma das mãos veio para a minha nuca, puxando os cabelos ali, e expondo meu pescoço. A outra mão estava em minha boca, a qual eu mordida para evitar os gemidos altos. Então eu não sabia mais onde ele começava, e eu terminava. Não me importava como chegamos exatamente ali, ou o que faríamos a seguir. Só importava cada gota de suor que via descer por seu corpo, e a forma como sua boca parecia querer marcar cada parte de mim.

E se eu precisava de qualquer outra confirmação de que eu gostava dele ou não, ela estava ali. Na forma como me entreguei, como nunca antes. Na forma como ele me tocou, como nenhum outro fez. Por mais que eu não quisesse me iludir ou acreditar em um amor que inventasse, a boca dele na minha dizia outra história.

Era real.

Era o sentimento pulsando em cada parte do meu ser.

Era o ato carnal que parecia me transcender. Era a forma como seu simples suspiro me fazia quase desmanchar. Era a sua voz me desestabilizando por inteira. Era o silêncio em que tudo se transformava, apenas por estar ali, com ele.

Sempre esperei os fogos de artifícios explodindo ao redor quando me apaixonasse, mas o que encontrei, fora da bagunça que nós dois fazíamos um com o outro, era o silêncio. Uma paz tão grande que ia de encontro com a desordem que éramos de toques, arranhões, chupões, beijos e apertões.

E soube ali, que eu conseguia escutar no silêncio...

Eu estava apaixonada por Franco Esteves.

Acordei com leves beijos nas costas, e me mexi sem vontade alguma na cama. O cheiro de baunilha nos lençóis me fez ter certeza de que não era mais um sonho no meio da noite

com aquele homem, assim como, a dor gostosa alastrada por cada parte do meu corpo.

— Homem, está mesmo querendo a quarta vez? — indaguei, e ouvi seu sorriso contra a minha pele. — É um cowboy ou uma máquina?

Senti-o me virar na cama, e logo seus lábios encontraram os meus dando um beijo que me fez repensar se eu não poderia querer outra rodada também. Gemi em frustração quando ele se afastou, e notei que alguns raios solares já adentravam as janelas. Passei meu olhar para ele, já vestido em sua roupa que eu deveria cortar ou tacar fogo, porque todas pareciam bonitas demais em cada limite do seu corpo.

Desde quando eu sentia ciúmes de tal forma? Não sabia. Mas parecia natural quando se tratava dele.

— Tenho que ir trabalhar. — falou, e tocou levemente meu rosto. — A gente pode conversar depois.

Notei a fragilidade em seu olhar, e vi-me lhe dando um beijo casto, mas repleto do sentimento que me invadia.

— A gente sempre pode conversar, Franco. — Sorri, sem conseguir me conter. — É como se eu visse as engrenagens na

sua cabeça quase pifando...

Ele negou com a cabeça, e notei como estava exposto.

— É a primeira pessoa que parece me ler tão bem — admitiu, e fiquei ainda mais tocada.

— Não foi só uma noite, eu sei. — falei, e senti sua respiração de alívio. — Achou mesmo que eu ia...

— Papai!

O grito me fez arregalar os olhos, e Franco praticamente me enrolou no lençol, enquanto eu me jogava para debaixo da cama e me escondia ali. Ouvi a porta sendo aberta, e puxei parte do lençol preto que caía, e rezei para que Jasmine ainda estivesse em seu mau humor matinal.

— Jas?

— Bom dia, papai. — falou, e notei seu tom claramente desanimado de manhã. — Você viu a tia Barbie?

— Ela... — Franco pareceu quase gaguejar e limpou a garganta em seguida. Vi-me levando a mão à boca e a mordendo para não rir alto, da forma que queria. — Ela deve ter ido correr.

— Mas ainda nem são seis e meia. — Jas reclamou e eu estava me segurando ao fundo. — Queria ter o bom humor

matinal dela.

Senti a cama afundar acima de mim, e entrei em um pouco de desespero.

— Por que acordou tão cedo? — Franco indagou, e eu jurava que ele deveria estar quase tendo uma síncope ali.

— Eu ia tentar correr com ela. — acabei sorrindo de lado, ao imaginar Jas pensando em mim. — Mas agora... — ela deu um pulo da cama, levantando-se da mesma, e segurei o gemido pelo susto. — Agora eu vou voltar a dormir.

— Bons sonhos, pequena.

A porta se fechou, vi-me sendo puxada pelo lençol, e segurei a gargalhada que veio com força. Eu estava enrolada em um lençol preto, no chão do quarto do homem que dias atrás parecia me detestar, e ele parecia sem cor no rosto, mas quase gargalhando como eu.

— A gente tá fodido — falei, e ele se abaixou, para me pegar no colo e eu me ajeitei, antes que me depositasse na cama. — *Vamos* ver o que vai dar?

Ele pareceu entender a pergunta, e assentiu, dando um leve beijo em meus lábios, colocando-me com cuidado na cama.

Sabia que por mais que estivéssemos gritando o nome um do outro, e a conversa entre nós e entre nossos corpos fosse fácil, a realidade era que teríamos que ter cuidado. Vínhamos de uma mentira para salvar a guarda da filha dele, a quem me negava a magoar de qualquer forma, caso Franco e eu fôssemos algo para não durar.

Apenas tal pensamento fez um sentimento ruim atingir meu peito. Pensar que aquele toque no meu rosto, não pudesse ser o certo, me aterrorizou. Como se ele me lesse, seus lábios vieram para os meus, e calaram meus medos. E por alguns segundos, tudo pareceu exatamente bem.



“Você tirou uma foto de nós dois
E então descobriu (então descobriu)
Que o resto do mundo era preto e branco
Mas nós tínhamos cores vivas”^[32]

FRANCO

Era normal se sentir vivo daquela forma?

Sorri para o nada, o que raramente fazia, mas não conseguia evitar.

Suspirei fundo, encarando os cavalos, e indo até Lírío e fazendo-lhe um leve carinho.

— É, garoto, tô lascado. — admiti, e ele relinchou, como se pudesse me entender.

Minha mente se perdendo para o dia anterior, e em toda a retrospectiva do que Carolina Reis significava em minha vida. Agora eu entendia porque a afastei tão veementemente à primeira vista. Não porque ela me recordava o povo que temia. Não era por aquilo. Era pelo meu coração que errou uma batida quando a vi e tentei enganar a mim mesmo.

E agora eu estava ali, perdido e pensando sobre ela. Estava quase na hora do almoço e meu corpo todo já queria seguir para casa, para encontrá-la. Seria natural desejar que ela estivesse lá, todos os dias? Que ela estivesse lá por mim?

Sabia do porquê de ela começar a estar conosco, ou melhor, com Jasmine. Mas como me culparia pela forma que ela me fazia sentir? O que ninguém fez, e que eu não esperava, não depois de ter perdido tanto. Não acreditando que algo amoroso pudesse surgir de tal forma.

Mas depois de tantas camas quentes, com ela, a cama pareceu de fato um lugar para bagunçar e querer descansar. Um lugar para se adorar alguém.

— Você tá sorrindo mais pro cavalo do que já sorriu para mim.

Aquela voz...

Virei-me, o sorriso permaneceu em meu rosto, e vi o olhar esperto me tomar. Ela era tão bonita. Diacho, tudo nela era tão lindo que me deixava sem fala! Contudo, ainda mais, pela personalidade forte e sincera que ela demonstrava. Carolina e eu poderíamos ter todas as diferenças possíveis, mas encontrava nela alguém semelhante, pela forma como era decidida.

— O que faz aqui? — indaguei, quando ela se aproximava cauleosamente, pelos saltos altos das botas rosas. E aquilo poderia parecer gritante, mas era tão ela, que a fazia única para mim.

— Bom, usei a desculpa de te chamar para almoçar...

Assim que ela já estava bem próxima, vi-me passando um braço por sua cintura e trazendo-a para mim. Minha boca foi para a dela, e senti seu corpo todo se derreter sobre o meu. A forma

como ela correspondia o meu toque, e a forma como o seu toque me tinha em suas mãos... Ela era um encontro que eu jamais imaginei que o destino me daria.

Afastei-me a contragosto, para podermos respirar, e passei as mãos por seus cabelos loiros um pouco revoltos. Estavam lisos naquele dia, e eu não tinha ideia do que mais combinava com ela. Tudo parecia combinar. Eu combinava com ela?

Notei seus cabelos um pouco quentes, e ela fez uma careta.

— Esqueci-me de comprar um chapéu desses — comentou, como se me lesse perfeitamente. E ela o fazia, o que me assustava para um caralho.

Vi-me tirando o meu e colocando nela. Assim como fiz naquele outro dia. Ela não sabia, mas a única pessoa que já o usou antes foi Jasmine. Aquele acessório era muito mais do que aquilo, significava o elo de união que restava com meus irmãos. E foi o primeiro presente que ganhei, quando adolescente.

— Deveria ficar grande, não é?

— Não porque está com a dona dele. — A resposta saiu tão fácil, que me vi culpando-a por estar tão aberto naquele dia.

Os olhos de Carolina brilharam e era como se ela entendesse.

— Então, eu sou dona do chapéu favorito... — falou e passou os braços ao redor do meu pescoço. — Estou perto de ser dona do peão? — sorriu lindamente, e vi-me dando um leve beijo em seu nariz.

— Como quiser, madame.

Ela riu alto e bateu em meu peito.

— O pior apelido que já recebi. — Provocou, e eu não conseguia me afastar de seu corpo. — Se eu soubesse que bastava te dar um chá para que se tornasse um romântico...

Fiquei encarando-a, sem entender de fato o que queria dizer. Era claro que ela estava brincando com a minha cara, e pareceu ainda mais engraçado quando não entendi. Ela gargalhou alto, e apenas me beijou novamente.

— Te conto depois...

— Eu gostei do nosso depois... — falei entre os nossos beijos.

— Você é um safado, Franco Esteves. — Provocou, mordendo meu lábio inferior. — Mas eu sabia que era, assim que

coloquei os olhos em você.

— É?

Puxei-a para cima, para que circulasse minha cintura com os pés. Ela gemeu baixinho e eu sorri, pela forma como seu corpo correspondia ao meu de imediato.

— Eu sou o safado?

— Eu sou um anjinho. — Rebateu, e se acomodou melhor sobre meu corpo, fazendo-me segurá-la com força na cintura. — Só vim chamar para o almoço.

Puxei-a para outro beijo, e só pensava em levá-la para o quartinho que tinha nos fundos e perder a noção de tudo ao redor.

— Franco? — o chamado me fez paralisar com Carolina no colo, que arregalou os olhos e estremeceu. Virei-me, e então encontrei Augusta. Mas o que... — Jasmine, eu...

Neguei veementemente com a cabeça, e vi Carolina praticamente pular do meu colo, para sair dali, antes que Jasmine nos flagrasse. Contudo, ela me deu um último beijo, antes de correr.

— Eu acho que eles devem ter ido em direção ao lago. — Augusta falou, e notei-a fazendo um sinal com a mão. Carolina

parou no meio do caminho, enquanto Augusta adentrava os estábulos. — O que... Eu fiz certo em despistá-la? Por que está escondendo... — seu olhar parou em Carolina. — Ela? Oi, prazer, sou Augusta Este... quer dizer, Augusta Bernardes.

— Jasmine falou de você, ela te adora — Carolina falou, arrumando os cabelos claramente sem jeito, e me segurei para não rir da mesma. Porém, quando encarei Guta, sabia que algo não estava certo. — Eu ia te ligar hoje, para confirmar o convite pro aniversário da Jas.

— Ela me ligou hoje cedo — falou, e suspirou fundo, seu olhar parando no meu. — Foi como se ela soubesse, Franco.

— O que foi, Guta? — indaguei, e vi-a negar com a cabeça, e segurar as lágrimas. — O que Ruan fez?

— O que ele não fez, melhor dizendo — suspirou fundo e se abraçou, como se tentando se proteger. — Eu só preciso de um tempo longe dele...

Troquei um breve olhar com Carolina, que pareceu entender e se afastou, dizendo que ia encontrar Jasmine. Assim que ela saiu, notei Guta quase desabar, e fui até ela, segurando-a, e ela se agarrou ao meu abraço.

— Eu o deixei, Franco — admitiu, e aquilo me pegou completamente desprevenido. — Eu cansei.

Diacho!

CAROLINA

— Tia Guta pode ficar no meu quarto hoje? — Jasmine perguntou animada, e parecia notar que a tia realmente precisava daquilo. Eu não sabia ao fundo o que aconteceu, mas era óbvio que aquela mulher, que deveria ter a minha idade ou um pouco menos, estava exausta.

— Eu sempre fico no seu quarto, lembra?

Aquela resposta de Augusta me fez pensar nas vezes que o irmão de Franco estivera ali. Ele nunca dormia com ela? Pelos céus, alguém mata a curiosidade da fanfiqueira! Vi-me quase implorando com o olhar para saber.

Senti um leve carinho contra minha perna, e meu olhar parou no de Franco, que parecia compenetrado em sua taça de vinho. Talvez ele soubesse que eu precisava me acalmar ou tinha uma interrogação na minha testa.

Eu achava que aquele almoço pós-primeira noite com Franco seria estranho, mas não o era por nós dois. Nós dois parecíamos estar tentando o que quer que fosse aquilo. Porém, era estranho porque a cunhada dele surgiu do nada, e parecia angustiada, e eu estava no desespero de querer ajudar, mas sem saber como.

O celular de Jasmine tocou e notei o brilho no seu olhar. Quando ela me deu uma olhadinha, como se pedindo permissão, fiz que sim com a cabeça, e ela subiu correndo as escadas.

— Com certeza é Daiana — falei, e Franco assentiu, olhando-me.

— Ela me disse era tutora dela... — assenti levemente. — De mentira... — complementou e vi-me pegando a taça de Franco e trazendo à minha boca.

— Bom, foi por ela que entrei nessa — assumi, falando baixo. — Mas eu tô querendo ele, desde a hora que o vi. — fui

honestas, e senti um leve aperto da mão de Franco na minha coxa, sob a mesa. Ri de lado e o encarei. — Vou culpar o vinho que nem tomei por isso. — brinquei, e Augusta finalmente pareceu sorrir verdadeiramente, desde que a vi chegar.

— Então Jas ainda não sabe que pode ser real? — indagou, e vi Franco assentir, assim como eu. — Fico feliz, mesmo — ela comentou, olhando para nós dois. — Pâmela também ficaria — falou, e me pegou completamente desprevenida. — Ela era minha prima.

Assenti, ainda um tanto perdida.

— Franco disse que vai ficar quanto tempo quiser, então... se quiser ajudar na festa da Jas, ela vai amar. — falei, tentando tornar aquilo menos estranho, e ela assentiu, parecendo um pouco mais animada.

O celular de Franco tocou, e não pude deixar de fuxicar com o rabo de olho e vi o nome de Ruan – seu irmão mais velho.

— Franco...

Ele apenas negou com a cabeça e se levantou, apertando o ombro de Augusta, que parecia agradecer silenciosamente.

— Eu não devia estar aqui. — Olhei-a, notando seu desespero crescente. — Eu não posso ser a causa de que eles briguem mais ou que Franco minta.

— Seja lá o que aconteceu com eles, ou com você e o irmão dele agora, por que ele não te ajudaria? — perguntei, e ela pareceu sem resposta. — Mentiras são necessárias, às vezes — falei o que Verô me dissera, quando ainda era muito jovem, e comecei a desconfiar que ela me escondia coisas. Depois de um tempo, descobri que todos os meus irmãos o fizeram – tudo para me proteger.

Apertei levemente sua mão sobre a mesa, e senti um leve pesar por ela. Claramente perdida e sem rumo, bem ali. Levantei-me e segui até onde Franco estava, do lado de fora. Ele já tinha o celular apenas em mãos e suspirou fundo.

Vi-me o abraçando pelas costas, e senti-o ceder um pouco.

— Sua família é complicada? — perguntou, e ri ao encostar minha cabeça contra suas costas.

— Complicação deveria ser o nosso sobrenome, não Reis — falei, e senti-o me virar e puxar-me novamente, só que para seu peito. — A sua também?

Ele assentiu, passando as mãos por minhas costas.

— Pois agora vai ter que se esforçar para eu te largar, porque eu amo confusões — confessei, e ele apenas levantou meu queixo, para olhá-lo.

— Obrigado por estar aqui.

Mesmo sem entender, eu sorri, e senti seus lábios sobre os meus. Ele não precisou dizer, mas eu sabia que teríamos uma conversa sobre aquela bagunça, logo mais.



“Espere pelo sinal e te encontrarei depois que escurecer

Me mostre os lugares onde os outros te deixaram com cicatrizes”[\[33\]](#)

CAROLINA

Meu celular vibrou, e o encarei, enquanto procurava Franco do lado de fora da casa. Jasmine estava empolgada em uma noite de filmes com a tia, e senti que ela estava basicamente me empurrando para o pai. No caso, talvez só quisesse ter um momento a sós com a tia. Eu não deveria pensar demais sobre, e

nem imaginar que ela desconfiava que algo tivesse acontecido.

Por que ela desconfiaria?

Não olhei o visor e levei o aparelho à orelha.

— Carolina Reis.

— Finalmente... — quase soltei um palavrão ao ouvir a voz do outro lado da linha. — Sabe há quanto tempo estou tentando te encontrar, Carolina?

— Boa noite para você também, senhora Lopes. — revirei os olhos, e vi-me refazendo meu caminho, pela pouca iluminação até o lago. *Aquele lago*. Como Franco conseguia desaparecer na própria fazenda durante o trabalho? — Em que posso ajudá-la?

— Eu não recebi notícias do seu casamento, então acredito que...

— Esse não é o momento, mas... — suspirei fundo — Vamos ter que reincidir esse contrato — falei, poderia jurar que a mulher caiu dura do outro lado da linha. Devido ao silêncio e concentrei-me apenas em andar, e tentar, ao menos, encontrar seu cavalo. A noite ali era tão silenciosa, que não sabia dizer como, mesmo acostumada com todo barulho da cidade grande, eu me sentia em casa ali.. — Senhora Lopes?

Assim que cheguei mais próxima, finalmente tive o vislumbre do corpo do homem que parecia ter esquecido que tinha celular naquela hora. Eu o estava procurando desde que Jasmine gentilmente me dispensou. Ri só de lembrar-me do seu jeitinho para fazê-lo.

— Senhora Lopes, se não vai dizer nada, acho que...

A ligação foi desfeita do outro lado da linha e não sabia se ficava aliviada ou preocupada pela reação da mulher. Vi-me mandando uma mensagem para Nero, avisando que sua mãe me ligou, mas quando avisei do contrato, ela apenas desligou. Bom, eu faria a minha parte de desfazer aquilo, ele que lidasse com o emocional da mãe interessada.

Fiz um barulho com a garganta, e finalmente ele me notou. Tinha a visão de Franco encostado contra uma árvore, e o seu chapéu colocado sobre a mata ao lado.

— Estava me perguntando quanto tempo levaria para me encontrar. — falou baixo, e eu dei de ombros.

Senti o cheiro de cigarro, bem de leve, mas eu conseguia reconhecer.

— Por que está nervoso? — perguntei, aproximando-me dele, e senti seus braços ao meu redor.

— Por que acha que eu estou nervoso? — rebateu, e levei minha mão à sua boca.

— O cheiro de cigarro. — Ele negou com a cabeça, como se inconformado.

— Nada te passa despercebido? — foi minha vez de negar.

— Eu consegui descobrir isso da pessoa mais misteriosa que qualquer um vai conhecer — falei, lembrando-me de Verô. — E ela só o faz quando está preocupada ou nervosa com algo.

— Nesse momento queria estar preocupado com o fato de estar gostando tanto disso. — falou, e tocou meu rosto, e não pude evitar a conexão. — Mas estou mesmo é com o fato de que Guta está aqui, o que quer dizer que a qualquer momento o drama dos Esteves vai estourar. E isso também pode te afetar. — por aquela eu não esperava.

— Pâmela entra onde nisso? — não pude evitar perguntar, e ele respirou fundo. — Não sei por que, mas minha intuição grita que tem algo aí.

— Como Jas já deve ter te contado, somos em quatro — Juan, o mais velho, depois Oscar, eu e Flávio — assenti, lembrando-me do que ela me contou. — Não sou bom como você, dando detalhes, mas encurtando a história, Juan acha que roubei a vida dele. Foi o grande motivo de a gente ter se distanciado.

— Espera...

— Ruan queria Pâmela, mas... ela me queria — falou, meio sem jeito. — Quando a gente ficou junto pela primeira vez, eu não tinha ideia de que ela era a moça rica de quem ele gostava. Ruan nunca foi aberto sobre nada, então... — deu de ombros. — A gente continuou se encontrando algumas vezes, até que Pâmela engravidou, e quando ela conseguiu me encontrar, quando a família quase a deserdou pela gravidez, descobriu que eu era um Esteves.

— Cacete! — falei, inconformada. — Então...

— Então a bomba explodiu. Descobri que a mulher que engravidei era a mulher que meu irmão, que era meu exemplo e tudo mais, queria. E eu não podia deixá-la sozinha, ela tinha acabado de ser deixada pela família... Só que eu era só um peão, os Esteves nunca tiveram *nada*, fazenda ou algo assim... Ruan era quem fazia de tudo para que isso acontecesse — suspirou

fundo, lembrando. — Foi quando ele simplesmente tentou fazer negócios com os Toledo, que ele assumiria o filho que Pâmela esperava e se casaria com ela... Só que quando ele fez isso, e eles aceitaram, quer dizer, parte deles, Pâmela me trouxe aqui. — Apontou ao redor. — Essa fazenda era a herança dela, do avô. Ela disse que a gente podia começar uma vida aqui, e tentarmos ser bons pais. Quando os Toledo e Ruan descobriram, foi outro caos. Ela se negou a casar com ele e todo o resto, e eu fiquei inconformado pelo fato de que Ruan achou tão simples negociar o meu filho... — eu o olhava inconformada. — A gente nunca se falou direito depois disso, e meus outros irmãos fizeram como eu, tentaram apenas ir cada um para o seu lado...

— Pâmela e você começaram do zero, aqui... — respirei fundo e finalmente entendi. — Agora eu sei por que luta tanto por esse lugar, para que Jasmine fique com ele.

— Era o que ela queria. — falou, e seu semblante era triste. — Pâmela parecia saber, antes de qualquer um, que deixaria algo para Jasmine. Talvez porque ela conhecia a própria família e tinha medo de tirarem tudo, e por saber que eu não tinha ideia do que fazer contra eles — assenti, e senti seu aperto contra o meu corpo aumentar.

— E onde eu entro nisso? — perguntei, lembrando-me de seu aviso.

— Sei que acha impicante ressaltar isso, mas você é jovem, Carolina. — olhei-o revoltada. — Não faz esse bico. — Apertou meu rosto, e eu revirei os olhos. — Eu não sou apenas um, sou dois. Quando me leva consigo, leva Jasmine junto. E tem toda uma história familiar por trás, dos Toledo que você está me ajudando, e dos próprios Esteves... Não posso te pedir para querer tentar algo comigo, sem avisar isso.

— Primeiro de tudo — falei, tocando seu rosto. — Eu escolhi Jasmine primeiro, depois você. — Ri de lado, da sua expressão que suavizou. — E segundo, se eu parar e te contar a zona que são os Reis, você que vai sair correndo... — ele me olhou desconcertado. — Sério, eu sei que está me avisando, mas não precisa, não quando a gente é tão honesto um com o outro. E eu já procurei tantas vezes me sentir assim com alguém, que agora... — suspirei fundo. — Eu nunca encontrei o que procurava, Franco. Não até o destino me entregar você — assumi. — Pode ser que eu seja emocionada como todos os meus irmãos, ou pode ser que eu tenha perdido a cabeça, mas eu gosto de você... — admiti, e ele me encarou profundamente. — Gosto de um jeito

que pensei que esperaria a vida toda e nunca aconteceria. E se não for o momento para começarmos algo, eu vou entender. Você pensa por dois, e eu respeito isso. Mas saiba que em nenhum momento, estive brincando com você, ou com Jas... Eu a amo, Franco. — falei, deixando meu peito aliviado por colocar para fora. — Mesmo que a gente estrague tudo, eu vou continuar amando ela, e querendo estar perto.

— Carolina... — ele apareceu completamente chocado diante das palavras. — Eu nem sei o que dizer.

— Só me dizer que tem algum lugar, aí no fundo, disponível para mim — falei, e toquei sobre o seu peito.

— Não está no fundo, amor — fiquei inerte com as palavras. — Está na superfície, vibrando. — cobriu minha mão com a sua, e olhou ao redor. — Por isso estou aqui... — indicou o lago e vi-me sorrindo — Estar aqui, agora, me faz pensar em você.

— Se me chamar de amor de novo, eu não respondo por mim. — Adiantei-me e ele me entregou o sorriso que eu tanto mataria para ter. — E para de sorrir desse jeito, que me faz perder a pose de patricinha insensível.

— Você tirou a minha pose de cowboy frio e bruto. — Seus lábios chegaram próximos aos meus.

— Gosto de você todo bruto. — Ele então deu uma risada alta, e me puxou para um beijo.

Logo passei minhas pernas ao redor da sua cintura, e ele se sentou comigo ali, sobre o seu corpo. A gente parecia ter nascido para estar exatamente assim. No colo dele, eu não sentia apenas prazer, tesão e desejo. Eu sentia muito mais.

Um mais que eu descobriria com ele, em meio a toda aquela bagunça. E eu nunca disse que gostava de algo organizado.



“Pessoas começaram a falar nos testando

E eu sabia que ninguém no mundo poderia levá-lo

Eu tive um mau pressentimento”^[34]

CAROLINA

— Então já temos muitas coisas... — falei sorrindo, para Daniela e Jasmine, que já estavam com seus sorvetes. — Não quer mesmo comer nada, Augusta?

— Pode me chamar de Guta, lembra? — indagou e Jasmine riu, como se me visse fazendo o mesmo que ela.

— Vou me acostumar, prometo. — Sorri para a mesma.

Já tinham se passado duas semanas que ela estava na casa de Franco. No caso, também fazia duas semanas desde que eu e ele acabamos nos rendendo à atração que sentíamos. E ao mais que ambos ainda tentávamos entender.

Minha mente gritava: você está apaixonada. E meu coração batia na mesma frequência, contudo, minha boca, pela primeira vez, parecia sem vida própria. Eu nunca tinha dito tais palavras a alguém. Como o faria? Como era se sentir exposta assim?

As únicas pessoas às quais já tinha dito palavras tão profundas foram meus irmãos. Eu não tinha amigas ou pessoas próximas, fora eles. Tirando minhas cunhadas agora, não existia mais ninguém. Era um dos fatos que era tão parecida com ele. Ele se escondia e se mantinha distante e sem confiar. Eu me expunha e estava próxima de muitas pessoas, mas não confiava. Algo, sempre, parecia nos tornar parecidos.

— Tia Carol. — Olhei para Dani, após começar a comer o sorvete. — Quando a senhora vai me dar um priminho também?

Quase engasguei com o sorvete, e ela compartilhou um breve olhar com Jasmine. Elas tinham uns quatro anos de diferença de idade, mas pareciam conseguir conversar perfeitamente daquela maneira.

— De onde surgiu isso? — perguntei, notando Augusta sorrindo da cena. Não pude deixar de corar, porque ela deveria ter interligado as minhas fugidas para o quarto de Franco toda madrugada. Às vezes ela me pegava no meio do corredor, e apenas sorria.

Ao menos, ela estando dormindo com Jas, evitava que a mesma aparecesse no quarto dele tão cedo como daquela primeira vez.

— Bom, todos os titios já me deram priminhos, tirando a tia Verô e você. — Olhei-a como se incapaz de raciocinar de tal forma. — Eu até tenho um irmão agora.

— E vai ter que esperar para ter algum primo vindo de mim. — avisei, focando no meu sorvete. — Não me imagino grávida agora. — Pisquei um olho para a mesma, que pareceu insatisfeita, mas voltou ao sorvete.

— Você seria uma ótima mãe, tia. — a voz de Jas me pegou desprevenida e senti o peso de suas palavras sobre mim. Não pude evitar levar minha mão ao seu rosto e apertar seu queixo em seguida. Como tinha se tornado um gesto tão natural entre a gente.

Meu celular vibrou e encarei o visor, tomando mais cuidado, ao lembrar da cilada que foi atender sem olhar e ser Gabriela Lopes. Porém, não muito longe dela, no caso, porque era Nero no telefone.

— O que houve? — indaguei, porque não me recordava de ele ter me ligado qualquer outra vez.

— Minha mãe descobriu que está no interior e parece que foi na fazenda do Franco. — Quase soltei um palavrão e larguei o sorvete. — Onde está? Precisamos encontrá-la e dar um jeito nisso, de uma vez.

— Eu estou no centro...

— Eu posso passar aí agora e te pegar, para irmos para lá.

— Ok — falei por fim, e voltei meu olhar para as três mulheres à minha frente. — Estou na sorveteria bem na rua central, e te espero aqui.

Ele apenas desligou e eu aguardei.

— Aconteceu algo?

— Não se eu puder evitar — falei, e fiquei revivendo na minha mente.

E se ela aparecesse na frente de Franco e dissesse a ele que eu tinha um contrato de casamento com o filho dela? *Putá merda!* Eu sequer tinha tocado naquele assunto, porque não me era realmente importante. Não parecia tão importante, até aquele exato instante. *Merda!*

— Tia Verô! — o grito animado de Dani me tirou do torpor, e me vi levantando o olhar e encontrando minha irmã, como um passe de mágica.

— Verô...

— Eu acabei de saber — Olhei-a incrédula. — Temos que correr. — Olhei para trás dela, onde Gael Fontes estava, e tentei ligar um mais um, mas parecia impossível.

— Nero vai passar para me pegar aqui — avisei, mas já me levantei. — Guta, preciso que fique com elas, eu volto logo!

— Mas Carol...

— Por favor — pedi, e engoli em seco.

— Gael — Ouvi a voz de minha irmã, e vi-a apenas fazendo um sinal para ele, que se aproximou. — Pode ficar com elas até voltarmos?

Ele não pareceu gostar muito da ideia, mas assentiu. Era como se não pudesse negar nada a Verônica e aquilo me assustou. Ela apenas fez uma aceno para Guta, que parecia perdida em tudo aquilo.

— Prometo te contar depois — avisei, e ela parecia realmente nervosa. — Não é nada demais, mas...

— Tia Barbie? — olhei de relance para Jasmine. — Eu cuido delas.

Sorri, sem poder evitar e lhe dei um beijo na testa.

— Eu sei que cuida, pequena. Já volto.

Afastei-me a contragosto e segui Verô que já tinha entrado no carro. Mandeí uma mensagem para Nero, avisando que já estava a caminho e que ele podia ir direto.

— Eu não vou começar um sermão sobre o quão errado foi ter assinado esses papéis quando tinha dezoito anos. — Verônica falou, assim que deu a partida. — Mas espero que se lembre, de nunca mais, fazer algo assim.

— Eu sei que errei — admiti, e me senti péssima. — Mas nunca tive medo disso, porque sei que pode ser quebrado, mas... E se Franco souber e...

Respirei fundo, sem saber como continuar.

— Liga para ele e avisa que está indo.

Eu o fiz, mas a chamada foi direta para caixa-postal.

— Merda! — reclamei. — Ele deve estar em um lugar sem área.

— Por que está preocupada com o que Gabriela pode estar fazendo na casa dele?

— Porque... Porque eu gosto dele, Verô — admiti, o que ela pareceu saber antes de mim. — Eu estou apaixonada — dizer aquilo em voz alta, evitou-me de sufocar. — E morrendo de medo, porque eu nunca pensei que me sentiria assim tão... tão viva. Quando estou com ele, eu... — seu olhar passou sobre mim rapidamente. — Ok, eu não disse, mas... Estamos tentando.

— Lembra quantas vezes me perguntou como seria, quando se apaixonasse?

Assenti, e ela respirou fundo.

— Eu nunca te dei uma resposta sobre, porque não tem uma certa. — Olhei-a incrédula. — A gente sabe exatamente o que não é amor, mas sabe quando é amor.

— Eu não quero perdê-lo por uma burrice tão imatura quanto uma assinatura com o cara que eu nunca nem gostei — admiti, com raiva de mim. — Onde eu estava com a cabeça ao entrar nessa?

— Você sempre gostou de controlar o que acontecia no seu pessoal, o mesmo foi no que achou que seria amor? — a pergunta de Verô era praticamente retórica. — Agora encontrou sua resposta, sem nem perguntar.

— Franco é minha resposta.

Tentei ligar novamente, e mais outras vezes. Até mesmo, tentei entrar em contato com Gabriela, mas o celular dela parecia tão fora de área quanto o dele. Será que... Será que ela estaria próxima a ele?

FRANCO

— Patrão!

Virei-me para a voz de Sérgio e estranhei ao encontrar uma mulher mais velha, bem vestida e em saltos altos. Tentei recordar de alguma pessoa que Carolina tenha me mostrado foto e que poderia ser de sua família, mas não tinha nada em minha memória sobre a mulher à minha frente.

— Boa tarde, senhora...

— Lopes — ela falou, aproximando-se. — Gabriela Lopes.

— Em que posso ajudar, senhora Lopes?

— Aqui é a fazenda em que Carolina Reis está se hospedando?

Hospedando?

Carolina era muito mais do que aquilo, contudo, não era assunto para aquela mulher ali.

— Ela está vivendo aqui sim. — falei por fim, e olhei-a sem entender. — A senhora é o que dela?

— Futura sogra.

Duas palavras que me acertaram em cheio.

Que eu saiba, minha mãe tinha falecido quando eu ainda era pequeno. Como? Como ela poderia ser a futura sogra de Carolina?

— Desculpe, mas acho que está confusa — falei, ajeitando minha postura. — A senhora é...

— A mãe de Alfredo Lopes, o noivo dela.

E não esperava por aquela facada no meu peito, não naquele momento. Não de Carolina.



“E de repente, você é aquele que eu tenho esperado
Rei do meu coração, corpo e alma
E de repente, você é tudo o que eu quero, nunca vou te largar
Rei do meu coração, corpo e alma ”[\[35\]](#)

CAROLINA

Eu praticamente pulei do carro e segui correndo para dentro da fazenda. Parei um segundo, apenas para tirar meus saltos e ter mais mobilidade. Encontrei Sérgio no meio do caminho, que parecia não entender meu desespero, e vi-me

gesticulando ou quem sabe gritando sobre Franco. Ele me indicou a direção e vi-me correndo ainda mais.

Notei o carro importado parado à frente da fazenda, e meu coração estava na boca. Se antes eu jurava que não seria capaz de bater em alguém mais velha, naquele instante, estava reconsiderando. Quando cheguei mais próxima de uma das grandes demarcações que tinham ali dentro, que os animais ficavam de um lado, e Franco dissera que estavam verificando a segurança do cercado – ou deveria se chamar algo assim, o encontrei.

Ele tinha o cenho franzido sério, enquanto encarava Gabriela Lopes, em carne e osso, que não poderia ter aparecido em pior momento.

— Senhora Lopes! — vi-me quase gritando, e corri em direção a Franco, que finalmente pareceu notar minha presença. Seu olhar pesou no meu e engoli em seco.

Fiquei entre os dois, mais próxima a ele, e a encarei.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei, sem ter a mínima paciência.

— Vou deixá-las conversar à vontade. — Franco falou, e me surpreendeu. Virei-me para ele, incrédula, e minha mão tocou seu braço, evitando que ele fosse.

— Quem é ele? — ouvi a voz da mulher às minhas costas, e sequer me importava de fato.

— Franco, eu...

Ele apenas negou com a cabeça, e tirou seu chapéu, colocando-o sobre minha cabeça. Aquela atitude me atingiu em cheio, porque não esperava que ele considerasse o que fosse. Ele então assentiu, e montou em seu cavalo, saindo dali segundos depois.

Toquei o chapéu, incrédula.

— O que disse a ele? — perguntei, virando-me para a mulher que parecia não entender nada.

— Disse apenas o meu nome. — respondeu. — E que era sua futura sogra... — fechei os olhos e soltei um palavrão. — Não sei se estou gostando do seu tom, Carolina.

— Meu tom? — bufei. — Olha, senhora Lopes, sempre a respeitei. Mas nenhum papel, que eu ainda te avisei que seria

desfeito, te dá o direito de aparecer na minha vida e tentar me foder.

— Carolina. — a voz de Verô chegou até mim, e notei Nero logo atrás dela. — Não devia estar aqui, Gabriela.

— Não devia ter vindo até Franco. — falei de uma vez, sem me importar. — Não tinha nem que me procurar, já que eu avisei o que seria feito. Eu não vou casar com Nero, se não entendeu isso ainda.

— Mas...

Notei-a fingir um desmaio, e revirei os olhos. Nero foi rápido e segurou a mãe, mas notei a forma como ele sabia exatamente o que ela fazia.

— Sei exatamente o que precisa...

Senti a mão de Verô sobre a minha, como se para que eu parasse. Olhei-a sem entender, mas ela apenas tomou a frente. Ela não era de se intrometer em algo nosso, não quando já estávamos para resolver. O que seria aquilo?

— Vai atrás dele. — Olhei-a sem entender. — Isso não é importante para você, é? — indagou, indicando Nero.

— Não, mas... Eu posso resolver.

— Eu sei que pode, mas não precisa disso agora. — fez outro aceno com a cabeça. — Vai atrás do seu amor, eu coloco um ponto final nisso aqui.

— Verô...

Notei seu olhar que me entregava mais do que sua boca, e concordei. Ela poderia me pedir o que queria, e eu aceitaria.

— Boa sorte — falei, e saí dali, correndo na direção em que vi Franco indo.

Algo me dizia para onde ele tinha ido...

Cheguei rápido ao lago, que na minha mente, já tinha se tornado um lugar todo nosso. Não demorei para encontrá-lo, encostado na árvore, a qual quase toda a noite, a gente ficava conversando ou se perdendo no toque um do outro. Era tão bom ter aquilo com ele.

— Franco...

— Vai se casar com o filho dela? — indagou, e franzi o cenho, parando à frente dele, e trazendo seus olhos para os meus.

— Claro que não — respondi direta e sem qualquer dúvida. — Foi uma burrice de jovem adulta, ter assinado um contrato que

me casaria com o filho dela, caso não me casasse até os vinte e...

Os dedos de Franco chegaram à minha boca, e me calaram.

— Não precisa se explicar. — falou, e seus dedos traçaram minha bochecha. — Você o amou? Foi por isso?

— Amor? — perguntei, e quase engasguei com meu próprio riso frouxo.

E de repente, tudo o que aconteceu até ali, me acertou em cheio. Tudo o que vivemos em tão pouco tempo, mas que parecia valer mais do que qualquer outra vida que teria. Ou tenha vivido. A forma como ele transformava onde eu estivesse, em lar, apenas por estar ao seu redor.

Eu sabia que estava apaixonada por ele.

Eu sabia antes daquele momento, mas agora, eu sabia que não era apenas paixão.

Era mais.

O mais que eu tanto procurei e esperei.

O mais que eu temi que não pudesse ser correspondido.

O mais que eu não sabia como confessar.

O mais que eu apenas tive com ele.

O mais que apenas queria ter com ele.

— Nunca encontrei amor em outro lugar que não fosse aqui. — admiti, e não o encarei, sem a coragem e bravura que sempre me cercavam. Não quando se tratava de estar exposta assim. Nunca o fiz antes. Eu não sabia. Eu não tinha ideia de como seria.

— Nem eu. — levantou meu queixo e fez-me encará-lo. — Nunca questionou sobre o meu passado ou sobre o meu casamento, Carolina. Por que te julgaria por ter assinado algo tão jovem? Por que pareceu que ia evitar um desastre?

— Por medo. — engoli em seco. — Por medo de você entender tudo errado e eu perder... perder o que estamos construindo. — Senti uma lágrima descer, sem conseguir evitar. — Eu sei que tudo é recente demais. Mas eu também sei que eu sinto demais... por você.

— Confesso que no primeiro momento, me assustou para cacete. — confessou, e suas mãos vieram para o meu rosto, limpando levemente as lágrimas. — Medo de que você talvez amasse outra pessoa ou... Mas eu sei que o que sinto não pode ser algo apenas meu. O que temos compartilhado, Carolina. É tão nosso, que eu não duvidaria disso, nem por um segundo.

— Franco...

— Eu confio em você. — falou, e o ar me faltou. — Talvez seja cedo demais. Talvez a gente estrague tudo depois. Mas quero que saiba como me sinto.

E aquilo era tão maior que um eu te amo, que me vi pulando em seu corpo, e abraçando-o com toda minha força. Ele era tão... Tão único para mim. Diferente de todo caos e bagunça que eu pudesse imaginar que um amor seria, o dele era certo e inteiro. Era... era nosso.



“E você entende agora porque eles perdem a cabeça

E lutam as guerras

E porque eu passei minha vida inteira tentando colocar isso em

palavras”[\[36\]](#)

CAROLINA

— Vem cá.

Afastei-me levemente e senti seus lábios encontrarem os meus. Um beijo calmo e leve, que me entregava o que precisava. A certeza que apenas ele me entregava.

— Preciso te mostrar uma coisa... — falou e entrelaçou nossos dedos. — Vamos ter que cavalgar, tudo bem?

— Eu confio em você.

Um sorriso enorme se abriu em seu rosto, e ele como um especialista naquilo, me colocou rapidamente montada em Lírio, com ele logo atrás de mim. Prendi a respiração por alguns segundos, mas aos poucos, fui me acostumando. Uma de suas mãos em minha barriga, me prendendo a si, como se me segurando ali.

— Segura forte.

Não entendi no primeiro momento, nem mesmo onde seguraria, mas então, senti o galopar aumentar, e engoli o grito dentro da garganta. Se eu gritasse, sabe-se lá o que poderia acontecer. Vi-me fechando os olhos, e só os abri, quando senti o cavalo desacelerar.

Eu estava com um estoque de palavrões pronto para sair.

Mas quando abri os olhos, paralisei ao encontrar um campo de Jasmins. Notava que estávamos bem longe da parte central da fazenda, já que não reconhecia nada que enxergava.

Antes que eu pudesse indagar algo, Franco me ajudou a descer, e fez o mesmo. Não pude evitar dar um leve soco em seu peito, devido ao meu rosto que deveria estar pálido e ganhei um sorriso de presente.

— Admita que é bom.

— Só se eu quiser morrer cedo — avisei, com meu olhar preso às flores, iguais as que Jasmine me entregou assim que nos conhecemos, e que eu tinha agora dentro do meu livro favorito. — Isso é tão...

— A razão do nome de Jasmine. — falou, e logo uniu nossos dedos. — Pâmela dizia que era o lugar que ela mais sentia paz, em toda fazenda. E por isso, quando soube que era uma menina, o escolheu.

— Eu entendo o porquê — falei, admirando aquele lugar. — Isso é tão lindo... — indiquei ao redor, com a mão livre.

— Nunca se perguntou se eu a amava ou a amo. — Sua indagação me pegou de surpresa, e o encarei. — Sei que sabe que eu tenho um passado, e um fruto dele que vem junto comigo, mas... Nunca me perguntou sobre ela.

— Não queria parecer enxerida — confessei, e ele tinha um leve sorriso no canto da boca. — Eu não sou enxerida... — defendi-me, e ele arqueou a sobrancelha, como se a resposta fosse óbvia. — Não sempre. — complementei, e lhe dei a língua.

— A gente tentou se amar... — surpreendi-me com sua resposta. — Como sabe, não foi uma gravidez planejada e tudo que se seguiu... — respirou fundo. — Pâmela e eu queríamos que desse certo, mas a gente não teve tempo. Até aprender que o tempo não precisava ser apenas sobre quando ela estava viva. — Apertei levemente sua mão. — É estranho mas, eu a amei ao decorrer dos anos com Jasmine. Eu a amo pela história que ela me permitiu ter, pela filha incrível que temos, e pelo tanto que ela lutou por isso. Eu a amo por ter intercedido com meu irmão mais velho e os outros, para que a data favorita que eu tinha, quando garoto... quando ganhei esse chapéu de Ruan... — suspirou fundo, e senti a intensidade daquilo. — Os fez prometer que passariam todos os Natais com a gente. — Engoliu em seco. — Ela não está aqui, mas é como se estivesse o tempo todo — admitiu.

— Eu sei que não sou alguém dessa história, mas... Ela parece estar em todo lugar, Franco. Ela é parte de cada

coisinha... — tive que sorrir. — E é uma paz, sabe?

— Mas como disse, o tempo quando se trata de amor, é relativo. Ao menos, para mim. — Foi então que se virou, e me encarou. — Você me ensinou isso, quando nessas semanas, transformou minha vida de cabeça para baixo. Desde o momento que me tira do sério, até quando me deixa todo bobo por você... — trouxe-me para mais perto. — Não sei como estão as coisas com os Toledo, ou como será com a minha ou a sua família... Mas eu quero estar com você. Eu quero que fique comigo. Que escolha estar comigo.

— Isso me parece o pedido de casamento mais bonito que eu já. — falei, e levantei a cabeça, tentando não chorar. — Não me pede em casamento agora, homem. Eu to sem meus saltos.

Ele riu alto e tirou o cabelo que caiu sobre meus olhos, ajeitando-os no chapéu que era dele.

— Mas estou no chapéu favorito do meu cowboy favorito — falei, e fiz uma careta em seguida. — Amar você me fez mais cafona do que já sou. Isso não é justo.

— É justo, quando te amo da mesma forma.

Então seus lábios vieram para os meus, e eu não precisava nem dizer sim ou não. Nem precisava dos saltos. Ele sabia que eu ficaria. E eu sabia, que ele também.

— Eu sabia!

Dei um pulo para trás, e foi quando todo meu corpo paralisou.

Jasmine estava ali, com o celular em mãos, como se tivesse tirado uma foto, e nos encarando.

— Podem continuar, quero tirar uma foto.

Era agora que eu fingia um desmaio?



“Então você nunca foi um santo
E eu amei em tons errados
Nós aprendemos a viver com a dor
Mosaico de corações partidos
Mas este amor é valente e selvagem”^[37]

CAROLINA

— Filha...

— Jas...

— Eu fiquei esperando quando iam me contar. — falou, e pisquei algumas vezes, incrédula. — Conte para a tia Augusta que eu já sabia que estavam juntos ou... tentando. — Olhou-me, como se soubesse tudo ao redor, e a fala me faltou.

— Jas, a gente não queria te esconder nada — confessei, e parei à sua frente, engolindo em seco. — Me desculpa, eu...

— Por fazer meu pai feliz, tia? — indagou, e fiquei paralisada com suas palavras. — Eu vi que ele estava mais feliz, desde o dia que começou a morar aqui. — Sorriu levemente e a vi trocar um olhar com o pai. — E também, quando a tia Augusta apareceu, você me encontrou, usando o chapéu dele... — arregalei os olhos, e virei-me para Franco, que parecia ter se esquecido daquele detalhe também. — Me fiz de burra, confesso. — Deu uma risadinha. — Porque eu sei que adultos são mais complicados do que eu e Dai... — ela então apertou minha mão e sorriu. — Conheceu o meu campo?

— É lindo — confessei, ainda incrédula com sua reação.

— Jas... — Franco a chamou, e ela parou, enquanto me puxava para perto das flores. — Você pode dizer se não se sentir confortável com isso ou...

— Eu sempre torci para que o senhor tivesse um amor verdadeiro. — Ela então foi até ele, e tocou sua mão. — Que o senhor visse a vida além da fazenda, além de mim... Eu só quero sua felicidade. E saber que é a tia Barbie, só me deixa mais feliz ainda por isso.

— Eu não sei o que dizer, pequena.

— Só pensa no senhor, um pouquinho. — pediu, e fez um sinal com a mão que soltou da minha. — Seja o que for, se estão ficando, namorando ou não sei... Cuida bem dele, tia.

Seu olhar tão como o dele me encontrou, e senti-me quase chorar novamente. Como eu tivera tamanha sorte? De encontrar o amor, e ele ser multiplicado?

— Eu vou.

— Mas agora... — puxou minha mão novamente e então a trouxe para a do pai. — Quero uma foto! — pediu, e então reposicionou o celular, para uma selfie, e vi-me quase desabando de vez, quando o olhar de Franco encontrou o meu, e ele parecia tão emocionado quanto.

Nenhum de nós esperou por aquilo.

Era bem óbvio que ambos fugimos um do outro.

Era bem óbvio que ambos estávamos esperando qualquer destino.

Só não imaginávamos que o destino seria nosso.

— Eu amei! — Jas gritou, e então pisquei algumas vezes, lembrando que era uma foto. — Vou colocar no meu diário, assim que imprimir. E papai?

— Sim?

— Me deve um mês com seu chapéu favorito. — comentou e vi-o rir de lado, como se não esperasse por aquilo. Olhei-os sem entender. — O papai disse que se ele encontrasse o amor romântico, eu poderia ficar com o chapéu dele por um mês. — explicou e olhei surpresa para Franco.

— E aí você apareceu...

Ele então pegou o chapéu e depositou na cabeça da filha, que deu um pulinho no lugar. Ele poderia ter perdido naquela aposta, ou o que fosse, mas não tinha nem de perto o olhar de um perdedor.

— Isso é o quê?

Então encontrei Verô parada a alguns passos de nós, e ela sorriu para mim. Deixei as lágrimas descenderem, quando fui até ela,

e a abracei. Ela me segurou contra si, e eu só queria agradecê-la por tudo. Porque por ela, eu tive a chance de encontrar algo tão verdadeiro.

— Então ainda vai me dizer que não gosta dele? — brincou, e eu me afastei, rindo alto. — Bem-vindos à Família Reis.

— Quando ela disse que sabia, não me surpreendeu. — Augusta falou, sorrindo de lado. — Jas sempre foi muito esperta, e bem, acho que tá na hora de a gente ver um filme. — falou simplesmente, e sorri para o fato de que Verô ainda permanecia ali, porque Jasmine a convenceu de ficar na fazenda naquela noite.

Era como se Verô acolhesse a família que eu escolhi, e eu a amava ainda mais por aquilo.

— Boa noite, Carolina. — falou, e tocou levemente com o dedo indicador e médio na minha testa, fazendo-me sorrir. — Boa noite, Franco.

Ela deu um leve aceno de cabeça, e ele apertou a aba do chapéu.

Ajeitei-me melhor no banco branco, enquanto Franco estava ao meu lado, e seu braço ao redor do meu corpo. Tudo poderia parecer estranho, mas não era, mesmo sendo tão novo, não com a gente. Nós tínhamos passado o resto da tarde perto dos campos dos jasmims. Com Jasmine tirando mil fotos, tanto de nós, quanto das tias, logo que Augusta apareceu também.

— Acho que o aniversário dela pode ser agitado — comentei, e encostei minha cabeça contra o ombro dele. — Os Toledo, Esteves, Reis e Torres, no mesmo lugar... Fora os outros tantos.

— Só me importo em ter você e Jasmine aqui. — Eu ri, e não pude evitar apertar sua bochecha, enquanto ele retirou o chapéu e colocou sobre o meu colo. — Acho que agora não é tão importante assim o que os advogados vão achar ou não nos papéis, já que estamos juntos.

Olhei-o e notei a leve fragilidade ali, novamente, em seu olhar. Era como se quando nossos olhares se conectavam, eu pudesse entender seus temores mais profundos.

— Bom, eu acho que nem quando a gente disse que era de mentira, era — confessei, e ele assentiu. Seu braço saiu do meu entorno, e arrumei a postura, cruzando as pernas sobre o banco. — O que foi? — indaguei, ao vê-lo se mexer e pegar o violão, que estava ali, como se o esperasse.

— *Quando isso acabar, quero que toque para mim* — falou, como se imitasse meu tom de voz, mas saiu péssimo da sua boca.

— Eu não falo assim. — fiz-me de desentendida.

— Mas eu tenho um acordo para cumprir — falou, e se sentou novamente, ajeitando-se no banco. — Eu confesso que só sei o pouco de inglês que sei, por conta de Jasmine. Mas espero que não saia tão ruim, e bom, foi a parte que sei que faltou para você, naquele dia.

Olhei-o sem entender nada, mas aguardei.

Quando reconheci os acordes, meu coração errou uma batida.

— *“De manhã, na casa dele. Torrada queimada, domingo. Você guarda a camisa dele. Ele mantém sua palavra. E, pela primeira vez, você esquece dos seus medos e seus fantasmas.*

Um passo, não é muito. Mas diz o suficiente...” — a parte que eu nunca tinha coragem de cantar, porque nunca pensei que conseguiria entender. Da música que eu cantei quando estive no seu piano pela primeira vez, e ele guardou. Era claro que ele guardou aquele momento. Porque a gente sabia, antes mesmo de sentir tanto assim. Ele sabia também.

E então ele continuou: *“Vocês se beijam em calçadas. Vocês brigam e conversam. Uma noite, ele acorda. Um olhar estranho em seu rosto. Pausa, e diz...*” — ele então me encarou profundamente e eu sabia que ele queria dizer as próximas palavras: — *“Você é minha melhor amiga...”* — as lágrimas desceram, e eu acabei apenas o acompanhando com a canção, sem poder me segurar.

— *“E você sabia o que significava, ele está apaixonado...”*
— ele assentiu, continuando a tocar e cantar, e eu, junto a ele.

“Porque você consegue ouvir no silêncio

Você consegue sentir na volta para casa

Você consegue ver com as luzes apagadas

Você está apaixonado, um amor verdadeiro

Você está apaixonado...”

Ele parou e deixou o violão de lado de imediato. Notei sua falta de jeito, como se esperando minha aprovação, e vi-me indo para o seu colo, e dando-lhe um leve beijo. E nós estávamos apaixonados, e era amor verdadeiro.



“Não é apenas onde você deita sua cabeça

Não é apenas onde você arruma sua cama

Contanto que estejamos juntos, importa pra onde vamos?

Lar"[\[38\]](#)

CAROLINA

— Eu devia ter repensado isso — falei, no segundo em que senti minhas costas queimarem, porque apostava que todos os Toledo tinham feito questão de aparecer no aniversário de Jas.

Eles pareciam os mais deslocados da festa, enquanto a gente ria, se divertia e dançava. Eles estavam esperando por qualquer indício de que Franco e eu fôssemos uma mentira. Mal sabiam, que os advogados os procurariam no dia seguinte, para alertá-los que tudo que fizeram em respeito a guarda de Jasmine com Franco, até o momento, era totalmente ilegal.

Até mesmo porque não existia prova de que Pâmela realmente tenha colocado aquela cláusula no testamento. Era uma cláusula do testamento do avô dela, e faziam uso da mesma, como se estivesse certo. Só que eles estavam errados. E enquanto eles ainda não tinham o tapete puxado de vez, eu ria nos braços do homem que amava.

— Sobre? — Franco indagou, enquanto me girava levemente, pela parte próxima aos campos de jasmims, que se tornou a pista de dança do aniversário.

— Sobre você de terno — falei, e ele parou um pouco de dançar, como se não tivesse entendido. A música que tocava, definia perfeitamente, a forma que eu me sentia, ao olhá-lo tão lindo dentro de um terno sob medida. — Tá aí o motivo do meu abalo emocional... — cantei para o mesmo, e ele negou com a

cabeça, dando-me um leve beijo nos lábios. — Como você pode ficar ainda mais gostoso em um terno?

— Está dizendo que me prefere de terno? — indagou, e neguei de imediato. — Pode me ter assim novamente, no dia do nosso casamento.

— Primeiro: não existe nada maior ou melhor do que você com suas roupas diárias. É uma guerra interna te deixar sair de casa, todo dia. — Bati contra seu peito, e ele claramente segurava a risada. — Segundo: ainda estamos falando de casamento?

— Quando não estou te pedindo em casamento, Carolina? — rebateu, e eu sabia que ele já deveria ter pedido umas três vezes nas últimas semanas. E não era como se eu não desejasse aquilo, eu apenas não sentia que era o momento certo. Queria sentir o momento certo de viver o sonho de ir em busca do vestido perfeito. Porque o homem perfeito, eu já tinha. Era o que realmente importava para mim, não a celebração em si. Então, desejava estar tão animada com a celebração quanto ele. Para ter tamanho sentido para ambos.

— Quando eu te fiz ir para a capital comigo, para buscar algumas coisas, e eu achei que fosse terminar comigo —

provoquei, lembrando-me da cara fechada dele – mais do que o normal – durante todo o dia.

— Carolina... — suspirou fundo e eu sorri, apoiando-me contra seu peito.

— A mais linda de todas.

— Não consigo brigar com você. — admitiu, e eu revirei os olhos.

— A gente discute quase todo dia.

— Estou falando por coisas sérias, não por você estar vigiando a professora de piano de Jasmine por ciúmes. — comentou e eu o fuzilei com o olhar.

— Preciso lembrar que você quase bateu no irmão da minha cunhada, achando que ele tava dando em cima de mim?

— Ele foi folgado, é diferente.

— Ela é folgada com você também.

Dois pares de olhos azuis, encarando-se tão profundamente, que eu sabia que ambos sabíamos que éramos ciumentos e poderíamos ser um pouquinho sem noção quando se tratava do outro.

— Ok, meu casal favorito.

Virei-me ao som da voz de Jas, que estava tão linda, que eu quase perdi a fala quando ficou pronta. Na sua cor favorita, o amarelo, e que caía perfeitamente com cada detalhe que ela escolheu para a sua noite. As botas pretas de cowboy que remetiam a seu pai, as flores espalhadas por seus cabelos, que remetiam à sua mãe, e o vestido que era toda ela.

Ao seu lado, de mãos dadas, estava Daiana. Ela era tão tímida, que demorou alguns bons minutos para que realmente dissesse uma palavra para mim. Mas o meu sexto sentido apontava que era uma boa garota. E se ela não o fosse, e partisse o coração de Jasmine... Era algo que eu não gostava nem de pensar.

Pensar em Jasmine sofrendo, me fazia sofrer por antecendência.

— Algo errado? — adiantei-me a perguntar, olhando ao redor, e procurando algum incêndio para apagar.

Acreditava que nunca teríamos tantas pessoas na fazenda quanto naquela noite. Só a minha família já era uma pancada de gente, mas ainda assim, Jasmine tinha convidado toda sua sala de aula, e as pessoas pareciam não ter noção de que não deveriam convidar outras três mais.

A sorte era que eu não poupei nada para aquela festa, e foi um dos motivos de discutir com Franco dias atrás. Ela descobriu que eu tinha pagado metade da festa, e demorou para que entendesse que eu queria mesmo fazer aquilo. Era como o presente que eu sabia que Jasmine iria gostar. Aquela festa de quinze anos, me emocionou e tocou tanto quanto a minha.

— Só queria dizer que estão lindos, tia. — comentou, e eu me derreti toda. — Não tem uma pessoa que não disse para mim, que são lindos juntos.

— É claro que nós somos lindos — provoquei, e senti a mão de Franco ao redor da minha cintura.

— Quer dizer, tio Tadeu não comentou isso.

— Tadeu sempre é o do contra. — comentei, e ri de lado, ao me virar, e dar de cara com ele. — Oi, ursinho.

— Por que sempre está falando de mim? — rebateu, e eu revirei os olhos.

— Eu quase nunca falo de você. — pisquei um olho e notei seu semblante um pouco diferente. — O que foi?

— Senhorita Reis...

— Senhora Esteves. — Franco corrigiu um dos organizadores da festa, e cutuquei-o com o braço.

— Senhorita Reis-Esteves — falei, o homem assentiu, e notei que estava ali todo profissional, para me contar algo. — O que houve?

— Hora da primeira dança da aniversariante.

Encarei rapidamente Tadeu que apenas meneou a cabeça, como se me dizendo que poderia deixar para depois, mas algo me intrigou na sua posição. Ele não parecia daquele jeito quando chegou.

— Jas... — ela respirou fundo, e vi-me segurando suas mãos. — Se os saltos das botas incomodarem, já sabe. — assentiu, mas ainda parecia muito nervosa. — Seu pai vai estar lá com você.

Dei um breve olhar para Franco, que direcionou sua mão à dela. Ele estava claramente emocionado, desde o momento em que a viu dentro daquele vestido e pareceu se dar conta de que Jasmine crescera mesmo. Mas a forma como eles se direcionaram para o centro da pista de dança, me fez suspirar alto.

Minha família.

Antes que tudo fosse iniciado e anunciado, puxei Tadeu que apenas estava parado ali.

— Você nunca aparece para falar algo, sem que seja realmente...

— Me ligaram. — olhei-o confusa. — Me felicitando sobre o casamento.

— Que casamento?

— Você não vai se casar por agora? — indagou, e eu neguei com a cabeça.

— Por que está preocupado? — minha pergunta mal saiu e foi quando meu olhar passou para Verônica, perto do restante da nossa família, impecável em um vestido vinho, e bebendo champanhe. Ela estava misteriosa. Não o comum de todos os dias. Ela estava mais. — Verô?

— Murilo e Igor estão tentando descobrir também — comentou e eu mal sabia o que fazer. — Só pensei que pudesse saber de algo.

— De casamentos? Nos últimos dias só aquela besteira de contrato com Nero. — Foi então que me recordei de que eu não

tinha ficado até o final. — Ursinho...

— O quê?

— E se Verô estiver para se casar com Nero?

Ele me encarou, eu o encarei, e ambos não sabíamos o que pensar. O que de fato deveria estar acontecendo?

— Tia.

A voz baixa e comedida de Daiana me chamou para a realidade.

— Sim — respondi, e a encarei, ainda perdida com aquela conversa estranha com Tadeu. — Acho que vai começar.

Foi então que voltei meu olhar para o centro da pista de dança, e meu foco se tornou todo deles. Quando Tristeza do Jeca começou a tocar, o choro quase veio forte demais. Porque era a música que ele cantava para ela. Porque era a música que cantei junto a ela. Porque era uma parte deles, que se tornou, parte de mim.

E acusava dizer, que eles eram uma das melhores partes.



“Estas são as mãos do destino

Você é meu calcanhar de Aquiles

Esta é a era de ouro

De algo bom, e certo, e real”[\[39\]](#)

O vestido dela não tinha como ser apenas branco. Não o vestido de Carolina Reis.

Ele era banhado a um rosa-claro e o sol que evidenciava as nuances da cor no mesmo. Os sapatos dela eram da sua cor favorita também, e ela, se sentia de fato uma princesa, pela quase coroa que estava colocada em seus cabelos. Para a menina que ela foi, que queria tanto encontrar o amor, para a mulher que ela se tornou, e que o amor a encontrara.

Ela levou as mãos à sua barriga ainda plana e imaginou como seria, dizer em voz alta, cada parte dos seus votos. Ela poderia imaginar, como Franco a encararia, e como ele reagiria, depois dos anos juntos, em que finalmente, ela deixou que ele a levasse a um altar. Porque para ela, um anel era a última coisa que precisava. Ela precisava dele. Ela precisava de Jasmine.

Ela se encontrou ali, neles.

Batidas leves na porta, fizeram-na virar, e já tentava a fundo, segurar as lágrimas. Já tivera a visita de cada irmão, e ficava cada vez mais difícil. A cada um deles que aparecia, uma parte da sua maquiagem quase se desfazia. Porém, ela guardaria para sempre, cada palavra que eles lhes ofereceram naquele dia. E Carolina sabia que o comum era a noiva fazer a entrada com o pai. Mas ela não o teve. O que ela teve, foram os melhores quatro irmãos que poderia pedir. E a melhor mãe e pai em uma só pessoa – Verônica. Ela que lhe permitiu ter uma família real, e agora, lhe dava a chance de escolher a sua própria. Ela lhe levaria ao altar.

— Você está linda. — Jasmine falou, encarando a bela mulher à sua frente, que desde quando entrou em sua vida, era

sua inspiração. — Mais brilhante do que nunca, tia. — ela então suspirou, sabendo o que fazia ali.

Já fazia dois anos.

Dois anos em que Carolina Reis entrou na vida de Jasmine, e a transformou por completo. Dois anos em que ela descobriu como era ter uma mãe, mesmo que ela nunca tivesse colocado aquilo em palavras. De fato, não em palavras faladas.

— Mais alguém para tentar destruir minha maquiagem? — Carolina perguntou e se aproximou de Jasmine.

— Na verdade... — a adolescente de agora dezessete anos, lhe entregou o diário. Carolina encarou aquele objeto precioso e notou uma fita pink que se sobressaía, mesmo dentro do mesmo. — Eu queria te mostrar isso, há um tempo já... Mas a verdade é que tinha tanto medo de estragar tudo, que não o fiz.

— O que quer dizer?

Agora Carolina estava preocupada.

— Quando você apareceu, eu soube. — A mais velha a encarou sem entender. — Quando me chama de pequena, princesa ou mocinha, eu sei. Quando ri de cada piada ruim minha,

ou chama minha atenção por ter feito algo errado, ou quando chora com qualquer mínima dor que eu tenha... eu sei, tia Barbie.

Foi então que Carolina tomou coragem de abrir o diário de Jasmine. Assim que a página se abriu, ela levou uma das mãos à boca e a maquiagem não valia mais nada.

“Oi, mamãe Pam,

Faço esse diário, desde quando aprendi a escrever. E a senhora sabia, o que tanto pedi, por todos esses anos... Que eu tivesse a chance de ter uma nova mamãe. Que eu soubesse que era ela, quando eu a encontrasse.

Hoje, eu conheci uma moça e ela me disse que seu nome era Carolina Reis, ou podia chamá-la de Barbie. Eu escolhi chamá-la de tia Barbie. Só que a verdade, mamãe, é que eu senti. Senti aquilo que eu tanto pedi desde pequena. Senti que havia encontrado minha outra mamãe. A que vai passar comigo, tudo aquilo que a senhora tanto queria.

Percebi isso, quando ela corrigiu minha forma de chamá-la de senhora, para apenas você. Eu queria usar o mesmo pronome de tratamento que tenho com a senhora, com ela. Isso é normal? Será que estou certa?

Eu espero que sim.

Eu espero que um dia escreva nesse diário, que a chamei de mamãe.

Ela é especial, mamãe. Eu sei que é. E se a senhora a mandou para mim, para nós... obrigada.”

Carolina não poderia acreditar quando encarou a data assinada no diário, e muito menos nas palavras. Porém, lá no fundo, ela sabia exatamente como Jasmine se sentiu. Ela sabia que jamais se separaria dela, desde que se encontraram.

— Mamãe.

Carolina piscou algumas vezes e a encarou, com as lágrimas nublando sua visão. Ela então abraçou Jasmine, com todo amor que sentia, e mal conseguiu pensar direito.

— Filha... — ela então se separou e tocou o rosto da garotinha que a cada dia que passava, se tornava uma bela mulher. Os Reis, melhor do que ninguém, sabiam que sangue não era a única forma de estar conectado com alguém. Eles valorizavam a alma. — Obrigada, filha.

— Obrigada por aceitar não só o papai, mas a mim...

— Eu nunca tive que te aceitar, Jas. — sorriu para a filha, já quase mais alta que ela. — Eu tinha que te encontrar, eu sei. — ela então trouxe a mão da filha para a barriga, e sorriu. — Esse é único segredo que consegui esconder de você...

— O quê? — perguntou, sem entender.

— Não somos apenas três, não mais... — sorriu abertamente, e notou os olhos arregalados da filha. Sim, Jasmine era sua filha. — Somos quatro.

— O papai vai desmaiar no altar, pai do céu! — a menor falou, abraçando-a com força e quase dando um grito. — Vou ficar do lado dele, de prontidão.

— Ele não vai...

E foi exatamente assim que aconteceu.

Franco Esteves nunca pensou que em seus quase quarenta anos, acabaria por desmontar por inteiro à frente de várias pessoas. Pessoas que agora ele podia chamar de família. Quando ele viu Carolina, pela primeira vez, ele soube que estava destinado a ela. Poderia negar, lutar ou contrariar, mas lá estava ela, de novo, mostrando-lhe que não tinha porque correr.

Ele era dela. O tanto quanto ela era dele.

Então quando ela começou seus votos, citando a música deles e parte da sua história, ele pensou que estava preparado para tudo. Mas com Carolina Reis, tinha que ser diferente. Porque era ela que lia cada entrelinha dele. Porque era ela que encontrava cada detalhe dele. Então ao saber que seria pai pela segunda vez, o homem de um metro e noventa, quase sufocou no terno sob medida que usou especialmente naquela ocasião. E foi amparado pela filha, ao quase desmaiar, e por fim, as lágrimas o tomarem.

Poderia não ser a história de amor que eles esperavam.

Poderia ser que nenhum deles esperasse por uma.

Mas eles encontraram amor, no meio da estrada em um dia comum.

Mas eles encontraram amor, em decisões mal pensadas mas decisivas.

Mas eles encontraram amor, o verdadeiro amor.

Fim



“E não há nada como uma mulher louca

Que pena que ela enlouqueceu

Ninguém gosta de uma mulher louca

Você fez ela ficar assim

E você cutucará aquela urso até as garras dela atacarem

E você encontra um motivo para colocá-la em sua força

E não há nada como uma mulher louca"[\[40\]](#)

VERÔNICA

— Pode parar de fingir, senhora Lopes — falei, e então a mulher tentou ao menos disfarçar que não tinha fingido um desmaio. O que fazia menos sentido ainda. — Como pode ver, Carolina não vai assumir esse compromisso.

— Isso é inaceitável. — ela praticamente rosnou, e retirei meus óculos escuros, olhando-a de cima. Notei sua postura se modificar um pouco. — Os Reis cumprem sua palavra. Ao menos, é o que todos dizem desde que você assumiu o lugar de Regina.

— Não fale dela, nunca mais. — Fui incisiva, e notei outro olhar pesar sobre o meu. — Qual a motivação dele? — indaguei, ainda encarando a mulher, que dizia estar bem para o filho.

— Isso é pessoal. — Alfredo me respondeu, no tom que eu tanto já estava acostumada. Ele parecia um garotinho envergonhado à frente de qualquer um, principalmente, mulheres. Mas na minha, era como se ele tentasse se proteger, ao assumir uma posição de tamanha hostilidade clara.

— Ok. — falei simplesmente. — Como disse, eu li os papéis e tomei uma decisão.

— O quê? — os dois indagaram de imediato.

— Uma Reis para um Lopes... — recitei a frase que conhecia há muito tempo. — Nosso casamento será daqui a um mês.

— O quê?

Sustentei o olhar incrédulo de Alfredo e o de surpresa de sua mãe. Parecia que a mulher iria de fato desmaiar agora.

— Bom, tudo resolvido. — Recoloquei meus óculos. — Podem voltar de onde saíram, e entro em contato em uma semana.

Dei-lhe as costas, e já caminhava na direção que vim.

Senti um aperto firme em torno do meu braço e fui parada. Levantei o olhar e encontrei a incredulidade pura no de Alfredo.

— Por que está fazendo isso? — indagou, como se aquela fosse a pior decisão que ele já vira alguém tomar.

— Isso é pessoal. — Suas próprias palavras o acertaram. — Se tocar em mim, sem a minha permissão novamente, vai se arrepender.

Ele então me soltou, e deu dois passos atrás, como se minha presença fosse demais para suportar. No meu caso, apenas continuei meu caminho e meus próprios pensamentos.

Eu tinha muito mais para me preocupar do que um casamento por contrato com data de validade.

Continua?

NOTA

E depois desse EXTRA eu só imagino você assim: #VEMVERO. O livro dela já se encontra em pré-venda aqui na amazon (os detalhes como capa, título e sinopse serão atualizados a partir da primeira semana de lançamento de Carolina; link [aqui](#)).

E como sempre, se você sentiu curiosidade e quer encerrar essa jornada comigo e saber tudo sobre os Reis, não se esqueça de avaliar Carol, Franco e Jasmine.

O que achou deles? Surpreendeu-se? Passou nervoso? Gostou de como as coisas correram? Não se esqueça de me contar!

E os Esteves em? Que será que vem dessa história em aberto? Caso tenham interesse em saber mais deles, me conta nas redes sociais ou aqui na avaliação.

Caso queira saber mais sobre os projetos futuros, a respeito da Verônica, me siga nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura,

Aline

TORRES

árvore genealógica



UMA
grande
INESPERADA

CEO
inesperado
MEU EX MELHOR AMIGO

° BEBÊ
inesperado
DO COWBOY

UMA
família
INESPERADA
PARA O VIVO

REIS

árvore genealógica



gratidão
do
CEO
que *viu* me ama

o casamento
do
CEO
por um bebê

a filha do
VIVO
que me odeia

UMA
família
INESPERADA
PARA O VIVO

?

[1] Frase da telenovela sul coreana It's Okay to Not Be Okay.

[2] Trecho da canção intitulada AM I READY FOR LOVE? da artista norte-americana Taylor Swift.

[3] Trecho da canção intitulada I Knew You Are A Trouble da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[4] Trecho da canção intitulada Todo mundo vai sofrer da artista brasileira Marília Mendonça – álbum: Todos os cantos, vol. 2, data de lançamento: 2019.

[5] Trecho da canção intitulada Mr. Perfectly Fine da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Fearless (Taylor's Version) From the Vault, data de lançamento: 2021.

[6] Trecho da canção intitulada Abalo Emocional do artista brasileiro Luan Santana – álbum: LUAN CITY AVENIDA AMARILDO SANTANA (Ao Vivo), data de lançamento: 2022.

[7] Trecho da canção intitulada Cruel Summer da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2019.

[8] Trecho da canção intitulada Nightmare da artista norte-americana Halsey.

[9] Trecho da canção intitulada Tristeza do Jeca da dupla sertaneja brasileira Tonico & Tinoco.

[10] Trecho da canção intitulada À Palo Seco do artista brasileiro Belchior – álbum: Belchior, data de lançamento: 1974.

[11] Trecho da canção intitulada Nightmare da artista norte-americana Halsey.

[12] Trecho da canção intitulada Afterglow da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2019.

[13] Trecho da canção intitulada Delicate da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[14] Trecho da canção intitulada Red Lights do boygroup sul coreano Stray Kids (Bang Chan, Hyunjin) – álbum: Noeasy, data de lançamento: 2021.

[15] Trecho da canção intitulada Wonderland da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[16] Trecho da canção intitulada All I Want da artista norte-americana Olivia Rodrigo.

[17] Trecho da canção intitulada Delicate da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[18] Trecho da canção intitulada Wonderland da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014..

[19] Trecho da canção intitulada Sorry, I Love You do boygroup sul coreano Stray Kids – álbum: Noeasy, data de lançamento: 2021.

[20] Trecho da canção intitulada Favorite Crime da artista norte-americana Olivia Rodrigo – álbum: SOUR, data de lançamento: 2021.

[21] Trecho da canção intitulada melhor sozinha da artista brasileira Luísa Sonza – álbum: doce 22, data de lançamento: 2021.

[22] Hyunjin nasceu em 20 de março de 2000 (22 anos) em Seul, Coreia do Sul. Ele é o dançarino principal, rapper líder, sub-vocalista e o visual do grupo Stray Kids .Fonte: STRAY KIDS FANDOM <<https://stray-kids.fandom.com/wiki/Hyunjin>>

[23] Trecho da canção intitulada Gorgeous da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[24] Trecho da canção intitulada Ready For It? da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[25] Trecho da canção intitulada Cornelia Street da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2019.

[26] Trecho da canção intitulada You Are In Love da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[27] Trecho da canção intitulada Cornelia Street da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Lover, data de lançamento: 2019.

[28] Trecho da canção intitulada 700 por hora da artista brasileira Ludmilla – álbum: Hello mundo, data de lançamento: 2019.

[29] Trecho da canção intitulada Modo Avião da artista brasileira Ludmilla.

[30] Trecho da canção intitulada Morena do artista brasileiro Luan Santana – álbum: THE COMEBACK, data de lançamento: 2021.

[31] Trecho da canção intitulada Red Lights do boygroup sul coreano Stray Kids (Bang Chan, Hyunjin) – álbum: Noeasy, data de lançamento: 2021.

[32] Trecho da canção intitulada Out Of The Woods da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[33] Trecho da canção intitulada willow da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: evermore, data de lançamento: 2020.

[34] Trecho da canção intitulada Dancing With Our Hand Tied da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[35] Trecho da canção intitulada King Of My Heart da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[36] Trecho da canção intitulada You Are In Love da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.

[37] Trecho da canção intitulada State Of Grace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED (Taylor's Version), data de lançamento: 2021.

[38] Trecho da canção intitulada Home da artista britânica Gabrielle Aplin – álbum: English Rain, data de lançamento: 2013.

[39] Trecho da canção intitulada State Of Grace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: RED (Taylor's Version), data de lançamento: 2021.

[40] Trecho da canção intitulada mad woman da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.